

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Maria Jozelma Barbosa Mainente

**Relação da família com o processo de escolarização durante a pandemia:
dificuldades encontradas**

Mestrado em Educação: Psicologia da Educação

São Paulo

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Maria Jozelma Barbosa Mainente

**Relação da família com o processo de escolarização durante a pandemia:
dificuldades encontradas**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação: Psicologia da Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Carlos Caruso Ronca.

São Paulo
2022

Autorizo a divulgação do texto completo em bases de dados especializadas e a reprodução total ou parcial, por processos de fotocopiadores, exclusivamente para fins acadêmicos ou científicos, desde que citada a fonte.

Maria Jozelma Barbosa Mainente

Relação da família com o processo de escolarização durante a pandemia:
dificuldades encontradas

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Educação: Psicologia da Educação.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Antônio Carlos Caruso Ronca – PUC- SP

Professor Dra. Karin Gerlach Dietz

Mitsuko Aparecida Makino Antunes – PUC-SP

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – número do processo 88887.473739/2020-00.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – process number 88887.473739/2020-00.

AGRADECIMENTOS

Este mestrado foi uma oportunidade única com momentos de excepcional aprendizado acadêmico e pessoal. O final desta etapa é recheado de gratidão, superação, aprendizagem, conquistas e sonho realizado. Não poderia chegar à finalização da presente dissertação de mestrado sem o precioso apoio de várias pessoas.

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida, milagres diários e, principalmente pelo grande milagre vida: a maternidade, Murilo a caminho! Deus não dá a graça pela metade!

À minha família, pais, irmãos, esposo, afilhados, compadres, comadres, e amigos pelas orações, compreensão, apoio, incentivo e encorajamento a alçar voos mais altos.

Ao professor Dr. Antônio Carlos Caruso Ronca pelas orientações, por segurar em minhas mãos e caminhar junto a mim. Pela confiança, carinho e atenção. Por tantas palavras sábias e ensinamentos que ultrapassam as esferas educacionais.

À banca mais linda do mundo, Mimi e Karin. Obrigada pelas contribuições, ensinamentos e carinho.

Aos professores do Programa pelo caminhar juntos, pelo privilégio de aprender e conviver com eles.

À Mimi e turmas das disciplinas de Bases Históricas e Psicologia I, pela possibilidade de ser monitora.

À minha amiga Karin, pela amizade, incentivo, auxílio constante, por segurar em minhas mãos, me acalmar e tornar minha caminhada no mestrado mais tranquila.

Jaqueline e Jéssica por todas as chamadas de vídeo, pelo nosso grupo “G3 com J” no WhatsApp, pelas vivências, cumplicidade, companheirismo, afeto e amizade.

Aos amigos da turma do mestrado pela perseverança e luta diária para a conclusão do curso. Somos a “turma da pandemia” e juntos vencemos: Jéssica, Jaqueline, Fátima, Karin, Fernanda, Naíza, Ronaldo, Paula e Andrea.

À prefeitura municipal de Santo André pela cooperação, incentivo e permissão para a realização desse estudo. Aos familiares pela disponibilidade em participar da pesquisa.

A todos que contribuíram para que fosse possível eu chegar até aqui!

RESUMO

A pandemia causada pela COVID-19 implicou diretamente no modo de vida das pessoas. A sociedade precisou se adaptar para conviver com o vírus e sobreviver a ele. Com o tempo, a pandemia limitou as ações sociais e diversas ações foram sancionadas por órgãos públicos. Dentre estas, o fechamento das escolas e a adoção do ensino remoto em muitos municípios brasileiros. A partir dessa conjuntura, o presente estudo objetivou analisar conquistas, desafios e dificuldades enfrentados pelas famílias e estudantes durante a pandemia, para garantir o acesso, a participação e aprendizagem nas aulas remotas. O referencial teórico-metodológico desta pesquisa é a Psicologia Sócio-Histórica. Para sua realização, optou-se pelo método qualitativo, com entrevista reflexiva, contando com a participação de duas mães e um pai de alunos matriculados no 2º ano do Ensino Fundamental, no ano de 2021, que vivenciaram a pandemia nos primeiros anos de alfabetização, de uma escola municipal da cidade Santo André, estado de São Paulo. As informações coletadas nas entrevistas foram analisadas por meio da Análise de Conteúdo. Foram criadas cinco categorias para a análise e discussão. Os resultados permitiram observar que as famílias entrevistadas se organizaram da melhor maneira possível na tentativa de atender as necessidades pedagógicas, físicas, mentais e afetivas dos estudantes. Todavia, se observado do ponto de vista da pesquisadora enquanto professora da rede municipal de Santo André, não foi unânime que todas as famílias tenham conseguido adaptar a rotina durante a pandemia, pois muitos alunos permaneceram afastados do processo ensino aprendizagem, mesmo diante da adoção de mecanismos de busca ativa. Foram relatados e expostos problemas que, se analisados, estão presentes na Educação Básica há anos e se acentuaram com o cenário pandêmico, como taxa de reprovação, evasão, abandono, distorção idade-série, defasagem ano/série e, sobretudo, desigualdades sociais. Evidenciou-se a importância e a função social da escola e de toda a comunidade escolar no processo de aquisição de conhecimento e formação humana do sujeito, além da necessidade de investimento em políticas públicas estruturantes e emergenciais, que minimizem as diferentes desigualdades existentes no Brasil, escancaradas mediante a pandemia, assegurando a garantia dos direitos previstos na Constituição Federal Brasileira à todas e todos os cidadãos brasileiros. Considera-se necessária a realização de mais pesquisas sobre o tema que identifiquem as consequências da falta de acesso que a pandemia causou e as medidas adotadas por governos para saná-las.

Palavras-chave: Educação, pandemia, tecnologia, desigualdades, psicologia sócio-histórica.

ABSTRACT

The pandemic caused by COVID-19 has directly affected people's way of life. Society had to adapt to live with the virus and survive it. Over time, the pandemic limited social actions and several actions were sanctioned by public agencies. Among these, the closing of schools and the adoption of remote teaching in many Brazilian municipal areas. From this scenario, the present study aimed to analyze achievements, challenges and difficulties faced by families and students during the pandemic, to ensure access, participation and learning in remote classes. The theoretical-methodological framework of this research is Socio-Historical Psychology. For its conduction, a qualitative method was chosen, with a reflective interview, with the participation of two mothers and a father of students enrolled in the 2nd year of Elementary School, in the year 2021, who experienced the pandemic in the first years of literacy, from a municipal school in the city of Santo André, state of São Paulo. The information collected in the interviews was analyzed using Content Analysis. Five categories were created for analysis and discussion. The results showed that the families interviewed organized themselves in the best possible way in an attempt to meet the pedagogical, physical, mental and affective needs of the students. However, if observed from the researcher's point of view as a teacher in the municipal network of Santo André, it was not unanimous that all families were able to adapt their routine during the pandemic, as many students remained away from the teaching-learning process, even in the face of the adoption of active search engines. Problems were reported and exposed that, if analyzed, have been present in Basic Education for years and have been accentuated with the pandemic scenario, such as failure rate, evasion, abandonment, age-grade distortion, year/grade gap and, above all, social inequalities. The importance and social function of the school and of the entire school community in the process of acquiring knowledge and human formation of the subject was evidenced, in addition to the need to invest in structuring and emergency public policies, which minimize the different inequalities existing in Brazil, wide open through the pandemic, ensuring the guarantee of the rights provided for the Brazilian Federal Constitution to all Brazilian citizens. It is considered necessary to carry out more research on the subject to identify the consequences of the lack of access caused by the pandemic and the measures adopted by governments to remedy them.

Key words: Education, pandemic, technology, inequalities, socio-historical psychology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Algumas alterações na Constituição Federal proporcionadas pela Emenda nº 59/2009.....	21
Quadro 2 – Algumas alterações na Constituição Federal proporcionadas pela Emenda nº 59/2009.....	22
Tabela 1 – Matrículas de discentes no município de Santo André – 2020.....	24
Figura 1 – Abertura dos setores da economia de acordo com as fases – Plano São Paulo.....	28
Quadro 3 – Critérios para a retomada gradativa das atividades consideradas não essenciais.....	32
Quadro 4 – Organização de retorno presencial das atividades escolares de modo presencial, município de Santo André.....	35
Quadro 5 – Escalonamento para o atendimento semanal, de modo presencial, município de Santo André.....	37
Tabela 2 – Categorias e subcategorias de análise.....	47
Figura 2 – Médias de Proficiência 5º ano.....	77
Figura 3 – Médias de Proficiência 9º ano.....	78
Figura 4 – Médias de Proficiência 3º série do ensino médio.....	78

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEFAM	Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento ao Magistério
CESA	Centro Educacional de Santo André
CRAISA	Companhia Regional de Abastecimento Integrado de Santo André
DUE	Diretora/o da Unidade Escolar
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMEIEF	Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
FUNDEF	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PAEI	Professoras/es Assessoras/es de Educação Inclusiva
PNE	Plano Nacional de Educação
SE	Secretaria de Educação

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
INTRODUÇÃO.....	15
1.1 Problema de pesquisa.....	18
1.2 Objetivo Geral	19
1.3 Objetivos específicos	19
2. BREVE TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA	20
3. INFRAESTRUTURA DO MUNICÍPIO DE SANTO ANDRÉ	24
3.1 Ações da Secretaria de Educação do município de Santo André diante do cenário de pandemia de março a dezembro de 2020	24
3.2 Ações da Secretaria de Educação do município de Santo André diante do cenário de pandemia de janeiro a julho de 2021	28
3.3 O acesso da família à internet, instrumentos pedagógicos encaminhados e aplicativos disponibilizados pela escola e docentes	37
4. REFERENCIAL TEÓRICO – PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA.....	41
5. MÉTODO	43
5.1 Local e sujeitos.....	43
5.2 Caracterização dos participantes da pesquisa.....	44
5.3 Instrumentos, materiais e procedimentos de coleta de informações	45
5.4 Procedimento de análise: análise de conteúdo.....	46
6. ANÁLISE E DISCUSSÃO	48
6.1. CATEGORIA 1 – Pandemia afetou a saúde física e mental dos estudantes e seus familiares.....	48
6.1.1 – A saúde da família na pandemia.....	48
6.1.2 - A saúde da criança na pandemia.....	49
6.2. CATEGORIA 2 – Isolamento social: prevenção necessária e impactos (im)previstos	51
6.2.1 – A socialização das crianças ficou restrita e comprometida devido fechamento das escolas e isolamento social	51
6.2.2 – Uma nova rotina familiar foi imposta pelo isolamento social.....	54
6.3. CATEGORIA 3 – A pandemia e a possibilidade de se pensar o pós-pandemia: o que esperar? O que esperar?	56
6.3.1 – As famílias precisaram se reinventar durante a pandemia para realizar as atividades escolares com seus filhos	58
6.3.2 – Escola em tempos de pandemia: adequações necessárias	60

6.4. CATEGORIA 4 – Escola em tempos de pandemia: adequações necessárias	64
6.4.1 – Atividades impressas e online: desafios e caminhos para a aprendizagem significativa	65
6.4.2 – Ferramentas e locais para estudo	67
6.4.3 – Conectividade e tecnologia: rompem ou cultivam barreiras?.....	69
6.4.4 – A televisão como veículo de informação e desinformação	71
6.5 CATEGORIA 5 – Educação, escolarização e o processo de humanização	73
6.5.1 – Educação de ontem e hoje, grandes mudanças!.....	75
6.5.2 – “Sem o estudo na vida, a gente não é nada!”	80
6.5.3 –Cada criança é um ser único! Respeitar suas particularidades é essencial!	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS	89
APÊNDICE A – Quadro: breve trajetória da Educação Básica na legislação brasileira.....	93
APÊNDICE B – Questionário.....	99
APÊNDICE C – Roteiro de entrevista.....	101
APÊNDICE D – Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido	103
APÊNDICE E – Transcrição das entrevistas	106
APÊNDICE F – Categorias de análise.....	141

APRESENTAÇÃO

Sou Maria Jozelma, nasci em Itainópolis – PI, filha de pais semianalfabetos e nordestinos, que vieram para a “Cidade Grande” em busca de melhorias na vida de sua família. Sempre moramos em comunidades em situação de vulnerabilidade social, assim como as comunidades em que trabalho desde que ingressei na rede pública de ensino, nos municípios de Santo André e São Bernardo do Campo.

Desde menina, almejei ser professora, por acreditar que a educação é fundamental para o desenvolvimento do ser humano e da sociedade. A partir do momento em que compreendi que existem dificuldades no processo educativo, busco estudar cada vez mais, para possibilitar sua superação.

As dificuldades no processo de ensino-aprendizagem não só foram vistas, como também vividas durante meu percurso como estudante. Durante minha infância e adolescência cursei a educação básica em escolas públicas, o que não quer dizer que tive experiências de baixa qualidade.

Dei partida a esse propósito (ser professora) muito antes de iniciar o processo de escolarização. Não fui aluna da Educação Infantil, pois, na época as vagas eram escassas, não havia obrigatoriedade de oferta e, além disso, a escola que oferecia Educação Infantil, era em local distante de onde morava.

Iniciei meu processo de escolarização brincando com minha irmã e algumas amigas que moravam na mesma rua que nós. Nossa lousa, improvisada, era o guarda-roupa da minha mãe! Lá, nossos sonhos se tornavam realidade.

Com o passar dos anos, esse sonho, de tornar-me professora, ficou adormecido, até me constituir como catequista na igreja próxima de casa. A comunidade acolhia a nossa experiência e saberes com carinho.

A Paróquia possuía alguns trabalhos sociais destinados aos moradores de bairros periféricos e vulneráveis socialmente. Esses eram voltados à educação não formal, com os quais buscava o desenvolvimento artístico, social, cultural, recreativo e literário das crianças.

No mesmo período em que era catequista, trabalhei como voluntária no projeto “Casa de acolhida”, da mesma Paróquia. O leque de projetos, hoje, expandiu e recebe o nome de “Núcleo São Jerônimo”, situada no município de Santo André.

Nessa mesma época, aos 15 anos, enquanto cursava o primeiro ano do Ensino Médio, tive a possibilidade de cursar magistério, por meio do CEFAM (Centro

Específico de Formação e Aperfeiçoamento ao Magistério), na cidade de Santo André. Ali, reacendeu a chama pela educação.

O CEFAM de Santo André era localizado em um bairro nobre na cidade, entretanto os estudantes, assim como eu, em sua maior parte, vinha de bairros periféricos e vulneráveis socialmente. O ingresso ao CEFAM ocorria por meio da realização de uma prova objetiva, a qual um grande número de vagas destinava-se a alunos oriundos da rede pública de ensino que estudavam no período noturno.

No curso de formação de professores, em período integral, durante os três anos do ensino médio (do 2º ao 4º ano), fora disponibilizado aos alunos uma bolsa de estudos, no valor de um salário mínimo vigente na época, visto que os alunos dedicavam-se, exclusivamente, aos estudos, assim como tinham ciência de que o valor referente a bolsa deveria ser destinado as custas advindas das demandas de trabalhos que a instituição solicitava, assim como para as custas com transporte e locomoção no trajeto casa-escola e/ou escola-estágio. Para o recebimento da bolsa eram consideradas algumas regras, dentre elas, a assiduidade, desempenho/aproveitamento e, em casos de retenção, em qualquer que fosse a série, perderiam a bolsa de estudos e o direito de renovação de sua matrícula no centro, devendo ser providenciada sua transferência para outra escola da rede de ensino estadual de São Paulo.

Foram três anos de estudos, cursos, estágios, atividades, provas, amizades, aprendizado.

Ao concluir o curso de magistério, prestei um concurso para professora no município de São Bernardo do Campo, eram poucas vagas, nem criei expectativas devido a minha classificação final no concurso não estar dentre as previstas no edital. Nessa mesma época, ingressei na Universidade do Grande ABC, no curso de Pedagogia, e permaneci por três anos. Me formei pedagoga em dezembro de 2007.

Concomitante à universidade, trabalhei em uma empresa de *Call Center*, o salário recebido era destinado cerca de 90% para pagar as mensalidades do curso de pedagogia. Cresci profissionalmente, amadureci. Cheguei até a pensar que ali seria meu destino e, após a formatura, mais uma vez, me distanciei do magistério.

Três anos após me formar na faculdade, a prefeitura de Santo André abriu processo seletivo para professor, no modo contrato por tempo determinado. Tendo minha irmã como incentivadora, fiz a prova e passei. Novamente, o magistério batia à minha porta.

Na época, fiquei muito indecisa: não sabia se trocava o meu trabalho fixo por um contrato por tempo determinado (um ano, apenas!). Coincidentemente, nessa mesma semana, fui convocada pela prefeitura de São Bernardo do Campo para o cargo de professora efetiva (daquele concurso que eu perdera as esperanças!). Diante disso, não hesitei: soube onde deveria estar e onde deveria permanecer.

Ali, iniciara a minha jornada na educação, como profissional!

O contrato com a prefeitura de Santo André acabou. Com isso, me inscrevi na prefeitura de São Bernardo do Campo para ampliar a carga horária (de 30 para 40 horas semanais). Com essa ampliação, trabalhei no apoio pedagógico às crianças que apresentavam dificuldades na aprendizagem.

No ano seguinte (2013), a prefeitura de Santo André abriu novamente o concurso, para contrato por tempo determinado. Prestei, passei e retomei os trabalhos.

Pouco tempo após encerrar o contrato (2013), a prefeitura de Santo André, finalmente, abriu concurso para vagas efetivas. Novamente prestei, passei, fui convocada e, hoje, acumulo cargos nas duas prefeituras.

Durante todo o percurso docente, desde que era catequista, trabalho em áreas periféricas, cercadas por projetos sociais. Este é o meu lugar! É onde sou feliz!

Nesta trajetória docente, fiz algumas extensões universitárias, vários cursos, pós-graduação em Psicopedagogia e Educação Infantil, além da segunda graduação em Artes Visuais. E, agora, a realização desse sonho: Mestre em Educação!

INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, surgiu o primeiro caso de uma síndrome respiratória aguda, causada pelo Sars-Cov-2 (Coronavírus). Meses depois, especificamente em março de 2020, o vírus já circulava por diversos países e a OMS (Organização Mundial da Saúde) declarou pandemia global.

Rezende (1998, pp.153-155) esclarece a diferença entre endemia, epidemia e pandemia:

O que define o caráter endêmico de uma doença é o fato de ser a mesma peculiar a um povo, país ou região. [...] o elevado número de casos novos e sua rápida difusão constituem a principal característica da epidemia. [...] O conceito moderno de pandemia é o de uma epidemia de grandes proporções, que se espalha a vários países e a mais de um continente.

Com o fechamento das escolas e a falta de informações quanto ao retorno, surgiram vários questionamentos, como ficará o ano letivo? Quando as escolas reabrirão? Meu filho vai repetir de ano? Meu filho vai passar de ano sem ter aprendido o conteúdo para esse ano? Por que a rede particular não pode reabrir se já está com todos os protocolos sanitários de acordo? Como diminuir o abismo entre a rede particular de ensino e a rede pública? São perguntas que não tiveram respostas concretas, mesmo após pouco mais de um ano de trabalho remoto e aumento de mortes diárias.

Com a suspensão de aulas presenciais, os atores das escolas, professores, alunos e familiares tiveram que se reinventar para garantir que o ensino remoto ocorresse de forma satisfatória. Quanto ao ensino remoto, algumas escolas optaram por aulas síncronas e outras, por aulas assíncronas. Nesse ponto chegamos a alguns obstáculos: quem acompanharia as crianças nas tarefas em casa? Como seria esse acompanhamento? Qual o nível de escolarização das famílias? Todos possuem acesso satisfatório à internet e recursos digitais? Como seria o acompanhamento da equipe escolar às famílias que não possuem acesso à internet?

Isso posto, ressalta-se que a pandemia modificou o modo de vida de muita gente, chegou para escancarar o que já era sabido, no entanto, estava “camuflado”. Revelou as diversas desigualdades existentes no Brasil, dentre elas, a desigualdades educacional, de acesso e oportunidade de estudos.

Dentro de cada unidade escolar, na vivência do ensino remoto, há distintas formas de se constatar essas desigualdades, uma delas se trata do acesso às informações e atividades que os professores propõem. Muitos alunos não têm acesso às atividades via internet, destes, alguns não tiveram a possibilidade de acessar as atividades disponibilizadas de forma impressa, não contatando a escola. Como conseguir contato com essas famílias e ofertar um ensino de qualidade? Como oferecer um ensino de qualidade quando a internet é instável? Como a família vai ajudar as crianças na realização das tarefas? Em quais condições esse ensino se dá em casa?

Como citado anteriormente, com o isolamento social, houve a suspensão das atividades presenciais consideradas como serviço não essencial. Assim, as aulas deveriam ocorrer de modo remoto, conforme Portaria nº 343, de 17 de março de 2020, publicada no Diário Oficial da União, que “Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19.” A saber:

Art. 1º Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017.

§ 1º O período de autorização de que trata o caput será de até trinta dias, prorrogáveis, a depender de orientação do Ministério da Saúde e dos órgãos de saúde estaduais, municipais e distrital.

A pandemia é um problema planetário! A maioria dos dirigentes dos países empenharam-se na tomada de decisões que preservam a vida. Enquanto no Brasil, o Presidente da República nega a gravidade da pandemia, a minimiza e não busca propor estratégias e ações para reduzir o número de vítimas, além de promover medicamentos, mesmo sem a comprovação científica e se opõe à vacina. Como mencionado por Silva, Pires e Pereira (2020, p. 6).

[...] próprio Bolsonaro, que, instado a se manifestar sobre o número de mortos – àquela altura, mais de cinco mil –, disse: - “E daí?”. Esse ódio ao outro, movido pelo descaso com a ciência, revela também uma espécie de banalização ou naturalização da morte e de outros fenômenos sociais e históricos [...] Diante de tamanha crueldade, a pergunta que se impõe é: como uma sociedade consegue naturalizar estas mortes como a brasileira as naturaliza? Todo esse quadro é liderado pela personalidade autoritária e fascista de Bolsonaro e seu séquito de celerados.

Conforme decretada pelo Congresso Nacional, a Lei Orgânica nº 8080, de 19 de setembro de 1990, em seu artigo 2º, assegura “A saúde é um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado prover as condições indispensáveis ao seu pleno exercício”. Diante do cenário pandêmico, todas as esferas políticas e econômicas deveriam unir forças para garantir que não faltasse o básico aos cidadãos brasileiros. Em consonância ao art. 196 da Constituição Federal (1988):

A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.

Embora a Secretaria de Educação do município de Santo André tenha oferecido alguns recursos e possibilidades para o ensino remoto durante esse período de pandemia, estes não conseguiram abarcar a todos os estudantes matriculados e garantir o acesso pleno e satisfatório. No capítulo quatro essas ações serão discriminadas.

As condições oferecidas para o ensino remoto não contemplaram, também, a maior parte todos os professores e a população foi pega de surpresa com a pandemia e com a suspensão das aulas presenciais. O ensino remoto trouxe muitos desafios, dentre eles a formação (ou falta!) de professores, pois muitos docentes não tinham habilidades com as tecnologias, precisaram se reinventar, além de dispor de recursos próprios na tentativa de abranger o maior número de alunos, pois é sabido que o ensino remoto não atendeu a 100% dos estudantes matriculados. Diante desse cenário, os professores precisaram se adaptar a novas formas de ensino, principalmente no que tange o uso da tecnologia, necessário e fundamental.

Sobre o ensino remoto, Saviani e Galvão (2021 pp. 5-6) afirmam que:

Essa expressão "ensino remoto" vem sendo usada como alternativa à Educação a Distância, pois a EaD já tem existência regulamentada coexistindo com a educação presencial como uma modalidade distinta oferecida regularmente. Então, o "ensino remoto" é posto como um substituto do ensino presencial excepcionalmente nesse período da pandemia em que a educação presencial se encontra interdita.

Como se vê, por definição, o ensino remoto não pode se equivaler ao ensino presencial, sendo admitido apenas como exceção; e se diferencia da Educação a Distância porque também não preenche os requisitos definidos para essa modalidade. No entanto, mesmo para funcionar como substituto do ensino presencial certas condições precisam ser preenchidas tais como:

a) o acesso de todos os alunos ao ambiente virtual propiciado pela aparelhagem representada por computadores, celulares e similares;

- b) considerando que alunos e professores devam estar confinados nas suas residências, estas deverão estar todas equipadas com acesso à internet;
- c) é preciso que todos os estudantes preencham os requisitos mínimos para acompanharem, com proveito, o ensino remoto. Ou seja, é preciso que todos estejam não apenas alfabetizados em sentido estrito, mas também em sentido funcional e, mais do que isso, não sejam analfabetos digitais.

Este trabalho é iniciado com a apresentação da pesquisadora, seguido da introdução. O primeiro capítulo apresenta uma breve trajetória da educação básica brasileira, acompanhado do apêndice A, composto por uma tabela que traça, de forma breve, a trajetória da Educação Básica na legislação brasileira. O segundo capítulo expõe sobre a infraestrutura do município de Santo André, as ações da Secretaria de Educação do município de Santo André diante do cenário de pandemia durante o período de março de 2020 a julho de 2021, bem como as possibilidades dadas à família em relação ao acesso à internet, instrumentos pedagógicos e aplicativos disponibilizados pela escola e docentes. Já o terceiro trata da perspectiva teórico-metodológica adotada na pesquisa. O método utilizado para compor a pesquisa estará explicitado no capítulo quarto.

1.1 Problema de pesquisa

O ano de 2020 foi marcado por uma pandemia. Uma das maneiras para conter a pandemia é o isolamento social (quanto maior a quantidade de pessoas que podem ficar em suas casas, menor a propagação do vírus). Atrelado ao isolamento, o distanciamento social, a higiene pessoal e dos espaços também são de extrema importância para que a propagação ocorra de modo menos veloz e não sobrecarregue o SUS (Sistema Único de Saúde).

No final de março de 2020, grande parte dos estados e municípios brasileiros (assim como a maioria dos demais países), visando a redução de circulação de pessoas e com isso, a diminuição do contágio do vírus, optaram pelo fechamento das unidades escolares e suspensão de aula presenciais, uma vez que as crianças eram assintomáticas e muitas conviviam com pessoas idosas, as mais afetadas pela doença.

Diante do fechamento das escolas e da adoção do ensino remoto, surge uma questão: Durante o ensino remoto, como as famílias acompanharam os estudantes na realização das atividades propostas pelos professores?

1.2 Objetivo Geral

Devido ao fechamento das escolas e adoção do ensino remoto, coloca-se o seguinte objetivo geral para a pesquisa: analisar as conquistas, os desafios e dificuldades enfrentados pelas famílias e estudantes durante a pandemia, para garantir o acesso, a participação e aprendizagem nas aulas remotas.

1.3 Objetivos específicos

Especificar as ações realizadas pela Secretaria de Educação do município de Santo André, durante a pandemia no período de março de 2020 a julho de 2021;

Verificar quais das ações realizadas pela SE, equipe gestora e docentes que possibilitaram à família o acesso, a participação e a aprendizagem do estudante;

Identificar o que prejudicou o acesso, a participação e a aprendizagem do estudante durante o ensino remoto;

Compreender como as famílias vivenciaram o período de pandemia;

Buscar elementos que contribuam no entendimento da relação estabelecida entre família-estudante e escola durante a pandemia;

Analisar como se efetivou o acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos no período pandêmico.

2. BREVE TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA

O Sistema Educacional Brasileiro é regido por inúmeras leis. Desde a Constituição Federal de 1824 até a última e atual, promulgada em 1988, além de leis e emendas posteriores que foram criadas com o objetivo de universalizar e redemocratizar a educação básica brasileira.

A atual constituição brasileira é a 7ª, as anteriores foram as de 1824 (Brasil Império), 1891 (Brasil República), 1934 (Segunda República), 1937 (Estado Novo), 1946, 1967 (Regime Militar) e por fim, 1988 (Constituição Cidadã). A educação, apesar de estar presente em todas as Constituições Brasileiras, fora reconhecida como direito público subjetivo somente na atual Constituição, promulgada em 5 de outubro de 1988.

Sabe-se que a educação é um direito indispensável, incluso entre os direitos sociais previstos na Constituição Federal de 1988. Em seu artigo 6º, determina-se que “são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados”. (BRASIL, 1988).

A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 205 e 208, fixam a educação como direito de todos e dever do Estado:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

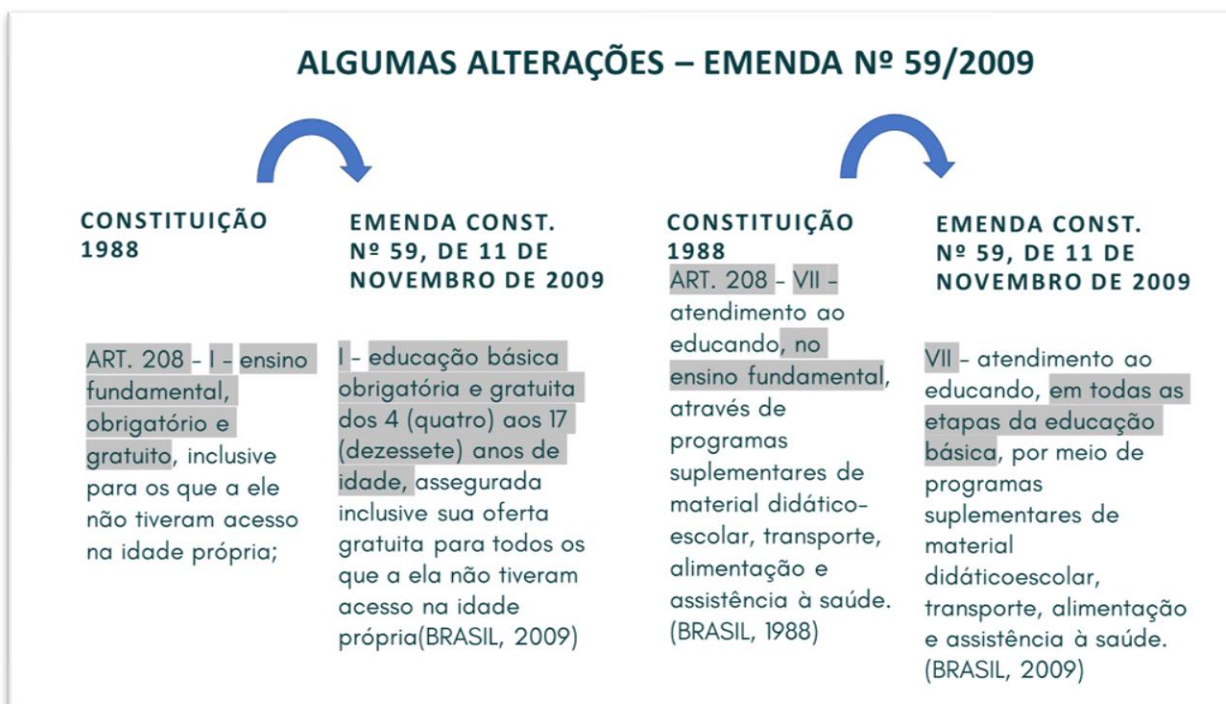
Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria; [...] § 1º O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo. (BRASIL, 1988)

A educação denominada “básica” foi instituída a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96. Conforme o dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, a definição da palavra básica é basilar, que serve como base, que é primordial, essencial ou fundamental.

A Emenda Constitucional nº 59/2009, contribui para a garantia da educação como um direito a todos os cidadãos, como a educação básica, que passou a ser obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos. Neste momento, o Ensino Médio passou a ser obrigatório, compreendido com parte integrante da educação básica brasileira.

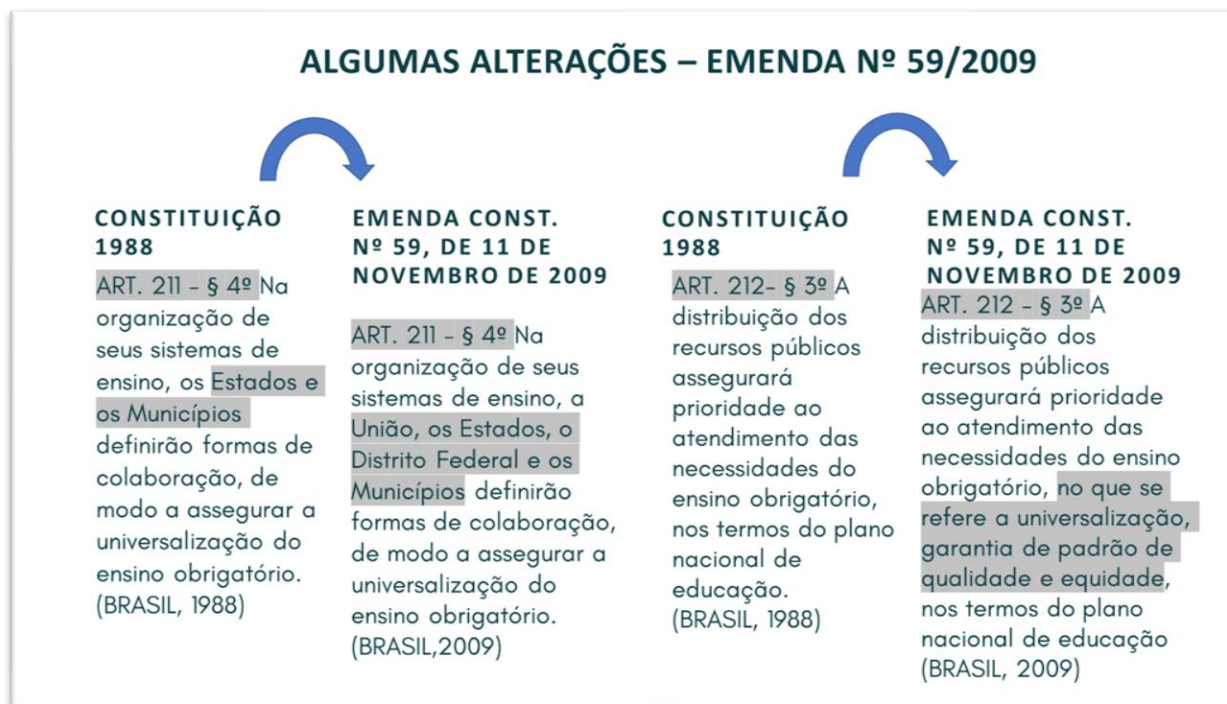
Com essa Emenda Constitucional, promoveram-se alterações substanciais ao artigo 208 da Constituição de 1988. Nas imagens, a seguir, são apresentados os pontos principais da Emenda nº 59/2009:

Quadro 3 - Algumas alterações na Constituição Federal proporcionadas pela Emenda nº 59/2009



Fonte: Elaboração da autora.

Quadro 5 - Algumas alterações na Constituição Federal proporcionadas pela Emenda nº 59/2009



Fonte: Elaboração da autora.

Ainda sobre a Emenda Constitucional nº 59, salienta-se a inclusão do inciso VI, ao artigo 214, que dispõe sobre o Plano Nacional da Educação, “estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do produto interno bruto”. (BRASIL, 2009).

O Plano Nacional de Educação é o documento que estabelece as diretrizes, metas e estratégias para a gestão e financiamento da educação. O primeiro PNE foi elaborado para o decênio de 2001 – 2010 e o atual, para o decênio de 2014 – 2024. Para que as metas sejam alcançadas, são propostas estratégias a serem atingidas durante a vigência do PNE. As estratégias são os “caminhos” que deverão ser percorridos para que as metas sejam atingidas, ou seja, o quê e como fazer. Conforme consta no art. 214 da atual Constituição Brasileira:

Art.214 A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração decenal, com o objetivo de articular o sistema nacional de educação em regime de colaboração e definir diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação para assegurar a manutenção e desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis, etapas e modalidades por meio de ações integradas dos poderes públicos das diferentes esferas federativas que conduzam a [...] (BRASIL, 1988)

Salienta-se que a lei que estabeleceu o PNE fora antecedida por diversas leis, a saber: a ampliação do Ensino Fundamental de oito para nove anos de duração, desse modo, a matrícula para o Ensino Fundamental tornou-se obrigatória a partir dos seis anos de idade, dada pela Lei nº 11.274 de 2006; criação do FUNDEB (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação), que trata diretamente a respeito do financiamento da Educação, envolvendo as três esferas federal, estadual e municipal. Em agosto de 2020, por meio da Emenda Constitucional 108/2020, fora aprovado no Congresso o “novo” FUNDEB, após grande luta e defesa de todos os que acreditam e lutam por uma educação de qualidade acessível a todos os cidadãos.

Ressalta-se que, que historicamente pontuando, o FUNDEB substituiu o FUNDEF (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério), ampliando a complementação de recursos por parte da União, adicionando novos critérios de distribuição, destinação de mais recursos para a Educação Infantil, indução para melhoria da qualidade, entre outros.

Analisando atentamente essa breve “linha do tempo” da educação, nota-se o grande avanço que a educação básica deu em termos legais para a garantia da educação como direito de todas as crianças, jovens e adultos. No entanto, precisa evoluir, e muito, investindo em políticas públicas estruturantes e focalizadas, além da criação de novas leis e da “fiscalização”, por parte dos órgãos competentes e da sociedade, das leis que já estão em vigor, com o objetivo de reduzir as desigualdades tão presentes na sociedade, qualificar a educação, garantir acesso e permanência, entre tantos outros direitos presentes na legislação brasileira.

3. INFRAESTRUTURA DO MUNICÍPIO DE SANTO ANDRÉ

O município de Santo André, localizado no Grande ABC Paulista, tem, de acordo o IBGE¹, extensão territorial de 175.782 km² e população estimada em 721.368 habitantes. Até dezembro de 2020, o município era composto por 96 unidades escolares, entre EMEIEFs (Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental) e creches. As EMEIEFs atendem discentes da Educação Infantil inicial (4 anos) ao 5º ano do Ensino Fundamental, destas, em algumas unidades, há o atendimento à modalidade de EJA (Educação de Jovens e Adultos). Já nas creches, o público-alvo são crianças de 0 a 3 anos. A rede municipal de ensino conta, também, com cinco Centros Públicos profissionalizante e doze CESAS (Centro Educacional de Santo André). A seguir, no quadro², são expostos os dados sobre as matrículas de discentes no município, no ano de 2020, conforme Censo Escolar:

Tabela 1 – Matrículas de discentes no município de Santo André – 2020

SEGMENTO	QUANTIDADE DE ESTUDANTES MATRICULADOS
Creches	8.370
Pré-escolas (Educação Infantil)	9.849
Ensino Fundamental, Anos Iniciais	17.143
Ensino Fundamental, Anos Finais	0
Ensino Médio	0
EJA	2.525
Educação Especial	1.117
TOTAL DE ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA 96	

Fonte: Censo Escolar/INEP 2020 – QEdu.org.br

3.1 Ações da Secretaria de Educação do município de Santo André diante do cenário de pandemia de março a dezembro de 2020

¹ Disponível em <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/santo-andre.html>. Acesso em 15 mar. 2021

² Disponível em https://www.qedu.org.br/cidade/2906-santo-andre/censo-escolar?year=2020&dependence=0&localization=0&education_stage=0&item=. Elaborado pela autora. Acesso em 15 mar. 2021

O cenário educacional sofreu mudanças com a pandemia. Foram adotadas diversas ações a fim de diminuir a propagação do vírus. Santo André, em consonância com as esferas Federal, Estadual e com o Consorcio Municipal do Grande ABC – composto pelas cidades Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Mauá, Diadema, Rio Grande da Serra e Ribeirão Pires – também as considerou. As ações da prefeitura de Santo André foram pautadas, também, considerando o Plano São Paulo.

A prefeitura de Santo André, por meio do Decreto Municipal nº 17.322, de 19 de março de 2020, declarou situação de emergência em todo o Município de Santo André com o propósito de prevenção e enfrentamento do Coronavírus.

Em 16 de março de 2020, as Unidades Escolares receberam o comunicado da Secretaria de Educação, informando que a presença dos alunos no período de 16 de março de 2020 a 20 de março de 2020 seria facultativa e as faltas computadas, porém justificadas. Nesse período, nenhum conteúdo novo poderia ser ofertado, somente revisão e esclarecimentos sobre a COVID 19, ocorrendo uma suspensão gradativa das ações escolares para as famílias conseguirem se organizar e adequar às medidas propostas. A primeira quinzena de suspensão de aulas ocorreu de 23 de março a 03 de abril de 2020, conforme Decreto nº 17.317, de 16 de março de 2020³:

Art. 3º A suspensão das aulas nas escolas ou creches municipais será realizada da seguinte maneira: I – suspensão gradativa entre os 16 e 20 de março de 2020, quando os pais poderão optar por deixar seus filhos nas escolas ou creches da rede pública de ensino, para que possam se adequar às medidas temporárias de prevenção previstas neste decreto; II – suspensão total entre os dias 23 de março e 03 de abril de 2020, como medida de proteção e resguardo dos alunos. Parágrafo único. As faltas durante o período de suspensão, gradativa e total, não serão registradas.

A princípio, imaginava-se que esses quinze dias seriam suficientes para conter a pandemia e retomar a rotina de modo habitual. No entanto, o cenário de pandemia foi ampliando, os casos aumentando e as mortes, acontecendo.

Na tentativa de diminuir o impacto de perdas na aprendizagem dos alunos, melhor organização da Secretaria de Educação e nova avaliação do cenário pandêmico, estipulou-se recesso escolar. Assim, o recesso que, habitualmente, ocorre em julho, ocorreu em abril (de 01 a 15 de abril de 2020), conforme resolução complementar de calendário escolar, disposto na Resolução nº 02/2020.

³ Disponível em: <http://www4.cmsandre.sp.gov.br:9000/legislacoes/28361/ficha>.

Os desdobramentos da pandemia continuavam incertos para a população e a cada novo boletim sobre a pandemia publicado por meio dos diversos veículos de comunicação, novas medidas precisaram ser adotadas para tentar conter a propagação de casos de contaminação e, sucessivamente, os casos de falecimentos.

Durante a suspensão das aulas presenciais, a prefeitura ofereceu às famílias dos alunos regularmente matriculados na rede municipal e aos alunos das creches conveniadas, o kit merenda, intitulado de “Programa Merenda em Casa” (itens alimentícios e de higiene – um kit por família, independentemente do número de número de filhos). Conforme publicado no site oficial da prefeitura⁴, “O kit de alimentos é fornecido pela CRAISA (Companhia Regional de Abastecimento Integrado de Santo André), empresa pública responsável pelo fornecimento das merendas na rede municipal de ensino [...] O kit de limpeza, é disponibilizado pelo Fundo Social de Solidariedade de Santo André.”

O programa acima mencionado, estabelece a entrega de um kit de alimentos e um kit de limpeza por família, porém, há famílias moradoras de áreas periféricas que não possuem outras fontes de renda e a composição familiar é dada por mais de um estudante matriculado na rede municipal de ensino. Com isso, o recebimento de apenas um kit não fora suficiente para suprir as necessidades alimentícias das crianças que moram nessas respectivas residências.

A Secretaria de Educação disponibilizou também, de forma gradual, a todos os alunos matriculados nas unidades escolares municipais um chip com 20 GB (gigabyte) de dados móveis, destinado exclusivamente para que as famílias pudessem acessar as propostas de atividades disponibilizados pelos professores por meio das redes sociais.

Na unidade escolar em que esta pesquisa foi realizada, o chip foi entregue no mês de novembro de 2020. No entanto, para algumas comunidades escolares, os chips não valeriam de nada, pois muitos não possuem aparelhos celulares ou *tablets* para usufruir dos dados de internet disponibilizados. Aponta-se que tais características não foram encontradas só no município pesquisado

⁴ Disponível em <https://www2.santoandre.sp.gov.br/index.php/noticias/item/13476-prefeitura-de-santo-andre-inicia-entrega-de-kits-do-programa-merenda-em-casa>. Acesso em 08 de mar. 2021

O acesso à internet continua desigual no País. No Brasil praticamente metade da população não tem acesso à internet ou tem acesso limitado e instável. As desigualdades no acesso e usos da internet em muitas áreas urbanas periféricas e zonas rurais reforçam as diferenças marcadas por vulnerabilidades sociais. (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020, p. 210)

Criação do Plano São Paulo para enfrentamento da pandemia

O Decreto Estadual nº 64.994, de 28 de maio de 2020, instituiu a criação do Plano São Paulo, sendo este o “resultado da atuação coordenada do Estado com os Municípios paulistas e a sociedade civil, com o objetivo de implementar e avaliar ações e medidas estratégicas de enfrentamento à pandemia decorrente da COVID-19”. (SÃO PAULO, 2020)

Conforme noticiado no site oficial do governo do Estado de São Paulo⁵, em 01 de junho de 2020, esclarece sobre as fases do Plano São Paulo:

São ao todo cinco fases. A fase 1 é aquela que prevê mais restrições. A fase 5 é aquela em que há mais atividades liberadas, mas também seguindo mecanismos de controle. O cálculo que define em qual fase uma região está leva em conta, por exemplo, a capacidade do sistema de saúde da região e a evolução do número de casos, internações e óbitos provocados pela COVID-19. [...] As cinco fases do programa vão do nível máximo de restrição de atividades não essenciais (vermelho) a etapas identificadas como controle (laranja), flexibilização (amarelo), abertura parcial (verde) e normal controlado (azul). O objetivo da classificação é assegurar atendimento de saúde à população e garantir que a disseminação do coronavírus em níveis seguros para modular as ações de isolamento.

⁵ Disponível em <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/nova-fase-do-plano-sao-paulo-comeca-nesta-segunda-feira-1o/>
Acesso em 29 jun 2021

Figura 2 – Abertura dos setores da economia de acordo com as fases – Plano São Paulo

Abertura dos setores da economia de acordo com as fases					
 					
Setores temáticos	Fase 1	Fase 2	Fase 3	Fase 4	Fase 5
 Espaços públicos	x	x	x	x	✓
 Atividades imobiliárias	x	Aberto com restrições	✓	✓	✓
 Concessionárias	x	Aberto com restrições	✓	✓	✓
 Escritórios	x	Aberto com restrições	✓	✓	✓
 Bares, restaurantes e similares	x	x	Aberto com restrições	Aberto com restrições	✓
 Comércio	x	Aberto com restrições	Aberto com restrições	Aberto com restrições	✓
 Shopping center	x	Aberto com restrições	Aberto com restrições	Aberto com restrições	✓
 Salão de beleza	x	x	Aberto com restrições	Aberto com restrições	✓
 Academia	x	x	x	Aberto com restrições	✓
 Teatro, cinemas	x	x	x	x	✓
 Promover eventos que geram aglomeração, incl. esportivos	x	x	x	x	✓
 Educação	A ser definido				✓

Fonte: https://www.saopaulo.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/05/PlanoSP_vf5.pdf.

Nota-se que, de todos os setores temáticos, em 28 de maio de 2020, a Educação era uma incógnita, diante de tantos desafios, incertezas, dúvidas, insegurança e até mesmo medo de alguns atores das escolas, muitos estudos precisariam ser realizados para que a retomada de modo presencial fosse consciente e segura, uma vez que “escola é sobretudo, lugar de gente”. (Autor desconhecido)

3.2 Ações da Secretaria de Educação do município de Santo André diante do cenário de pandemia de janeiro a julho de 2021

- Protocolos sanitários – orientações, práticas e cuidados essenciais no atendimento das escolas municipais da rede de ensino de Santo André – Plano de ação para retomada

O ano de 2021 iniciou com muitas especulações e incertezas quanto ao retorno presencial. Vários questionamentos eram feitos pela equipe escolar e familiares: “As aulas presenciais vão voltar mesmo?”, “Como isso vai acontecer com o avanço de casos e de mortes ocasionadas pela COVID-19?”, “As escolas estão organizadas de acordo com os protocolos sanitários?”, “Como se darão as relações entre alunos e entre alunos e professor?”, “A presença do estudante será obrigatória?”, “Posso mandar meu filho à escola só depois da vacina?”, “Não estou seguro de mandar meu filho para escola, vai contar falta?”. Enfim, essas e muitas outras dúvidas eram frequentes e constantes nas conversas pelo WhatsApp, nas postagens em redes sociais e na secretaria da escola.

Em fevereiro de 2021, com 11 meses em pandemia, os números de casos de infectados e vidas ceifadas pelo vírus SARS-COV-2 só aumentavam, infelizmente.

O retorno as atividades escolares das equipes gestoras e docentes, se deu de modo remoto, em 02 de fevereiro de 2021, assim como fora estabelecido desde março de 2020, devido o avanço da pandemia no país.

Em 02 de fevereiro de 2021, foram enviados, via e-mail, as equipes gestoras e docentes de creches e EMEIEFs, o documento intitulado por “Protocolos sanitários – orientações, práticas e cuidados essenciais no atendimento das escolas municipais da rede de ensino de Santo André – Plano de ação para retomada”, objetivando apropriação e aprofundamento desses protocolos por toda a comunidade escolar, bem como a importância de sua análise e discussões em reuniões futuras.

Estes protocolos foram elaborados de forma conjunta com representantes dos diversos setores do município que compõem a Secretária de Educação e a Secretaria da Saúde: Gerência do Ensino Fundamental, Coordenadoras de Serviços Educacionais, Coordenação de Estudos Pedagógicos e Curriculares, Coordenação de Educação Física Escolar, Equipes Gestoras de EMEIEF, EJA e Centros Públicos, Docentes, Equipe Administrativa, Professoras/es Assessoras/es de Educação Inclusiva (PAEI), Gestoras/es dos CESA, Equipe de Apoio, Equipe Técnica da CRAISA, Equipe Técnica da Secretaria de Saúde, Comunidade Escolar e Conselho de Escola. Os protocolos sanitários propuseram ações para nortear as práticas educativas, bem como a organização das Unidades Escolares, com a necessidade de

atualização periódica para adequações de acordo com as medidas preventivas e de combate indicadas pelos órgãos de saúde e pelo Plano São Paulo⁶.

O prefácio desse documento, além de enfatizar que fora elaborado com base na Ciência e recomendações da área da Saúde, ressalta a importância de adaptação de cada Unidade Escolar, tendo em vista suas especificidades:

Construímos o protocolo sanitário O protocolo Sanitário para EMEIEF foi construído seguindo as recomendações das organizações de saúde e do amplo debate realizado com a comunidade escolar, à luz dos conhecimentos atualizados da ciência.

As recomendações deste Protocolo devem ser adaptadas para cada realidade, considerando as diretrizes do documento e as especificidades de cada unidade escolar, com o objetivo de promover a segurança de todos.

Em ação conjunta com a rede municipal de ensino, todas as unidades escolares, por meio de reuniões pedagógicas, via plataformas on-line, estudaram o documento e fizeram apontamentos para suprir as particularidades de cada instituição.

Em 03 de fevereiro de 2021, a secretaria de Educação encaminhou às Unidades Escolares Municipais a apresentação em Power Point contendo as Diretrizes e Desafios – 2021/2024.

● **Diretrizes e Desafios – 2021/2024**

Todas as Unidades Escolares Municipais receberam o documento intitulado por “Educação 2021/2024 - Diretrizes e Desafios”⁷, o qual explicita 10 princípios da gestão da Secretaria da Educação Municipal:

- 1 – Diálogo aberto voltado aos objetivos da educação (gestão democrática-princípio constitucional)
- 2 – Comunicação fluida entre os Órgãos da pasta para melhor atender ao cidadão
- 3 – Criação de programas intersetoriais importantes para atender alunos e professores
- 4 – Utilização de todos os recursos locais /regionais a favor da aprendizagem e desenvolvimento dos alunos
- 5 - Busca da melhoria contínua das condições de trabalho e implantação de política de acolhimento aos alunos e aos profissionais da escola

⁶ O Plano São Paulo é a estratégia do Governo do Estado de São Paulo para vencer a COVID-19, baseado na ciência e na saúde. Disponível em <https://www.saopaulo.sp.gov.br/planosp/>. Acesso em 26 jun. 2021

⁷ Documento enviado às Unidades Escolares Municipais, em formato de apresentação no Power Point, em 03 de junho de 2021

6 – Formação continuada de docentes, gestores e servidores, incluindo formação socioemocional e desenvolvimento de habilidade em novas tecnologias

7 – Cuidados com a organização da escola e a orientação dos seus profissionais para a construção de modelo de ensino híbrido (necessário em virtude da mudança brusca da realidade)

8 – Manutenção sistemática das estruturas físicas, mobiliários e equipamentos das escolas e da educação

9 – Tecnologia e inovação (métodos de ensino, procedimentos processuais administrativos, processos de comunicação –burocracia comprometida com resultado – em respeito ao direito dos profissionais e dos cidadãos)

10 – Avaliação sistemática de programas e projetos.

Além dos princípios acima, o referido documento elenca, também, os princípios da gestão escolar:

- A ESCOLA É O CENTRO DO SISTEMA EDUCACIONAL – porque ali deve acontecer a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno, instrumentos de promoção da qualidade de vida.

- FAMÍLIA: PARCEIRA PRIVILEGIADA – oferecer programas de fortalecimento para participação propositiva nos colegiados e na vida escolar dos filhos.

- Parcerias com as comunidades do entorno, levando em conta a importância das relações intergeracionais, considerando o índice de envelhecimento do nosso município.

Ressalta-se que esse documento fora encaminhado às Unidades Escolares por meio de e-mail, em formato de apresentação no Power Point e discutido em Reuniões Pedagógicas.

- **Decretos Municipais que regulamentam ações durante a pandemia, inclusive na Educação– 2021**

Conforme calendário escolar, o ano letivo teve início de modo remoto em 08 de fevereiro de 2021 e, conforme Orientação Normativa da Secretaria da Educação Municipal, o atendimento aos alunos, ainda de modo remoto, seguiria com base nas estratégias metodológicas para o Ensino Fundamental. Por conseguinte, as atividades foram planejadas, pelos docentes, com foco em orientações às famílias referentes a interações com a criança, construção de rotina durante o período remoto, indicações de leituras e vídeos, além da organização e planejamento de chamadas de vídeos e postagens diárias nas mídias sociais (Blog e WhatsApp) com as atividades a serem desenvolvidas.

De acordo com a orientação da Secretaria de Educação de Santo André e decretos promulgados, o atendimento seria remoto até 26 de fevereiro e, a partir de 01 de março de 2021, iniciaria de modo presencial, escalonado, respeitando todas as medidas de segurança e seguindo os protocolos sanitários. Entretanto, muitas foram as mudanças ocorridas ao longo do primeiro semestre de 2021.

O Decreto Municipal nº 17.568⁸ de 15 de janeiro de 2021, dispôs sobre as atividades escolares no município de Santo André, tanto na rede municipal, quanto na estadual e privada, em razão da pandemia decorrente do Coronavírus.

Nesta ocasião, conforme o balanço do Plano São Paulo, a Cidade de Santo André fora reclassificada na Fase Amarela, uma vez que já tinha avançado para Verde em período anterior. O Plano São Paulo determina a retomada gradativa, consciente e segura das atividades consideradas não essenciais, obedecendo todos os protocolos sanitários e com base nos critérios: Capacidade do Sistema de Saúde e evolução da epidemia, conforme quadro a seguir:

Quadro 3 – Critérios para a retomada gradativa das atividades consideradas não essenciais

CRITÉRIOS	INDICADORES
Capacidade do Sistema de Saúde	Taxa de ocupação de leitos UTI COVID. Leitos UTI COVID / 100k habitantes
Evolução da epidemia	Número de casos Número de internações Número de óbitos

Fonte: Elaboração da autora. Informações disponíveis em https://www.saopaulo.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/05/PlanoSP_vf5.pdf. Acesso em 28 jun 2021

Por meio deste levantamento, ficou estabelecido que, na Cidade de Santo André, o retorno presencial dos estudantes seria de forma gradual, a partir 18 de fevereiro de 2021, para a rede privada do Ensino Infantil ao Ensino Superior. Já para a rede municipal e estadual de ensino da Cidade de Santo André, seria a partir de 01 de março de 2021, para os ensinos infantil, fundamental e médio, também de forma

⁸ Disponível em <http://www4.cmsandre.sp.gov.br:9000/normas/29383/texto-original?ancora=>. Acesso em 27 jun 2021.

gradual. Para tanto, alguns critérios deveriam ser seguidos, objetivando a segurança de todos e a prevenção a disseminação do Coronavírus.

Art. 1º Este decreto dispõe sobre o retorno presencial das atividades escolares na Cidade de Santo André, em razão da pandemia decorrente do Coronavírus.

Art. 2º Fica estabelecido, a contar de 18 de fevereiro de 2021, o retorno presencial das atividades escolares, de forma gradual, na rede de ensino privada, para os ensinos infantil, fundamental, médio e superior, do Município de Santo André.

Art. 3º O retorno presencial das atividades escolares para a rede de ensino municipal e estadual, da Cidade de Santo André, será de forma gradual, a partir de 01 de março de 2021, para os ensinos infantil, fundamental e médio.

Art. 4º As instituições de ensino deverão obedecer aos seguintes critérios:

I - Para os ensinos infantil, fundamental e médio:

- a) presença limitada a 50% (cinquenta por cento) dos alunos matriculados;
- b) presença intercalada dos alunos na escola, devendo a escala ser estipulada por cada instituição. [...]

Art. 5º Para o funcionamento presencial, das instituições de ensino, deverão ser observadas as seguintes medidas:

- I – utilização obrigatória de máscaras de proteção facial;
- II – distanciamento mínimo de 1,5m (um metro e meio) entre as pessoas, sinalizando posições no piso ou assentos, sempre que necessário;
- III – utilização dos bebedouros de água potável apenas com copos descartáveis e garrafas próprias;
- IV – adaptação de áreas de uso comum para evitar aglomeração;
- V – não realizar atividades que possam gerar aglomeração;
- VI – manter ventilação natural, evitando o uso do ar-condicionado, sempre que possível;
- VII – limpeza e higienização periódicas dos locais e objetos de uso comum;
- VIII – disponibilizar álcool em gel em pontos estratégicos;
- IX – divulgação de informações acerca da prevenção e enfrentamento da pandemia decorrente do Coronavírus;
- X – aferir a temperatura corporal das pessoas restringindo o acesso caso esteja acima de 37,5°C.

Parágrafo único. Além das medidas previstas neste artigo, deverão ser observados os protocolos sanitários do Município de Santo André e do Governo do Estado de São Paulo. [...]

Art. 8º A Secretaria de Educação deverá expedir normas complementares para regulamentar os procedimentos necessários para o retorno gradual das aulas presenciais na rede municipal de ensino.

Conforme descrito acima, estava tudo alinhado para que o retorno presencial acontecesse, porém houve o aumento significativo no número de casos de internações e mortes decorrentes do coronavírus, o que ocasionou, mais uma vez, a prorrogação do início das aulas de modo presencial, no período de 01 a 14 de março de 2021.

Infelizmente, a propagação do vírus se alastrou, assim como o número de vítimas fatais decorrentes do coronavírus. Diante disso, mais uma vez, por meio do

Decreto Municipal nº 17618⁹ de 12/03/2021, houve a suspensão de diversos serviços no município em consonância ao Plano São Paulo, compreendendo o período de 15 a 30 de março de 2021. No que tange a educação, segue artigo e incisos:

Art. 4º Ficam suspensos durante o período das medidas emergenciais de que trata este decreto:[...]

II - as atividades escolares, na forma presencial, em toda rede de ensino público municipal e estadual e na rede privada.

Em síntese, considerando as estratégias metodológicas estabelecidas pela Secretaria de Educação, por meio da Orientação Normativa, as aulas ocorreram de modo remoto durante os meses de fevereiro, março, abril e até meados de maio. São as estratégias metodológicas para o Ensino Fundamental:

- Orientações às famílias, tutoras/es ou responsáveis, quanto à interação com a criança, mediante momentos organizados no dia, buscando contemplar a realização de todas as propostas encaminhadas objetivando o desenvolvimento integral da criança.
- Orientações às famílias, tutoras/es ou responsáveis de como organizar uma rotina, envolvendo a criança, em propostas de higiene/cuidados corporais, estudos, brincadeiras variadas, músicas e jogos diversos.
- Orientações às famílias, tutoras/es ou responsáveis, com indicações de leitura diária de textos, para as crianças.
- Propostas a serem realizadas de acordo com os materiais didáticos utilizados pela escola, quando possível, com os Livros Didáticos (PNLD), envolvendo propostas ajustadas à complexidade que ela poderá realizar.
- Elaboração e disponibilização de materiais impressos, compatíveis com as postagens disponibilizadas virtualmente, alcançando as crianças que não conseguiram acesso por meio digital.
- Propostas a serem realizadas de acordo com os materiais didáticos utilizados pela escola, quando possível, com os Livros Didáticos (PNLD), envolvendo propostas ajustadas à complexidade que ela poderá realizar.
- Momentos síncronos e/ou assíncrono com as crianças, preferencialmente com o uso da Plataforma Educação Virtual SA, para a realização de propostas pedagógicas, respeitando as especificidades de cada criança, mediante rotina organizada pela/o Docente em consonância ao indicado na presente Orientação Normativa.
- Contato, de maneira mais efetiva, com as famílias, tutoras/es ou responsáveis, viabilizando o uso gradativo da Plataforma Educação Virtual SA para realização das propostas e para possíveis esclarecimentos e/ou combinados.

⁹ Disponível em <http://www4.cmsandre.sp.gov.br:9000/normas/29442/texto-alterado?ancora=>. Acesso em 27 jun 2021

O último decreto prorrogando a suspensão das aulas presenciais, na rede pública do município de Santo André, foi o decreto nº 17.666¹⁰, de 29 de abril de 2021:

Art. 1º Fica prorrogada, até a data de 16 de maio de 2021, a suspensão das atividades escolares, na forma presencial, para os ensinos infantil, fundamental e médio, na rede pública de ensino municipal e estadual da Cidade de Santo André.

Parágrafo único. As aulas permanecerão em regime especial, na forma de aulas não presenciais, em caráter remoto.

Art. 2º A alteração do disposto neste decreto poderá ocorrer de acordo com novas avaliações das condições epidemiológicas da Cidade de Santo André.

- **Retorno das aulas presenciais**

O retorno das atividades escolares de modo presencial, assim como todas as ações do município, estava pautado considerando o Plano São Paulo.

Como os índices estavam progredindo dentro do esperado e de modo satisfatório, além da eficiência vacinal com índice de 24% do público-alvo vacinado no município de Santo André (em 13 de maio de 2021), mediante o Decreto Municipal nº 17.678, de 13 de maio de 2021, estipulou-se o retorno das atividades escolares de modo presencial de modo gradativo. Segue organização de retorno presencial:

Quadro 4 – Organização de retorno presencial das atividades escolares de modo presencial, município de Santo André

DATAS	PÚBLICO-ALVO
17 a 21 de maio	Retorno presencial dos docentes e funcionários de EMEIEF e Centro Público. Orientações às famílias dos alunos do Ensino Fundamental e alunos da Educação de Jovens e Adultos.

¹⁰ Disponível em <http://www4.cmsandre.sp.gov.br:9000/normas/29507/texto-original?ancora=#>. Acesso em 27 jun 2021

24 a 28 de maio	Retorno presencial dos alunos do Ensino Fundamental e alunos da Educação de Jovens e Adultos Orientações às famílias dos alunos da Educação Infantil em EMEIEF.
31 de maio a 4 de junho	Retorno presencial dos alunos da Educação Infantil em EMEIEF. Retorno Presencial dos docentes e funcionários de creche. Acolhimento das famílias de creche
07 a 11 de junho	Atendimento aos alunos do 1º ciclo final de creche.
14 a 18 de junho	Atendimento aos alunos do 1º ciclo inicial de creche.

Fonte: Elaboração da autora

A organização para o atendimento presencial aos estudantes se deu da seguinte forma:

- Atendimento presencial às segundas, terças e quartas-feiras, com 50% da carga horária, sendo: Ensino Fundamental - 2:30h, Educação Infantil - 2h e Educação de Jovens e Adultos - 2h;
- Os horários de entrada e saída escalonados para evitar aglomerações;
- Presença opcional, porém o acesso às atividades impressas e/ou por meio eletrônico e a devolução das atividades realizadas para correção e devolutiva dos professores, permaneceram obrigatórias;
- A entrega das atividades impressas fora mantida quinzenalmente;
- Permaneceu a entrega do Kit Merenda uma vez ao mês;
- Aos alunos que retornaram de modo presencial, a merenda oferecida no refeitório para a Educação Infantil e Ensino Fundamental fora similar a um café, com um panificado (pão ou biscoito), leite e fruta, mantendo as medidas de segurança;
- Atendimento presencial restrito a 35% dos alunos de cada turma. Dessa forma, cada turma foi dividida em 3 subgrupos (essa divisão seguiu critérios

estabelecidos pela equipe gestora e docentes, não eram fixos), escalonados para o atendimento semanal, com a divisão dos alunos, conforme quadro a seguir:

Quadro 5 – Escalonamento para o atendimento semanal, de modo presencial, município de Santo André

24 a 28/5	Subgrupo A
31/5 a 4 /6	Subgrupo B
7 a 11/6	Subgrupo C
14 a 18/6	Subgrupo A (e assim sucessivamente)

Fonte: Elaboração da autora.

- Fora disponibilizado de um computador em cada sala de aula para que os professores pudessem realizar o atendimento remoto aos alunos que não compareciam presencialmente. No entanto, cabe ressaltar que a internet, em muitos momentos do dia, ficava indisponível, inviabilizando o contato professor-aluno e a participação nas aulas remotas nesses períodos, inclusive a postagem de atividades na plataforma e/ou aplicativo de WhatsApp. Além disso, grande parte dos computadores não possuem câmeras, microfones e caixa de som.
- A adesão das famílias ao ensino presencial, bem como nas aulas remotas foi considerada baixa, desde o início da retomada do ensino presencial até a chegada do recesso escolar, o qual compreendeu o período de 09 a 26 de julho de 2021.

3.3 O acesso da família à internet, instrumentos pedagógicos encaminhados e aplicativos disponibilizados pela escola e docentes

À princípio, os professores disponibilizaram aos estudantes e seus familiares e-mail institucional, criaram grupos privados de cada turma no aplicativo Facebook Institucional e grupos no WhatsApp com os telefones das famílias, além da publicação

das atividades no Blog da Unidade Escolar e das atividades impressas, objetivando o contato efetivo com as famílias e estudantes a fim de proporcionar o acesso aos conteúdos escolares elaborados pelo corpo docente, além da interação com os professores. Nesse momento, houve a busca ativa em relação àquelas famílias que a escola ainda não conseguira contato e que não haviam ido retirar as atividades impressas na escola.

Chegamos a um grande obstáculo: como conseguir contato e a manutenção desse contato com as famílias que não possuíam WhatsApp e nem acesso à internet?

A equipe gestora contatou as UBS (Unidades Básicas de Saúde) com o propósito de conseguir alguma forma de contatar as famílias. Não sendo possível o contato, envio de carta registrada e, por fim, o Conselho Tutelar da região fora acionado.

As entregas de atividades impressas ocorreram, regularmente, a cada 15 dias, na unidade escolar. A equipe gestora, equipe da secretaria da escola e professores voluntários realizavam as entregas. Essas eram organizadas pelos docentes de modo a contemplar o período de 15 dias para sua realização e, a cada retirada de um “combo” de atividades novas, as famílias devolviam a escola o combo anterior com as atividades já realizadas para futura correção dos professores (respeitando os protocolos sanitários) e posterior feedback aos estudantes.

Com o propósito de diminuir a circulação das pessoas e evitar aglomerações, a equipe escolar da EMEIEF a qual a pesquisa foi feita, se organizou para que umas das entregas das atividades impressas ocorresse no mesmo dia em que o kit merenda fosse entregue. Desta forma, as famílias precisariam dirigir-se à unidade escolar apenas duas vezes durante o mês, evitando aglomerações e maior circulação de pessoas no bairro, já que esta escola atende cerca de 680 alunos, entre educação infantil (4 e 5 anos), ensino fundamental (1º ao 5ºano) e EJA.

Mesmo diante da busca ativa dos alunos e da conciliação em datas de entrega do kit merenda com entrega das atividades impressas, muitas famílias não retiravam as atividades nem faziam a devolução das atividades impressas realizadas pelos alunos, tampouco mantiveram contato com os docentes.

Considerando tais dificuldades no período de aulas remotas, há alguns perfis de alunos e famílias que podem ser traçados. A saber:

- **Alunos que acessaram as propostas ofertadas e realizaram devolutiva das atividades:** Acessaram as plataformas on-line propostas, de modo assíncrono, desde o primeiro momento (Facebook e Blog Institucionais) e retiraram as atividades impressas. Realizaram as atividades e encaminhavam as fotos de grande parte delas para o professor, além da entrega das atividades já realizadas por meio de combos impressos na escola para posterior correção e feedback do professor. Dificilmente apresentaram dúvidas e/ou questionamento sobre as atividades propostas. Se tratando de interações, além do envio constante das atividades, houve interação no grupo do WhatsApp da turma.

- **Alunos que acessaram as propostas ofertadas e não realizaram devolutiva das atividades realizadas:** acessaram as plataformas on-line propostas para a realização das atividades propostas. No entanto, não realizavam o envio das atividades já realizadas para correção e feedback do professor. E as interações ocorreram de modo esporádico, no grupo de WhatsApp.

- **Alunos que não retiram atividades impressas e não mantem contato com docentes e equipe escolar via redes sociais:** é o caso dos alunos que não mantiveram qualquer tipo de contato e comunicação com a equipe escolar, apesar da busca ativa.

Diante dos cenários e perfis encontrados nesta Unidade Escolar, não se pode atribuir a não interação por falta de interesse na escolarização dos estudantes, uma vez que muitas outras dificuldades foram enfrentadas ao longo do caminho. Conforme Oliveira (2020, p.2) pontua, além dos recursos tecnológicos, há outros fatores que implicam sobre o desempenho escolar. Enfatiza que as políticas públicas devem ser voltadas ao combate das desigualdades sociais:

Compreendo que computador, internet e demais acessórios demandados para as aulas virtuais, podem ser interpretados como formas de capital cultural objetivado, que estão distribuídos de forma desigual e que, portanto, têm implicações sobre o desempenho escolar. Ademais, deve-se reconhecer a existência de outras questões como: espaço físico disponibilizado na residência do estudante para os estudos, necessidade dele colaborar com as tarefas domésticas (acentuando-se aqui a desigualdade de gênero), a escolarização dos pais e a capacidade de acompanhar e auxiliar nas atividades escolares, etc. Todos esses elementos incidem sobre o “sucesso escolar”.

Assim sendo, entendo que o papel das políticas educacionais deva ser o combate das desigualdades sociais. (OLIVEIRA, 2020, p. 2)

Em entrevista à revista Com Censo, quando questionado sobre “o que devemos pensar, num horizonte futuro?” Nóvoa (2020, p.9), enfatiza que “o pior da crise pode ser a pós crise” e elenca três pontos importantes:

Primeiro – Não transformar a “anormalidade” da presente crise em normalidade [...] Segundo – Compreender que, depois da crise, os espaços-tempos escolares devem ser reorganizados, construindo novos ambientes colectivos de aprendizagem (novos ambientes educativos) [...] Terceiro – Repensar as bases do currículo, concentrando a atenção nas linguagens [...] no conhecimento sobre o conhecimento [...] e na inteligência do mundo.

4. REFERENCIAL TEÓRICO – PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA

Esta pesquisa está apoiada no referencial teórico-metodológico da psicologia sócio-histórica, que se fundamenta no materialismo histórico-dialético, o qual afirma que o trabalho é aspecto fundante da inserção dos sujeitos no mundo. Os humanos produzem o seu tempo e sua história. Conforme Bock; Gonçalves e Furtado:

[...]a psicologia sócio-histórica parte das categorias trabalho e relações sociais para situar o homem na sua historicidade, entendendo que o homem se constitui historicamente enquanto homem, por meio da transformação da natureza, em sociedade, para produção de sua existência. Em sua constituição histórica, o homem produz bens materiais e espirituais, ou seja, produz objetos e ideias.

O conjunto de ideias produzidas pelo homem inclui crenças, valores e conhecimentos de toda ordem. Esse referencial é o materialismo histórico e dialético e, de acordo com essa concepção, as ideias e conhecimentos produzidos pelo homem em um determinado momento histórico refletem a realidade desse momento histórico, ou seja, o pressuposto é de que a origem das ideias produzidas socialmente está na base material da sociedade. (BOCK; GONÇALVES; FURTADO, 2001, p. 16).

O homem transforma o mundo e, ao transformá-lo, se transforma. Deste modo,

[...]concebe o homem como ativo, social e histórico; a sociedade, como produção histórica dos homens que, através do trabalho, produzem sua vida material; as ideias como representações da realidade material; a realidade material, como fundada em contradições que se expressam nas ideias; e a história, como o movimento constante do fazer humano, no qual, a partir da base material, deve ser compreendida toda a produção de ideias, incluindo a ciência e a psicologia. (BOCK, GONÇALVES; FURTADO, 2001, pp. 17-18).

Para Vigotski, um dos representantes da psicologia sócio-histórica, o homem não nasce humano, não nasce pronto, vai se humanizar à medida que se relaciona com outro. Ao nascer, o homem nasce com as características biológicas da espécie humana, ademais tudo é construído na e pela interação. O aprendizado e o desenvolvimento estão inter-relacionados desde o nascimento.

O indivíduo nasce com as funções psicológicas elementares (são como os reflexos: imediatas, naturais/biológicas e involuntárias) e as funções psicológicas superiores (sociais, voluntárias/intencionais e mediadas) são, basicamente, reguladas pela linguagem, em seus significados (abstração) e sentidos (subjetivação ocorrida em contato com outras pessoas, interpretação, negociação, apropriação).

Sendo a cultura (e sua apropriação) a base da formação do ser humano, tem-se que o social e o biológico não se separam (e não devem se separar para que possamos nos desenvolver).

Para Vigotski, o desenvolvimento se dá por grandes transformações, determinadas pela cultura, interações sociais e meios materiais ao qual está inserida. As grandes mudanças se dão por meio de acúmulos de contradições que precisam ser superadas, essas superações remetem a configuração anterior do seu modo de ser, pensar e sentir e a aprendizagem ocorre com a participação em situações de interação social com pessoas mais competentes (ZDP – Zona de Desenvolvimento Próximo).

Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1999, p. 112).

Para Vigotski, o contexto escolar é uma via importante para a criança se desenvolver, seja em questões de aprendizagem ou de desenvolvimento, pois “é o aprendizado que possibilita e movimenta o processo de desenvolvimento” (REGO, 2019, p.71).

Diante do cenário de pandemia, os estudantes não puderam interagir da maneira habitual com a equipe escolar e demais estudantes, com isso, as famílias precisaram se reinventar e ressignificar formas de contato com a equipe escolar e com o conteúdo pedagógico para possibilitar o aprendizado dos alunos, a partir das atividades propostas pelos professores.

5. MÉTODO

O método é extremamente importante e fundamental para a realização da pesquisa, sendo esse indissociável aos resultados, conforme afirma Paschoal (2001, p.163).

[...] A partir da constatação de que método e resultado não se separam, a opção por um método passa a configurar-se como uma decisão tão importante quanto a escolha do objeto da pesquisa. Pode-se mesmo dizer que, em ambos os casos, trata-se da mesma escolha, uma vez que os resultados pretendidos não podem ser dissociados do método escolhido.

A seguir, se descreve o método a ser utilizado na pesquisa, clarificando a escolha do local, sujeitos participantes, instrumentos, procedimentos de coleta e análise de dados e discussão.

5.1 Local e sujeitos

A pesquisa foi realizada com os respectivos responsáveis por três alunos regularmente matriculados no primeiro ano do Ensino Fundamental I, em uma EMEIEF (Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental), localizada em uma região de grande vulnerabilidade social no município de Santo André (tal escolha se deu por ser o ambiente de trabalho da pesquisadora). Esses alunos estudam no período da tarde, das 13h às 18h, de segunda a sexta-feira.

Caracterização da comunidade conforme PPP da Unidade Escolar:

A constituição do Bairro Jardim Irene se deu de forma bem gradual, através de ocupações que datam a partir do ano de 1990. [...] em 1992 houve um número considerável de ocupações com o Movimento dos Sem Terra pela Moradia de Santo André.

Porém, o intuito da casa própria foi, por alguns, substituída por interesses imobiliários e financeiros que começaram a comercializar áreas invadidas e em poucos anos a ocupação já estava completa através da venda informal de terra. [...]

Destaca-se que a comunidade se formou com pessoas vindas de vários Estados, temos os vindos de Minas Gerais, da Bahia, porém a maioria veio do Nordeste, em busca de uma vida melhor, com a indicação deste lugar e a ajuda dos parentes e amigos. Em geral moram em casas feitas com blocos e tijolos sem acabamento, cobertura de laje com dois andares devido ao tamanho reduzido dos lotes. Dividem a residência com parentes vindos de outras regiões do Brasil (normalmente Nordeste), outros casam e têm filhos e continuam morando na casa dos pais, ou cedida por avós e todos se alternam para levar e buscar as crianças da família para a escola. Os vizinhos

se ajudam mutuamente nessa tarefa, pois “subir o morro é muito cansativo”, dizem. Alguns ainda moram em barracos de tábuas nas encostas dos morros. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, 2020, não paginado)

Os responsáveis foram selecionados de acordo com os seguintes perfis de atividades elencados:

- Acessaram as propostas ofertadas, realizaram devolutiva das atividades realizadas e mantiveram contato frequente com docentes e equipe escolar, via redes sociais e aplicativos de mensagens;
- Acessaram as propostas ofertadas, não realizaram devolutiva das atividades realizadas e mantiveram contato frequente com docentes e equipe escolar, via redes sociais e aplicativos de mensagens;
- Não retiraram atividades impressas e não realizaram nenhuma atividade proposta e mantiveram contato escasso com docentes e equipe escolar, via redes sociais e aplicativos de mensagens;

Foram selecionados duas mães e um pai que atendiam aos perfis acima.

5.2 Caracterização dos participantes da pesquisa

IVONE

Ivone (nome fictício), 39 anos, casada, uma filha, nasceu na cidade de São Bernardo do Campo, no estado de São Paulo, do lar, não segue nenhuma religião. Reside no município de Santo André há 38 anos, em residência própria. Possui convênio médico. Concluiu Ensino Médio na rede pública e possui Ensino Superior incompleto. A família não participa do programa assistencial do Governo.

ROSA

Rosa (nome fictício), 33 anos, casada, três filhos, natural Barão de Antonina, São Paulo, vendedora, evangélica. Utiliza os serviços públicos de saúde em casos de doenças, pois não possui convenio médico. Reside no município de Santo André há 28 anos, em residência própria. Possui Ensino Médio Completo. A família não participa do programa assistencial do Governo.

CAIO

Caio (nome fictício), 26 anos, solteiro, dois filhos, natural de Santo André, São Paulo, vendedor, evangélico. Utiliza os serviços públicos de saúde em casos de doenças, pois não possui convenio médico. Reside no município de Santo André desde o nascimento, em residência alugada. Possui Ensino Médio Completo. A família participa do programa assistencial do Governo, Bolsa Família.

5.3 Instrumentos, materiais e procedimentos de coleta de informações

Os instrumentos são os meios essenciais que possibilitam o levantamento de dados pelo pesquisador. Para essa pesquisa, serão utilizados dois instrumentos para a coleta de dados: questionário de identificação pessoal dos sujeitos que fizeram parte da pesquisa e entrevista reflexiva, que difere da entrevista “convencional”, a qual somente uma pessoa questiona e a outra fornece informações, modelo o qual há a passividade do entrevistado e o entrevistador é neutro. Pode-se dizer que a entrevista será semi-dirigida, pois há intencionalidade do entrevistador.

Sobre a entrevista reflexiva, Szymanski (2011, p.15) pontua:

[...] entrevista como um encontro interpessoal no qual é incluída a subjetividade dos protagonistas, podendo se constituir um momento de construção de um novo conhecimento, nos limites da representatividade de fala e na busca de uma horizontalidade nas relações de poder, que se delineou esta proposta de entrevista, a qual chamamos de reflexiva, tanto porque leva em conta a recorrência de significados durante qualquer ato comunicativo quanto pela busca de horizontalidade.

Na entrevista reflexiva, ocorre a interação, o face a face, a conversa, percepções do outro e de si, a reflexão entre o entrevistador e o entrevistado. Nessa forma de entrevistar, as relações são horizontais, não há um que dita a pergunta e o outro que somente responde.

Foi realizado o contato com a equipe gestora da Unidade Escolar para esclarecimentos sobre os objetivos e metodologia desta pesquisa.

De acordo com as especificidades dos perfis dos participantes, a pesquisadora enviou mensagens de texto via aplicativo de *WhatsApp* com explicação sobre a pesquisa e seus objetivos, além da verificação da disponibilidade em participar. Após o aceite, ainda por mensagens via *WhatsApp*, foi realizado o envio do questionário de identificação pessoal (Apêndice B) a ser preenchido por meio do *Google Forms*.

Em seguida, agendamento para a realização da entrevista reflexiva por meio de chamada de vídeo realizada pelo *Google Meet* (plataforma de videoconferências do *Google*). Esse procedimento foi realizado com os três participantes da pesquisa. As entrevistas ocorreram de modo individual, de acordo com a disponibilidade de cada participante. Nesta foi lido na íntegra o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) (Apêndice D), a pesquisadora utilizou um roteiro de entrevista (Apêndice C) como norteador para garantir que os objetivos da pesquisa fossem contemplados. As entrevistas foram gravadas para posterior transcrição (Apêndice E) e análise dos dados.

5.4 Procedimento de análise: análise de conteúdo

A análise da entrevista reflexiva foi realizada por meio da Análise de Conteúdo. Bardin (1977, p.44) define análise de conteúdo como “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

Nessa linha de pesquisa, Franco (2018, p.25) considera a análise de conteúdo “um procedimento de pesquisa que se situa em um delineamento mais amplo da teoria da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem”. Deste modo, Franco (2018) afirma que a premissa de análise é a mensagem e nos dá diretrizes quanto a sua organização, a iniciar pela pré-análise, sendo esta, a fase de organização. Assim, foi realizada a transcrição das três entrevistas, seguida da leitura flutuante afim de maior aproximação e organização do texto.

Na sequência, foi elaborada uma tabela (Apêndice F) contendo as seguintes colunas: discursos (mensagens mais significativas), significados (síntese das mensagens principais dos discursos), subcategorias (agrupamento dos significados) e, por fim, as categorias, que conforme Franco (2018, p.63), “a criação de categorias é o ponto crucial da análise de conteúdo”.

Após a organização da tabela, o passo seguinte foi a análise. Antecipando as categorias e subcategorias que serão analisadas no próximo capítulo, segue tabela:

Tabela 2 – Categorias e subcategorias de análise

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1. Pandemia afetou a saúde física e mental dos estudantes e seus familiares	1.1 A saúde da família na pandemia
	1.2 A saúde da criança na pandemia
2. Isolamento social: prevenção necessária e impactos (im)previstos	2.1 A socialização das crianças ficou restrita e comprometida devido fechamento das escolas e isolamento social
	2.2 Uma nova rotina familiar foi imposta pelo isolamento social
3. A pandemia e a possibilidade de se pensar o pós-pandemia: o que esperar? O que esperar?	3.1 As famílias precisaram se reinventar durante a pandemia para realizar as atividades escolares com seus filhos
	3.2 Escola em tempos de pandemia: adequações necessárias
4. Escola em tempos de pandemia: adequações necessárias	4.1 Atividades impressas e online: desafios e caminhos para a aprendizagem significativa
	4.2 Ferramentas e locais de estudo
	4.3 Conectividade e tecnologia: rompem ou cultivam barreiras?
	4.4 A televisão como veículo de informação e desinformação
5. Educação, escolarização e o processo de humanização	5.1 Educação de ontem e hoje, grandes mudanças!
	5.2 “Sem o estudo na vida, a gente não é nada!”
	5.3 Cada criança é um ser único! Respeitar suas particularidades é essencial!

Fonte: Elaborado pela autora.

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO

6.1. CATEGORIA 1 – Pandemia afetou a saúde física e mental dos estudantes e seus familiares

A pandemia causada pela COVID-19 afetou não apenas a saúde física de muitas pessoas, mas, também, a saúde mental, uma vez que todos apresentaram sintomas de medos, ansiedade, angústias, incertezas e esperança. Esperança de novas conquistas, de novas descobertas da Ciência, da cura para a doença, dos reencontros, dos abraços, das interações.

E além disso, como a pandemia foi, também, uma condição determinante para o estabelecimento de ações e interações entre as pessoas e, no nosso caso, entre os familiares, estudantes e escola, foi necessário criar uma categoria que abrangesse tal cenário. A COVID-19 afetou as relações e, como já foi dito anteriormente, a saúde física e mental das pessoas. A categoria aqui exposta reúne discursos de familiares de três estudantes entrevistados, seus significados e subcategorias relacionados à saúde física e mental dos envolvidos, isto é, familiares e estudantes.

A categoria *Pandemia afetou a saúde física e mental dos estudantes e seus familiares* é constituída pelas subcategorias “A saúde da família na pandemia” e “A saúde da criança na pandemia”

6.1.1 – A saúde da família na pandemia

A categoria “A saúde da família na pandemia”, compreende o significado: *A pandemia afetou a saúde de toda a família*

Em meio a tantas incertezas proporcionadas pelo coronavírus, por meio dos discursos dos entrevistados, constata-se que a saúde da família foi afetada:

Nos meus vinte e seis anos de vida nunca vi uma coisa igual, né? E além disso é muito complicado por que a gente fica com o psicológico muito abalado, porque qualquer coisa que acontece a gente já pensa que é [covid-19] e que a gente pode transmitir pros nossos filhos, nossos pais, avós, tios, parentes, amigos... (Caio).

Caio, aponta que, em sua história pessoal, não vivenciou uma situação relacionada à saúde como a causada pela COVID-19.

E eu acho que fiquei neurótica no começo, não vou mentir, que a gente fica, né? Eu chegava, não deixava os meninos me abraçar, [falava] não rela em mim. Primeiro, eu tomava banho tudo, para depois não ficava toda [preocupada]. (Rosa).

Rosa, na mesma perspectiva, relata a preocupação com os protocolos de higiene difundidos pela mídia, para inibir a propagação do vírus.

Ivone expõe que tanto ela como o seu esposo foram contaminados pelo vírus e, em função da doença, também tiveram afetadas as suas respectivas saúdes física e mental.

Eu fiquei muito doente. Então, quer dizer, todo mundo! [...] Os primeiros meses aí, de fevereiro a abril [2020], com meu marido, foi bem difícil. Ele demorou para se recuperar [...]. E eu fiquei com sequelas da pneumonia [...]. Ter que ficar com todo mundo, então meu nível de estresse foi lá em cima, meu cabelo caiu. (Ivone).

Além do contato direto com a doença há uma questão que nesse período foi muito dramática para as pessoas, que foi o contato com a morte, seja com pessoas da família, seja com vizinhos, ou noticiados na mídia, isso contribuía para aumentar o nível de estresse das pessoas. Essa exposição de todos nós a questão da morte presentes nos relatos da mídia, redes sociais e da vizinhança, possibilitou um elevado nível de estresse. Lamento profundamente as mais de 620 mil vidas perdidas para a COVID-19 até o presente momento.

Nota-se, na fala dos entrevistados, independentemente de serem contaminados ou não, que a situação pandêmica elevou os níveis de estresse e ansiedade, comprometendo tanto a saúde física quanto a mental.

Uma pandemia que afeta a saúde física, não pode deixar de ser tratada, também, no seu âmbito mental, uma vez que ambas constituem o ser humano, em conjunto.

6.1.2 - A saúde da criança na pandemia

Essa subcategoria revela os seguintes significados: “A saúde mental da criança” e “A saúde física da criança”.

Em meio a tantas incertezas promovidas pela pandemia, nas entrevistas realizadas, a subcategoria *A saúde da criança na pandemia*, por meio de seus

significados e discursos, revelou momentos de crise de ansiedade e tristeza, além das fragilidades dos estudantes frente ao novo momento em que estavam vivenciando:

Ela [a estudante] chorou, eu acredito que ela tenha ficado com início de ansiedade e depressão. [...] De manhã era difícil lidar com estresse, com a raiva, com o choro. (Ivone)

A gente começou a perceber que no caso do estudante, ele começou a ficar meio depressivo, ele ficava pra baixo, tudo que a gente fazia por ele, ele não ficava bem, ele se sentia muito mal. (Caio).

Diante desses discursos, é possível aproximar-se do que fora publicado no Guia de saúde mental pós-pandemia no Brasil¹¹, pelo Conselho Federal de Enfermagem:

Sinais de estresse leve incluem alterações mínimas ou passageiras de comportamento. As crianças podem manifestar medo, insegurança e raiva relacionados à situação. Podem ter tristeza, envolvendo perdas objetivas, devido à pandemia. É comum que ocorram alterações de comportamento, como impaciência, oposição e mudança leve nos padrões de sono e apetite. Elas também podem explicitar preocupações com familiares e pensamentos eventuais sobre morte.

A socialização e interação ficaram extremamente comprometidas durante esse período, uma vez que o isolamento social foi uma das medidas de segurança para conter a propagação do vírus.

A escola é um ambiente que favorece a aprendizagem, o movimento, a socialização e interação. Antunes (2008, pp.469-470) esclarece sobre a finalidade da escola ao longo da história:

A escola adotou ao longo da história diversas formas, em função das necessidades a que teria que responder, tendo sido, em geral, destinada a uma parcela privilegiada da população, a quem caberia desempenhar funções específicas, articuladas aos interesses dominantes de uma dada sociedade. Essa realidade deve ser, no entanto, compreendida também a partir de suas contradições, sobretudo a concepção de escola como instância que se coloca hoje como uma das condições fundamentais para a democratização e o estabelecimento da plena cidadania a todos, e que, embora não seja o único, é certamente um dos fatores necessários e contingentes para a construção de uma sociedade igualitária e justa. Sob essa perspectiva, a escola, tal como nós a concebemos, tem como finalidade promover a universalização do acesso aos bens culturais produzidos pela humanidade, criando condições para a aprendizagem e para o desenvolvimento de todos os membros da sociedade.

¹¹ Disponível em <http://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2020/12/Guia-de-saude-mental-pos-pandemia-no-Brasil.pdf>. Acesso em 07 dez 2021

6.2. CATEGORIA 2 – Isolamento social: prevenção necessária e impactos (im)previstos

Na conjuntura do contexto pandêmico a categoria *Isolamento social: prevenção necessária e impactos (im)previstos* foi criada e é constituída pelas subcategorias “A socialização das crianças ficou restrita e comprometida devido ao fechamento das escolas e isolamento social” e “Uma nova rotina familiar foi imposta pelo isolamento social”.

Os cuidados para que o vírus não se propagasse com tamanha velocidade necessitou de ações pontuais dos órgãos públicos. Ainda em março de 2020, os jornais noticiavam sobre a quarentena, ouviu-se muito falar em quarentena, que duraria, a princípio 15 dias, porém os casos de contaminação iam aumentando rapidamente pelo Brasil e pelo mundo e esta precisou se estender por longos meses. Sobre a primeira quarentena estabelecida no estado de São Paulo, pontuam Fuga, Lopes e Diegues (2020, p. 260).

Após comunicado da Direção Superintendente, baseando-se na decisão do Governador do Estado de São Paulo, em consonância com as orientações da OMS, determina-se a quarentena a partir de 23 de março, com prorrogação até o dia 22 de abril. Delibera-se, por decreto, o fechamento de estabelecimentos públicos, com exceção de serviços essenciais à população para tentar conter o avanço do vírus.

A categoria “*Isolamento social: prevenção necessária e impactos (im)previstos*” é composta pelas subcategorias “A socialização das crianças ficou restrita e comprometida devido ao fechamento das escolas e ao isolamento social” e “Uma nova rotina familiar foi imposta pelo isolamento social”.

6.2.1 – A socialização das crianças ficou restrita e comprometida devido fechamento das escolas e isolamento social

A subcategoria “A socialização das crianças ficou restrita e comprometida devido ao fechamento das escolas e ao isolamento social”, compreende os significados: “*A socialização da criança*” e “*A pandemia trouxe muitas incertezas e uma ruptura social*”.

Como mencionado anteriormente, o isolamento social se fez necessário na tentativa de reduzir a disseminação do vírus e com isso foi decretado o fechamento das escolas e adoção do ensino remoto. Todos foram surpreendidos com esse decreto e precisaram de readaptação a esse novo cenário.

Imagina, uma criança de 6, 7 anos, que tem uma rotina de ir pra escola, de ver os amiguinhos [...]E você pegar uma criança e tirar ela desse meio que ela tem convívio com outras crianças, que ela já está adaptada e simplesmente colocar dentro de casa. (Ivone).

Ivone relata que sua filha estava com a rotina adaptada a ir à escola presencialmente e que o isolamento fez com que ela fosse privada desse convívio com outras crianças, professores e com o ambiente escolar.

A pandemia, além de impossibilitar a interação com os outros, crianças e adultos, também impediu e/ou dificultou o acesso ao conhecimento historicamente acumulado e cientificamente produzido.

De acordo com a teoria Sócio-histórica, a entrada na escola traz grandes e profundas transformações ao desenvolvimento infantil, não apenas acesso a uma sistematização de conhecimentos, mas, ao atuar na zona de desenvolvimento iminente (ou proximal), produz neoformações psicológicas, tal como a consciência e o pensamento teórico (ASBAHR, 2016). A atividade de estudo, dessa forma, determina a formação da personalidade da criança e não se forma de maneira natural. Segundo a autora:

É preciso preparar a criança para a organização de sua atividade cognoscitiva, e esse é um dos papéis da escola nos seus anos iniciais, ou seja, formar uma postura de estudante. A formação da atividade de estudo é necessária para que a criança possa assimilar o conhecimento de maneira sistemática e voluntária (ASBAHR, 2016, p. 174).

Para Caio, o não comparecimento presencial à escola, afetou o emocional de seu filho, que também sentiu falta da rotina escolar, além da saudade, pois esse sentia muita saudade da escola e de tudo o que fazia lá como realização de atividades, contato com professor e amigos, além de aprender coisas novas.

Ele falava que tinha muita saudade da escola, dos amiguinhos, da professora, de querer aprender as coisas, a ler, escrever, desenhar, ir pra quadra, ter contato com outras pessoas, brincar, falar com a professora as dúvidas, fazer as lições, as atividades, né? Coisas da rotina que ele vinha fazendo antes da pandemia. (Caio).

Já Rosa relatou que seus filhos (gêmeos) à princípio não sentiram falta de ir para a escola “Eles não sentiram falta de ir para a escola”.

Nesse primeiro momento de quarentena muitas mudanças ocorreram no relacionamento entre as pessoas, nas adaptações ao novo modo de vida, no relacionamento, nas perspectivas para o futuro. Além de repensar na palavra quarentena, que antes, era apenas dicionarizada e com a situação pandêmica passou a ter sentidos e significados diferentes uma vez que o que era lido em dicionários passou a ser vivido, concordando com Fuga, Lopes e Diegues (2020, pp. 255-256):

Interessante reiterar a teoria vygotskiana ao explicar que a palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge; é concebido como acontecimento semântico particular que emerge nas práticas sociais, por meio da articulação dialética entre a história e a experiência atual do sujeito. Então, se o contexto muda, assim também acontece com o sentido da palavra, transformando-o em algo complexo e ilimitado, dependendo das situações, bem como das pessoas que o atribuem; por isso, o sentido é fluido e dinâmico (VYGOTSKY, 1934/2001). Isso significa dizer que a vivência nesta atual crise nos faz “sentir” a palavra que antes, a nós, estava apenas dicionarizada. Como bem coloca Smolka (2004), os sentidos se produzem nos entremeios, nas articulações das múltiplas emoções e sentimentos que se constituem nas interações.

Assim, a palavra pandemia, que antes era somente ouvida, dita ou lida, passou a ser sentida e vivida e, para cada um de nós, teve um sentido diferente, bem como nos relatos acima, os quais algumas crianças sentiram de imediato o impacto do isolamento, enquanto outras, demoraram um pouco mais para sentir o que estava acontecendo ao seu redor.

Ao mesmo tempo que sabe de uma coisa a gente não sabe de muita coisa ainda, tem muita coisa acho que ainda está por vir e eu acho que ainda infelizmente vai demorar mais uns dois, três anos pra poder no mínimo se acentuar a situação e todo mundo tá cem por cento vacinado, com todas as doses, sem tá usando máscara, sem álcool gel. Então eu acho que ainda é uma coisa que ainda vai demorar, infelizmente ainda um pouco. (Caio).

O discurso de Caio revela o quanto o momento vivido é envolvido por incertezas e expectativas e, assim, não acredita que a pandemia findará brevemente. Sua esperança pauta-se na vacinação e almeja o momento em que o uso de máscaras e protocolos de higiene não serão mais peças-chaves no combate à pandemia.

Conforme o relato de Rosa, no início da pandemia, era tudo muito novo e não sabia ao certo todos os protocolos de higiene para garantir a sua segurança e dos familiares.

É que o pessoal começou a falar que pega no sapato, que não sei o quê... Assim eu moro com a minha tia que me criou, então minha mãe né, minha mãe de criação e ela já é idade, então a gente não tinha muito medo. (Rosa).

Rosa expõe o quão difícil foi esse momento, além da insegurança quanto à possível contaminação, teve que lidar com impossibilidade da visita constante às residências de familiares e amigos e aos espaços de lazer.

[...]Eu acho que foi difícil, você, às vezes, querer frequentar a casa de uma pessoa que você gosta e você não poder ir até lá. Acho que foi uma coisa bem [difícil], assim, exemplo, você quer ir para o parque com as crianças, não pode ir no parque! Não pode ir no shopping porque está tudo fechado! (Rosa).

Nota-se, na fala da entrevistada, que a socialização sugerida por ela é direcionada à relação estabelecida com outras pessoas. Os lugares por ela mencionados, como parque e shopping, trazem em sua constituição aspectos da história cultural humana. No entanto, a escola se difere desses ambientes, pois proporciona o acesso ao que foi cientificamente produzido e a sua apropriação.

6.2.2 – Uma nova rotina familiar foi imposta pelo isolamento social

A subcategoria “Uma nova rotina familiar foi imposta pelo isolamento social” implica nos significados: “*Mudanças na rotina familiar*”, “*Soluções encontradas diante da nova rotina*” e “*Primeiros impactos na rotina pandêmica*”

Quais foram os primeiros impactos e impressões relatadas pelas famílias entrevistadas quando se depararam com a situação de pandemia provocada pelo Coronavírus? Os depoimentos a seguir reiteram a afirmação de Ronca e Gonçalves (2021) no que se refere a necessidade de aprendermos a viver diante de contexto de inseguranças, e retratam os primeiros impactos na rotina promovidos pela situação de pandemia vivida:

*Foi complicado nesse processo de adaptação, mas eu acho que foi indo bem. [...] A gente, é, foi obrigado a se acostumar... No começo, foi bem “dose” mesmo. [...] Foi uma ruptura muito rápida! [...] Então, foi um choque! Foi uma coisa muito rápida! [...] Essa pandemia veio mesmo para mexer com a gente! [...] A pandemia veio trazendo aquela enxurrada de coisas. (Ivone)
De início a gente ficou muito assustado, porque é uma coisa fora do comum! [...] Então essa pandemia deixou a gente muito confuso até hoje, né? Claro que agora a gente tá tendo mais cuidados, em relação a pandemia e com tudo, mas mesmo assim, ainda é meio complicado! (Caio).*

Foi bem tenso, assim de não poder comprar as coisas. Comecei comprar muita coisa pela internet, muita coisa! (Rosa).

Diante de tantas mudanças, incertezas e adaptações, as famílias se organizaram para readequar a rotina familiar e, entre tantos ajustes na rotina, mais um se fez necessário durante o período de suspensão das aulas presenciais: ajudar os filhos com as atividades propostas pelo professor. Nesse ponto surge um desafio: encaixar o horário reservado ao auxílio as crianças em seus estudos. Conforme pontuado por Ivone, houve disputa em relação a rotina de estudos de sua filha e seus afazeres domésticos.

A minha maior dificuldade era arranjar horário para isso [atividade com a criança], porque eu tinha uma rotina dentro de casa... Então enquanto ela tava pintando, eu estava lavando uma louça, aí eu parava a louça, e agora vamos focar aqui, o que a gente vai aprender hoje? o que a gente vai fazer hoje? (Ivone).

Além disso, a falta de contato físico com os familiares e amigos também promoveram mudanças na rotina familiar, Ivone complementa que

no começo eu, meu marido e ela dentro de casa, só nós três, nós ficamos, acho que uns 5 meses sem contato com ninguém. [...] Então essa pandemia, ela prejudicou bastante a vida e a rotina aqui dentro de casa. (Ivone).

Caio relata que no início da pandemia, foi bastante complicado dado sua organização familiar:

Começou a pandemia, e a gente com uma criança recém-nascida em casa. O estudante sem começar a ir pra escola e essa tumultuação de coronavírus... (Caio).

Tratando-se das primeiras impressões das crianças, Caio afirma que:

De início as crianças meio que... vamos se dizer, numa parte gostou um pouco de ficar em casa de “ah não vou precisar mais ir pra escola”, aí fica todo alegre né? Ou que não precisa acordar cedo ou que não precisa acordar tarde, é, fica em casa e fica brincando de bola, jogando videogame, coisas de criança, né? (Caio).

Concordando com a fala de Caio, Rosa teve percepção semelhante:

Eles gostaram [de ficar em casa] porque acordavam tarde, porque eu trabalho, saía de casa às 5:30 da manhã. Tinha que pegar duas conduções para chegar no serviço, era meio longinхо. Agora já estou em outro, graças a Deus! Mas era meio longinхо, era bem fora de mão, na verdade, o trabalho, então eu chegava tarde aqui em casa. (Rosa).

Ao passo que a pandemia se agravava, as famílias foram se reorganizando para viverem esse novo momento que, no começo, parecia que não seria duradouro, porém foram diversas prorrogações da quarentena. A exemplo de tantas mudanças, a família de Caio precisou mudar de residência para ampliar os recursos tecnológicos: “nós morávamos em um lugar e nesse lugar a gente não tinha tanto recurso, né?”.

Já a família de Ivone, quando precisavam sair de casa para realizar alguma atividade essencial, a solução encontrada era ir todos os moradores da residência, pois dado o isolamento social, não poderiam deixar a criança aos cuidados de outras pessoas (ação frequente e comum antes da chegada do vírus): “Já que só tem nós 3, então às vezes vai sair para resolver os 3 tudo de uma vez, então vai no médico, já vai os 3 de uma vez.”.

Ronca e Gonçalves (2021, p.46) nos ajudam a compreender melhor os tempos difíceis vividos diante do contexto pandêmico que “em tempos difíceis, a incerteza passa a dominar o horizonte e, mais do que nunca, devemos aprender a viver num contexto de inseguranças.”.

As famílias entrevistadas estão buscando constante e incessantemente aprender a conviver nesse contexto de insegurança. É notável que essa busca não se resume apenas aos entrevistados, toda a sociedade está aprendendo a conviver com o vírus e com todas as consequências que esse proporcionou, além do vírus, conviver com as informações desconstruídas, com *fake News* e com a falta de políticas públicas que possibilitem os indivíduos passarem pela pandemia sem muitos danos físicos e emocionais.

6.3. CATEGORIA 3 – A pandemia e a possibilidade de se pensar o pós-pandemia: o que esperar? O que esperarçar?

Iniciaremos a análise dessa categoria com uma citação de Paulo Freire, que muito nos revela sobre o momento vivido:

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar, porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo. (FREIRE, 1992).

Frente aos desafios impostos pelo cenário pandêmico, a sociedade como um todo precisou se reorganizar e fazer adaptações para enfrentar esse período. Como mencionado anteriormente muitos foram os obstáculos vividos: isolamento, distanciamento social, medo, angústias, risco iminente de contaminação, além das muitas vidas ceifadas pelo vírus em função de políticas públicas ausentes ou inadequadas.

Além desses obstáculos, a pandemia escancarou as desigualdades presentes no Brasil e no mundo. Esta assola não só o Brasil, mas diversos outros países e permeia não apenas as diferenças econômicas, mas também de raça, de gênero e principalmente a desigualdade educacional. Kulnig (2019), em sua tese de doutorado afirma que a desigualdade social, no singular dever entendida como uma categoria analítica e enquanto manifestação construída histórica e culturalmente, é preciso ser compreendida no plural, como uma violação da dignidade humana, que impossibilita o desenvolvimento das capacidades do indivíduo.

Rita Kulnig (2019, pp. 42-43) define o termo desigualdade como:

[...] categoria analítica das relações sociais que expressa diferenças hierárquicas e moralmente injustas, construídas histórica e culturalmente, sobre a distribuição e o acesso a bens e serviços materiais ou simbólicos em uma dada sociedade, expressando a dominação de um determinado grupo em relação a outro(s).[...] Se enquanto categoria de análise a desigualdade social pode ser pensada no singular, por possibilitar explicar uma determinada zona do real, apreendendo o seu movimento, as suas contradições e historicidade, enquanto manifestação é necessário compreendê-la/estudá-la no plural, justificando falarmos em desigualdades, atentos a suas especificidades, suas tendências, suas articulações e interdependências.

Therborn (2010, p. 146), define desigualdades como “diferenças hierárquicas, evitáveis e moralmente injustificadas. São destrutivos para as vidas humanas e para as sociedades.” Therborn (2010, p. 145) explicita três formas sobre diferencia e desigualdade:

[...] diferença pode ser horizontal, [...] desigualdade é sempre vertical, [...] diferenças são apenas questão de gosto e/ou de categorização. Uma

desigualdade, por sua vez, não é apenas uma categorização; é algo que viola uma norma moral de igualdade entre seres humanos. [...] Em terceiro, para uma diferença tornar-se uma desigualdade ela deve também ser extingüível.

As desigualdades estão presentes em todo o contexto brasileiro, sejam elas social, educacional, de raça, gênero, regionais e de renda.

Ainda segundo Therborn, 2010

A desigualdade social é uma violação da dignidade humana; é uma negação da possibilidade de desenvolvimento das capacidades humanas de todos. Toma muitas formas e tem muitos efeitos: morte prematura, problemas de saúde, humilhação, sujeição, discriminação, exclusão do conhecimento ou da vida social dominante, pobreza, impotência, stress, insegurança, ansiedade, falta de autoconfiança e orgulho em si mesmo e exclusão de oportunidades e vidas.

Ainda sobre desigualdades, a categoria “A pandemia e a possibilidade de se pensar o pós-pandemia: o que esperar? O que esperar?” reflete-se acerca da temática: durante a pandemia somente aconteceram coisas negativas? Foi possível revelar algo de positivo?

6.3.1 – As famílias precisaram se reinventar durante a pandemia para realizar as atividades escolares com seus filhos

Em continuidade e complementando a categoria anterior, essa subcategoria é constituída pelos significados “Métodos de ensino adotados pela família frente às atividades propostas”, “Relação interfamiliar e a mediação da educação”, “Relação da família-aluno-escola” e “Importância da rede de apoio para a aprendizagem.”

Diante das falas dos entrevistados destacam-se alguns pontos considerados como ganhos conquistados ao longo da batalha contra a pandemia, o vírus, a desinformação e incertezas. Nessa batalha, as famílias precisaram pensar o “fazer pedagógico” com o objetivo de proporcionar ganhos no processo ensino aprendizagem de suas crianças.

Ao mesmo tempo que Ivone relata conquistas, expõe seus momentos de angústias.

No começo, pela falta de ter crianças, eu via que ela ficava bem dispersa, então eu via que ela não queria fazer [...]eu via que ela ficava frustrada e isso me deixava frustrada! Aí foi aquele negócio, “vamos pensar como o professor,

vamos pensar como criança, vamos misturar tudo isso daí e ver o que dá! E aí vamos tentar fazer de uma outra forma, e foi essa coisa no começo, bem difícil, ela não queria fazer. [...] De positivo, eu conseguia acompanhar melhor o desenvolvimento dela, saber até onde a gente podia... Eu tive que pesquisar mais, ler mais, de uma certa forma também me ajudou. (Ivone).

Tal qual Ivone, Caio relata esse misto de ganhos e desafios. Relata, inclusive, que não foi elaborada uma rotina de estudos com o estudante durante a semana, devido as demandas do dia a dia familiar, além da falta de paciência.

A gente não tinha muita paciência de ensinar ele, a maioria das vezes quem fez as lições foi a mãe dele, eu alguma vez ou outra fazia porque eu ainda mesmo assim continuei trabalhando, graças a Deus não perdi o meu emprego...

Eu pegava a cartolina, mandava ele recortar e colocar, é assim que ele ia ... e celular também, né?

A gente fazia no final de semana, ou no sábado ou no domingo, não tinha um dia, um cronograma, tipo segunda-feira você vai fazer isso, terça-feira você vai fazer aquilo, era aleatório ou ela [mãe] fazia alguma coisa durante a semana quando ela tinha algum tempo ou no final de semana eu sentava com ele e fazia algumas lições com ele, eu lia a lição explicava pra ele o que ele teria que fazer. (Caio).

Rosa também evidencia o gosto que as crianças têm em realizar as atividades na escola e com a professora. Atrelada a isso, registra sua falta de paciência durante o processo de ensino a seus filhos, além da dispersão que estes demonstraram durante a realização das atividades propostas pela professora.

Eles gostam de fazer na escola! Eles falavam "não vejo a hora de fazer a lição com a prô, porque você, mãe, não tem paciência, você é muito estressada e não sei o quê!". Ai eu falei, então... É que tem hora que você está ali falando, falando. Foi o que eu te falei: eles não prestam atenção! Ai você está falando uma coisa, aí ele está rindo do irmão, está apontando o lápis, ele está olhando pro cachorro... dão um trabalho! (Rosa).

A constituição de rede de apoio para a aprendizagem dos estudantes foi fundamental na travessia do ensino remoto. Ivone enfatizou a importância da família nesse processo. Expôs que tinha dificuldades para ensinar determinados conteúdos e que o auxílio de seu esposo foi importante.

Foi uma coisa de a gente achar que não ia conseguir... e aí eu comecei a cobrar também os membros da minha família... então foi todo mundo da família com quem a gente tinha contato embarcando nessa e ajudando de alguma forma ela. [...] O que pra mim é difícil, meu marido me ajudava, e eu ajudava ela. (Ivone).

Rosa narra que, por trabalhar distante de sua residência, seus filhos deveriam ter o apoio de outros membros da família que residiam na mesma casa. No entanto, esse apoio não foi efetivo dada as particularidades de cada membro familiar. Sucessivamente, afirma que os estudantes ficaram “largados” ao que se relaciona aos assuntos acadêmicos, ou seja, não acessavam e nem realizavam as atividades propostas pela professora, bem como não houve participação nas chamadas de vídeo realizadas ao longo do ano.

*[Eu] saía de casa às 5:30 da manhã. Tinha que pegar duas conduções para chegar no serviço, era meio longincho [...] eu chegava era 19h, 19h30, então minha tia, de idade, [a outra filha] adolescente, então para ela também [era ruim para ensinar]. O pai deles também trabalha. **Então ficou bem... eles ficaram bem largados dessa parte de escola, vou falar a verdade!** (Rosa).*

Nesta mesma perspectiva, Caio conta que foi muito difícil e que tanto ele, quanto sua rede de apoio, perdiam a paciência com a criança, pois esta demonstrava tamanha dispersão e preguiça para realizar as atividades propostas.

Foi difícil, ele tinha bastante preguiça, inventava um monte de coisa, eu tinha que ficar gritando com ele... foi difícil. A minha irmã perdia a paciência com ele, aí ele vinha aqui pra minha casa, fazia, eu perdi a paciência com ele, ele subia, fazia, aí meu irmão vinha pra ajudar. (Caio)

A pandemia é algo novo para a população, com o passar dos dias, as pessoas foram criando novos hábitos. Nóvoa (2020, p.8) afirma que:

De um modo geral, ninguém estava preparado para esta situação e a avaliação que, hoje, já podemos fazer revela aspectos negativos, como as desigualdades e o empobrecimento pedagógico, mas também positivos, como a ligação com as famílias e a inventividade de muitos professores.

Nesse interim, a próxima subcategoria fala sobre as adequações que a escola precisou realizar.

6.3.2 – Escola em tempos de pandemia: adequações necessárias

Composta pelos significados “A organização da escola durante a pandemia”, “Relação com a professora”, “Valorização do professor” e “Escolarização pós pandemia”.

Sobre a organização da escola durante a pandemia, Caio expôs que obteve acesso de imediato aos comunicados da escola, atividades propostas, grupos de *WhatsApp* da turma e relata ainda, que algumas atividades eram fáceis enquanto outras eram chatas.

Dessa escola eu não tenho do que reclamar, ela foi muito boa, ela ajudou bastante na pandemia, as atividades eram algumas fáceis, outras eram bem chatas. [...] Eu tive acesso de imediato no grupo [de whatsapp da turma]. (Caio).

Para Ivone, a escola foi assertiva em algumas ações, porém insuficiente em outras. Revela que ao cobrar ações pontuais da escola em relação a falta de organização, sentia que era vista como impertinente. No entanto, estava em busca de uma escola pública de qualidade, ao passo que afirma que a escola, se comparada a outras unidades escolares da região, conhecidas pela excelência no ensino, essa escola teve desempenho superior.

Teve pontos da escola que ela foi superior a várias outras escolas que são reconhecidas, mas teve coisas que deixaram a desejar, aí quando eu começava a cobrar eu me tornava a “reclamona”, a “chata”. [...] A escola também deixou a desejar em algumas coisas [...] eu reclamava de organização. (Ivone).

A relação com a professora foi satisfatória, conforme mencionado por Ivone:

E como contato com a professora não tenho do que reclamar, tudo que eu me predispus a fazer, a professora também se dispôs a me ajudar e tudo certo. (Ivone).

Caio também pontuou que a parceria entre família e professora foi importante e sem lacunas. Sugere ainda, que o acompanhamento dado pela professora continue satisfatório.

Não tem o que reclamar da professora, nem da escola, graças a Deus. [...] É, não tem o que falar, vocês não foram omissos, sempre ajudou quando precisou, a gente sabe do papel de vocês e eu espero que por mais que essa pandemia continue, é, que não deixem de dar essa assistência ou de mandar atividade se eventualmente acontecer alguma coisa pior, que a gente espera que não né? (Caio).

Segundo Novoa (2020, p. 8), “(...) os governos deram respostas frágeis e as escolas também”. As colocações acima vão ao encontro com o pontuado por Nóvoa (2020, pp. 8-9):

As melhores respostas, em todo o mundo, foram dadas por professores que, em colaboração uns com os outros e com as famílias, conseguiram pôr de pé estratégias pedagógicas significativas para este tempo tão difícil. [...] Este é, talvez, o aspecto mais positivo de tudo o que se está a passar, pois reforça a profissão docente e o seu reconhecimento social e abre novas perspectivas de futuro.

Complementando as colocações anteriores, foi notória a percepção que as famílias entrevistadas relataram sobre a importância do papel que o professor exerce e o quanto a profissão precisa ser valorizada. Ivone e Caio discorrem sobre o tema:

Eu falei: “meu Deus, uma criança me deixou assim, com o marido, imagina a professora com várias crianças dentro da sala? o quanto não cai o cabelo... mas tava complicado. (Ivone).

Agora que a gente tá dando valor na situação, na importância que o professor tem para vida de todo mundo, principalmente dos pais, porque não é fácil você lidar com filho dos outros. Cada um tem um ego, cada um é de um jeito. Acho que ele gosta de aprender mais com a professora, não com os pais. (Caio).

Nóvoa (2020, p. 9) reforça as colocações pontuadas pelas famílias e faz uma crítica aos governantes e Ministérios da Educação:

[...] as melhores respostas à pandemia não vieram dos governos ou dos ministérios da educação, mas antes de professores que, trabalhando em conjunto, foram capazes de manter o vínculo com os seus alunos para os apoiar nas aprendizagens. Em muitos casos, as famílias compreenderam melhor a dificuldade e a complexidade do trabalho dos professores. Isso pode trazer uma valorização do trabalho docente e criar as condições para um maior reconhecimento social da profissão.

Os livros que estão a ser publicados com as experiências docentes durante a pandemia revelam que muitos professores foram para além dos seus deveres profissionais e agiram com grande compromisso e responsabilidade.

Diante disso, é necessário compreender o quanto os professores buscaram se atualizar na tentativa de garantir o acesso e permanência dos estudantes, desenvolvendo atribuições para além das inerentes ao cargo.

As famílias demonstram preocupações e inseguranças com a escolarização pós pandemia. Caio afirma:

Para muitas crianças, não só para crianças, adolescentes, principalmente, os adolescentes eu acredito que até dos quinze ou dezoito anos pra baixo, eu acho que vai ser uma geração não que perdida, mas vai ser difícil, porque se antes da pandemia já era difícil, agora fica muito pior porque essa geração de hoje, eles não querem saber de estudar né? (Caio).

Rosa enfatiza a sua preocupação e cita o caso de sua filha mais velha, que irá cursar o primeiro ano do Ensino Médio e, segundo Rosa, não tem os conhecimentos acadêmicos suficientes para tal ano.

Vai ter muito nego aí sim saber muita coisa, por exemplo, a minha filha de 15 anos, foi para o primeiro ano sem saber, eu falo pra ela que ela não sabe nada! Porque, assim, prô, em casa, você sabe, né? Adolescente! (Rosa)

Nóvoa (2020) faz um alerta para os perigos e armadilhas da pós crise, a partir de três colocações importantes:

Primeiro - Não transformar a “anormalidade” da presente crise em normalidade, isto é, não pensar que o futuro da escola passa pelo retraimento ou clausura em espaços domésticos ou privados, através de um uso extensivo da “aprendizagem à distância”. Uma orientação deste tipo acentuaria as tendências para considerar os alunos como consumidores/clientes, bem como as lógicas de mercantilização ou comercialização, pondo em causa a educação como um bem público. O pior da crise pode mesmo ser o pós-crise.

Segundo - Compreender que, depois da crise, os espaços-tempos escolares devem ser reorganizados, construindo novos ambientes coletivos de aprendizagem (novos ambientes educativos), que sejam também capazes de valorizar a capilaridade, isto é, a existência de possibilidades educativas em muitos outros espaços de cultura, de conhecimento e de criação. A inclusão, a diversidade e a cooperação são marcas centrais da metamorfose da escola.

Terceiro - Repensar as bases do currículo, concentrando a atenção nas linguagens (a capacidade de ler e interpretar as diferentes realidades), no conhecimento sobre o conhecimento (a capacidade de distinguir e interpretar a abundância de dados e informações) e na inteligência do mundo (a capacidade de interligar, de compreender, os grandes temas da humanidade). Os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável poderiam ser pensados como fontes do currículo.

A situação pandêmica trouxe inúmeras reflexões acerca da escolarização, do papel da família, da escola e dos órgãos públicos. As categorias a seguir complementarão as discussões.

Essa falta de paciência exposta pelos entrevistados revela diferentes situações: a falta de maior contato e interação com os professores e escola, a importância da escola, uma participação mais efetiva na vida escolar das crianças, o distanciamento dos filhos por conta das demandas do dia a dia, a falta de interesse dos pais em lidar com assuntos relacionados a escola, constituição familiar, escolarização dos familiares, falta de rede de apoio, necessidade de políticas públicas que acolham as famílias.

Essa impaciência, revela a dificuldade de uma participação mais efetiva das políticas públicas. Evidencia, inclusive, a importância da escola, num mundo tão complexo como o nosso. A escola é insubstituível no desempenho das tarefas que lhe

são atribuídos seja na aprendizagem dos conhecimentos historicamente acumulados como também nas tarefas específicas de socialização das crianças e adolescentes e também na formação do cidadão conforme determinado pela Constituição Federal do Brasil (1988), em seu artigo 205:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

6.4. CATEGORIA 4 – Escola em tempos de pandemia: adequações necessárias

Constituída pelas subcategorias “Atividades impressas e online: desafios e caminhos para a aprendizagem significativa”, “Ferramentas e locais de estudo”, “Conectividade e tecnologia: rompem ou cultivam barreiras?” e “A televisão como veículo de informação e desinformação”, a categoria “Escola em tempos de pandemia: adequações necessárias”. Esse conjunto permitirá a reflexão acerca do papel e função da escola e de seus atores na tentativa de garantir o acesso, permanência e aprendizagem dos estudantes durante esse período “permeado de incertezas, angústias, medo, mas também de renovação, superação e reinvenção das práticas pedagógicas”, conforme pontuado por Matsukuma e Placco (2021, p.88).

A rotina de uma escola é recheada de desafios, superações e conquistas diárias que determinam o processo de ensino-aprendizagem. Antes da pandemia, já existiam atividades construídas nos espaços escolares, nas formações de professores, nas reuniões pedagógicas que buscavam oferecer estratégias aos alunos para facilitar a construção da aprendizagem significativa possibilitavam essa aprendizagem significativa. A troca dos estudantes com seus pares, com professores e demais funcionários que compõem o grupo escolar é extremamente importante para o desenvolvimento integral das crianças. A pandemia chegou trazendo inúmeras dificuldades e, junto a essas, alguns ganhos oriundos da readaptação dos atores da escola.

Embora seja sabido que não foi possível acessar a todos os estudantes por inúmeros motivos, dentre esses a falta de conectividade, falta de aparelhos tecnológicos, migração para outros Estados, a maior parte das escolas continuou buscando oferecer atividades para os alunos. Matsukuma e Placco (2021, p.100)

listam essas dificuldades, mas enfatizam alguns ganhos obtidos pelos educadores ao longo desse período pandêmico no campo acadêmico:

Como já dissemos, a educação não parou! Pelo contrário, ela foi além, e deu lições de superação, reinvenção, cidadania, solidariedade, empatia, acolhimento e senso de responsabilidade coletiva. São avanços e aprendizagens que precisam ser mantidos e ampliados, no momento pós pandemia [...].

Para se chegar aos ganhos relatados por Matsukuma e Placco (2021), diversas ações foram necessárias tanto por parte dos atores da escola quanto dos familiares e estudantes. Nesse interim, a próxima subcategoria abordará as adequações e ações que a escola procurou realizar.

6.4.1 – Atividades impressas e online: desafios e caminhos para a aprendizagem significativa

Essa subcategoria destaca/compreende/abrange o significado “A relação dos estudantes e famílias com as atividades impressas e online”.

Diante da impossibilidade de ir presencialmente à escola, em período pandêmico, as instituições de ensino tiveram que rever estratégias de mediação da aprendizagem e de atuação docente. Um exemplo, foi a elaboração e distribuição de material impresso, a ser retirado na escola.

Conforme orientação da Secretaria de Educação do município de Santo André, por meio de normas, assim que ocorreu a suspensão das aulas presenciais, uma equipe de professores que atua diretamente na SE elaborou um material para toda a rede de ensino, com atividades (para os estudantes) voltadas à prevenção da Covid-19 além de orientações aos professores. No entanto, esse material não condizia com a realidade das diferentes comunidades atendidas pela rede. As atividades foram disponibilizadas via site da prefeitura e as famílias deveriam acessá-las. Foi esse o primeiro contato com o universo do ensino remoto, porém para uma parcela dos estudantes e famílias, esse contato não ocorreu, seja por falta de comunicação entre família e escola, seja por falta de acesso à internet, seja por falta de equipamentos eletrônicos.

Na tentativa de acessar todos os estudantes da rede de ensino, cada comunidade escolar do município planejou ações de acordo com as necessidades de

cada comunidade. Na escola que deu origem a essa pesquisa, foi necessário o envio de atividades tanto impressas quanto online, uma vez que o acesso online era desafiador para muitas famílias. Deste modo, as famílias poderiam escolher qual a melhor forma que, dentro de sua estrutura e rotina familiar, seria mais eficaz seja para o acesso, seja para a realização das lições propostas pelos professores.

As famílias entrevistadas optaram pela retirada dos materiais impressos. Ivone compartilha que realizar as atividades de modo online dispersava a atenção de sua filha, enquanto as atividades impressas proporcionavam uma maior concentração da estudante.

Eu sempre achei o material muito rico... o impresso para ela foi muito melhor... Por que você abriu o computador: "mãe eu quero jogar", então foco já dispersa... e o impresso não, vamos tentar aqui, vamos fazer! (Ivone).

Retomando a categoria anterior, observa-se que Caio relata a falta de paciência que os familiares tinham enquanto realizavam as atividades com o estudante e que, possivelmente, isso afetou diretamente o interesse em realizar as atividades oferecidas pela escola. Caio expõe que seu filho demonstrou resistência para realizar as atividades, apresentando, inclusive episódios de choro, achava as atividades difíceis, além da tentativa de convencer seus familiares em não retirarem as atividades impressas na escola.

Ele odiava prô, ele não deixava nem eu buscar na escola [...]. Achava muito difícil, ele falava "o que? eu não tô entendendo nada", "eu não vou fazer nada", aí ficava chorando sabe? Aí foi difícil algumas atividades. (Caio).

Com o passar do tempo, às atividades impressas elaboradas pelos professores, foram acrescidos os livros didáticos do programa PNLD (Programa Nacional Livro Direto na Escola), o que, segundo Ivone, contribuiu de forma positiva para o desenvolvimento da estudante.

Essa ajuda do livro, do material impresso, mas aí a quantidade do material a qualidade do material sempre foi muito boa! O que realmente me dificultou a entrega do material, somente de Educação Física, foram os horários. (Ivone).

Conforme organização da escola, era proposto que as atividades de Educação Física fossem realizadas às sextas-feiras. Eram disponibilizadas de modo impresso e por meio de vídeos postados no grupo de *WhatsApp* da turma. Como forma de

devolutiva, as famílias precisavam gravar vídeos com a criança desenvolvendo as atividades, enviar fotos e/ou registros por escrito. Observando turma com um todo, de 21 alunos, uma média de 4 alunos realizavam a devolutiva das atividades de Educação Física.

Dessa forma, nota-se que, para as famílias entrevistadas, as atividades mediadas por aquelas ferramentas tecnológicas não colaboravam para o acesso e participação do estudante no processo de ensino-aprendizagem.

6.4.2 – Ferramentas e locais para estudo

Sabe-se que, na escola, os espaços, meios e ações dos professores são organizados de modo a favorecer a aprendizagem, interação, comunicação e desenvolvimento dos estudantes. Com o isolamento social, o ambiente familiar, especificamente a casa, tornou-se esse espaço e os atores mediadores do processo de ensino foram alterados e, com isso, também, as ferramentas de acesso ao conhecimento.

Ivone explica a estrutura de sua casa e afirma que passa a maior parte da sua rotina diária na cozinha. Embora tenha reservado um espaço na sala da casa para os estudos, pela sua dinâmica diária e pelo cômodo ser o mais quente da residência, muitas vezes, as atividades são realizadas na cozinha.

É, a gente tem uma sala, a gente reservou espaço, mas a gente... é assim, a minha casa é um pouco diferente das outras, eu moro na parte de baixo e tem uma parte que é de cima, na parte de cima, a gente ia fazer uma lavanderia, mas a gente acabou não fazendo e acabou fazendo uma cozinha, que é uma parte mais quente da casa, então a gente fica mais nessa parte, porque eu já estou próximo das coisas que eu faço durante o dia e durante a tarde, durante a noite, a gente já fica na parte de baixo que é mais fresquinha que é mais tranquilo. Mas às vezes a gente tem a sala que a gente faz as atividades ou na cozinha mesmo. (Ivone).

Quanto ao local específico na residência para a realização das atividades escolares, Rosa esclareceu que o quarto das crianças possui pouco espaço e o local escolhido pela família para a realização das atividades propostas foi a cozinha, pois além de ser mais espaçosa, a mesa é mais confortável.

Não, geralmente a gente faz na cozinha mesmo! Senta na mesa lá, que na mesa é mais confortável, porque no quarto é ruim porque não tem mesa e o

quarto deles não é muito grande. O quarto dele só cabe a cama deles, o guarda-roupas e eles [risos]. O quarto deles não é muito grande. (Rosa).

As colocações acima, compreenderam o significado “Espaços para os estudos”. Pode se concluir que as famílias improvisaram espaços dentro do que era possível em cada residência, no entanto, não eram os ideais, pois havia disputa junto a outras funções a eles destinados dentro da rotina da casa.

Em relação às ferramentas utilizadas, finalizamos essa subcategoria com o significado “Celular: até que ponto é um forte aliado para a comunicação?”

O celular está presente na maioria das residências de todo o mundo. No entanto, alguns obstáculos são encontrados quanto ao uso efetivo dessa ferramenta: o tipo de internet que o aparelho dispõe, sua configuração e memória, a quantidade de aparelhos existentes em uma casa, se as pessoas sabem utilizá-lo adequadamente, qual a relação do indivíduo com essa ferramenta, entre tantas outras questões pertinentes ao uso deste. Corroborando com obstáculos acima, Rosa afirma que um dos problemas enfrentados com o uso desse foi a falta de memória do aparelho e a necessidade da obtenção de um novo, com isso, no celular do estudante só havia sido o aplicativo de WhatsApp e alguns joguinhos, sendo assim, subentende-se que o estudante não acessava as atividades propostas pela unidade escolar pelo aparelho.

[...] O celular do estudante, tem pouca memória, então, eu acho que só tem instalado o WhatsApp né? [...] É que esse celular era meu, aí eu dei pra ele, já estava com problema [o celular]. Mas era mais mesmo pra ele jogar, alguma coisinha assim, mas não dava pra fazer “nossa” [muitas coisas]. (Rosa).

Caio enfatiza que o estudante usufruía tanto de tablet quanto do aparelho celular que eram seus, adquiridos pela própria família, e, após o tablet quebrar, ficou utilizando somente o celular para assistir os vídeos e atividades que a professora propunha, “o começo era [acessava as atividades por meio de] um tablet que eu tinha comprado pra ele, depois quebrou e aí ficou só o celular.”

Ivone compreende a importância do uso de celular como um avanço tecnológico e ferramenta de apoio para os estudos e para a informação instantânea, porém enfatiza que, em sua rotina com a estudante, impunha regras quanto ao uso para que este não absorvesse grande parte do dia a dia da estudante. Afirma ainda que o *WhatsApp* é uma importante ferramenta para a comunicação.

Então o celular é a forma que a gente mais utiliza para pesquisar. [...] Sempre tento impor para ela regras com relação à utilização do celular. Vai ter hora para tudo, tudo a gente tem que ter um momento, até para a gente descansar. [...] WhatsApp é um aplicativo que tipo me permite ter quase que instantaneamente a informação. Foi uma ferramenta legal, não vou dizer que é uma ferramenta ruim não. (Ivone).

O aplicativo mais utilizado durante o período de pandemia para comunicação com as famílias foi o WhatsApp¹², por esse possibilitar o envio de mensagens de textos e de voz, links, vídeos, documentos, além de ser um aplicativo que consome poucos dados móveis de internet. Ainda assim algumas as famílias se comunicavam esporadicamente com a unidade escolar, retirando e devolvendo as atividades prontas sem rotina constante. Ainda, existiam os casos de famílias que não contatavam a professora e escola, sendo necessária a realização da busca ativa.

6.4.3 – Conectividade e tecnologia: rompem ou cultivam barreiras?

Se pensarmos na forma como se estrutura a nossa sociedade, será necessário considerar a tecnologia como um fator fundamental no processo educacional. Nas últimas décadas, o desenvolvimento de novas tecnologias foi enorme, havendo, agora, novas formas de se comunicar e ter acesso a informações, sendo possível romper barreiras temporais e geográficas. Mas esse fenômeno abarca a todos? Se pensarmos que alguns estudantes não têm meios (celular, notebook, computador, tablet, internet) que viabilizem o acesso à informação disponibilizada nas redes de ensino, a tecnologia está rompendo algo? Ou cultivando barreiras? Até que ponto esse rompimento de barreiras é benéfico? Pensando na educação integral diante do cenário de ensino remoto, estamos cultivando as barreiras ou rompendo-as?

A subcategoria “Conectividade e tecnologia: rompem ou cultivam barreiras?”, abrange o significado “Conectividade e tecnologia”. Nota-se, nas falas dos entrevistados, que o acesso às tecnologias e aos meios de conexão ficaram comprometidos em vários momentos durante do ensino remoto, seja por falta de

¹² O WhatsApp surgiu como uma alternativa ao sistema de SMS e agora possibilita o envio e recebimento de diversos arquivos de mídia: textos, fotos, vídeos, documentos e localização, além de chamadas de voz. Alguns de seus momentos mais importantes são compartilhados no WhatsApp. Por essa razão, implementamos a criptografia de ponta a ponta no nosso aplicativo. Por trás de cada decisão está o nosso desejo de possibilitar que as pessoas se comuniquem sem barreiras, em qualquer lugar do mundo. Disponível em https://www.whatsapp.com/about/?lang=pt_br . Acesso em: 21 fev 2022.

dados móveis, seja por quebra dos aparelhos.

Ivone afirma que atualmente o uso de celular provido de internet é indispensável e reconhece que há desigualdade de acesso, demonstrando preocupação em relação aos que não o possuem. Afirma ainda que, há duas décadas, a criança está cada vez mais envolvida com a tecnologia.

O celular... Praticamente uma extensão da gente, a gente tá sempre com ele do lado [...]. De 2000 para cá, criança é tecnologia! [...] Muita gente não conseguiu ter o acesso que eu tive, a oportunidade que eu tive de estar com ela, seja por falta de esforço, seja por falta de dinheiro, porque muita gente desempregada... [...] A internet hoje é o que liga as pessoas, querendo ou não, uma forma positiva ou negativa tá ligando, então você tem mais informações com a internet, muita gente, num geral não teve essa oportunidade. (Ivone).

Ivone diz que o celular é “praticamente a extensão da gente, a gente tá sempre com ele do lado”, essa colocação de Ivone corrobora ao que declaram Smolka e Magiolino (2010, p.39):

Os usuários, os consumidores, os portadores do conhecimento, parecem ter o mundo cada vez mais rápido na palma da mão. Têm a memória no bolso, podem ter acesso à informação em tempo real e pesquisar qualquer assunto on-line. As práticas, o conhecimento, encontram-se condensados num pequeno apetrecho portátil. Os gestos abreviam-se num aperto de botão, num toque na tela.

Em meados de novembro de 2020 (somente oito meses após o decreto do fechamento das escolas por conta da pandemia do Coronavírus), a prefeitura de Santo André, por meio da Secretaria de Educação, disponibilizou um chip 20 Gigabytes de dados móveis a todos os estudantes matriculados na rede municipal de ensino da cidade, o que permitia acessarem as atividades, vídeos, jogos, aplicativo do WhatsApp, entre outros. No entanto, defrontou-se com um impeditivo, a falta de equipamentos eletrônicos (de algumas famílias) para que o uso do chip fosse pudesse possibilitar o acesso às mídias digitais e internet.

Há, também, os casos em que as famílias dispunham do aparelho celular e/ou tablet, porém não tinham acesso à internet anterior ao chip ofertado pela Secretaria de Educação, como assegura Caio:

É de início, a gente não tinha [wi-fi, nem dados móveis], tanto que a gente pegou, que a escola cedeu o chip com dados móveis e aí a gente ficou usando os dados móveis. Com esses dados móveis a gente conseguia fazer

algumas atividades com ele, depois a gente conseguiu melhorar e colocamos pela rede de wifi. (Caio).

Para a família de Caio, o chip fornecido pela prefeitura foi de extrema importância tal qual possibilitou o acesso à internet. Já para a família Rosa, embora tenham retirado o chip na escola, não fizeram uso deste, pois já possuíam wi-fi em sua residência. A entrevistada afirma que seus filhos possuem aparelhos celulares que foram cedidos pelos pais. Ao passo que esses aparelhos foram perdendo sua eficiência tecnológica, eles compraram aparelhos novos e deram os antigos aos filhos, assim, cada filho possuía um aparelho, entretanto, Rosa expõe que os filhos não têm cuidado com o aparelho celular, por este motivo, não compensa comprar equipamentos novos.

[O chip fornecido pela Secretaria de Educação] Funcionou! Mas também, só pegou mesmo, porque como aqui em casa já tem wi-fi e tudo, então nem chegaram a usar, assim, na verdade. [...] Eles têm um celular um pra cada um, [...] É que esse celular era meu, aí eu dei pra ele, já estava com problema [o celular]. Mas era mais mesmo pra ele jogar, alguma coisinha assim, mas não dava pra fazer “nossa” [muitas coisas]. O irmão gêmeo do estudante também tem um que não estava novo. Mas não compensa dar um novo, não, porque eles não têm cuidado! (Rosa).

Diante das colocações de Ivone, reflete-se acerca das desigualdades existentes em nosso país e no mundo, principalmente as desigualdades educacionais. Macedo (2021, p.268) enfatiza essa desigualdade:

Mais do que nunca, durante a pandemia do coronavírus em 2020, a educação no Brasil tornou-se um privilégio, deixando milhares de estudantes sem garantia de seu direito à educação.

Durante o período de pandemia, mais escancarado que nunca, o direito a educação foi, muitas vezes, negligenciado pelos poderes públicos, quando milhares de estudantes ficaram a margem da educação. A impossibilidade de acesso a um mundo tecnológico ou a impossibilidade de acesso com qualidade a esse mundo cultiva barreiras, pois continua a diferenciar grupos por isso.

6.4.4 – A televisão como veículo de informação e desinformação

A mídia, comunicação, informação e desinformação exercem papéis importantes na formação dos indivíduos e interfere diretamente na construção do pensamento crítico e pensamento ingênuo. A educação em tempos de internet, televisão, redes sociais, informação e desinformação desempenha um papel de fundamental importância na formação dos indivíduos.

A influência da informação na vida das pessoas é relevante e, diariamente são recebidos diferentes conteúdos, seja por mensagens em aplicativos, programas de televisão, redes sociais, que desempenham grande peso nos fatores comportamentais do indivíduo e da sociedade. A comunicação e os meios de comunicação englobam situações e reações comportamentais que induzem um grupo de pessoas a terem atitudes diversas perante fatos ocorridos sobre determinados assuntos de seu interesse.

As *Fake News* (notícias e informações falsas), chegam de todos “os lados”, de diferentes aplicativos e se disseminam em uma velocidade extraordinária. É um ramo que lucra a partir das desinformações e afeta emocionalmente as pessoas. Estas são planejadas e estruturadas para levar o usuário ao erro, manipulá-lo, além de criar boatos, deturpar uma informação verdadeira, com foco de alcançar resultados pré-estabelecidos ao serem lançadas.

Diante disso, Caio relata que ele e sua família ficaram muito assustados com as informações noticiadas na televisão a respeito da Covid-19.

A televisão também ela espalha de um jeito como se ela quisesse que a população ficasse aterrorizada porque a intenção deles é isso, é, eles querem alertar a população e deixar a população aterrorizada pra todo mundo ficar com medo e não sair de casa, não ir trabalhar e fazer as coisas. Então a gente ficou bem assustado. (Caio).

Por ser algo novo em nosso meio, muitas informações deturpadas surgiram, cabendo a população a busca por notícias verdadeiras. O sentimento de medo representado por Caio em sua fala, foi o mesmo que muitas pessoas vivenciaram, assim como pontuado por Sousa *et al.* (2021, p.89).

Muitas vidas foram perdidas no Brasil pela Covid-19 e esse fenômeno também se proliferou pelo vírus da ignorância caracterizado, entre outros aspectos, pela negação da ciência, pelas fake news contra as vacinas, pela propagação de mensagens sobre o tratamento precoce sem a eficácia comprovada, por ações concretas e simbólicas contra o distanciamento social e o uso de máscaras. Os responsáveis pela propagação do vírus da ignorância, eram oriundos dos mais diferentes níveis de governos (federal,

estadual e municipal), grupos e frações das classes sociais adeptos do conservadorismo do atraso.

Devemos nos manter em constante vigilância afim de não cairmos nas ciladas das desinformações. Não só as dificuldades de acesso à escola deixaram a família à mercê de informações televisionadas, mas também, a informação sempre em cima da hora, sem precisão, condicionou um clima tenso. Nesse ponto, encontramos alguns questionamentos que ficam para reflexão: como se adequar nesse momento de pandemia diante das dificuldades às informações ou de acessos pouco precisos? Se a educação e o processo de ensino-aprendizagem são condicionados a um planejamento, como planejar sem saber o que vai acontecer amanhã? Onde e como buscar fontes de informações confiáveis e verídicas?

6.5 CATEGORIA 5 – Educação, escolarização e o processo de humanização

Para iniciar a análise dessa categoria retomaremos os conceitos de educação, escolarização e processo de humanização, mas, antes de definir os conceitos, se faz necessário compreender a sua formação (de conceitos), pois não basta saber qual é o significado das palavras, buscando-os em dicionários, ou até mesmo memorizando os seus significados, como em um ato puramente mecânico. Ninguém pensa a partir do “vazio”, sempre há experiências anteriores capazes de maximizar e possibilitar a formação de conceitos e a sua explicação. Deste modo, McDonald (1965, p. 5) define que “conceitos não podem ser aprendidos sem alguma experiência relevante com o fenômeno a ser conceitualizado”. Explicita, ainda, que experiências relevantes, relacionadas com o que será conceitualizado, farão com que o conceito seja, de fato aprendido, assim como:

O processo de formação de conceito está intimamente ligado com o desenvolvimento da personalidade [...] as experiências de aprendizagem estendem, diversificam e reorganizam esse sistema conceitual. À medida que esse sistema muda, a personalidade da criança muda. (MCDONALD, 1965, p. 4).

Como mencionado anteriormente, não basta apenas localizar o significado da palavra no dicionário, uma vez que a palavra, além de seu significado, vem carregada de sentido.

Vigotski explica a diferença entre sentido e significado:

“[...] o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata. O significado, ao contrário, é um ponto imóvel e imutável que permanece estável em todas as mudanças de sentido da palavra em diferentes contextos. Foi essa mudança de sentido que conseguimos estabelecer como fato fundamental na análise semântica da linguagem” (VIGOTSKI, 2001, p. 465).

Por exemplo, se buscarmos no Dicionário online de português¹³ a palavra educação, vários significados serão apresentados. Dentre eles:

Ação ou efeito de educar, de aperfeiçoar as capacidades intelectuais e morais de alguém: educação formal; educação infantil; Processo em que uma habilidade se desenvolve através de seu exercício contínuo: educação musical; Capacitação ou formação das novas gerações de acordo com os ideais culturais de cada povo; Expressão de gentileza, sutileza, delicadeza [...]

Antunes (2008, p.469) vai além da palavra dicionarizável, esclarece que:

Entendemos educação como prática social humanizadora, intencional, cuja finalidade é transmitir a cultura construída historicamente pela humanidade. O homem não nasce humanizado, mas torna-se humano por seu pertencimento ao mundo histórico-social e pela incorporação desse mundo em si mesmo, processo este para o qual concorre a educação. A historicidade e a sociabilidade são constitutivas do ser humano; a educação é, nesse processo, determinada e determinante.

O entendimento de Antunes vai ao encontro do que Vigotski escreveu sobre sentido e significado, uma vez que o sentido da palavra vai para além de seu significado.

Ao digitar no buscador do Dicionário online de português¹⁴ a palavra humanização, o resultado obtido é “ação ou efeito de humanizar ou humanizar-se; tornar-se mais sociável, gentil ou amável” e, com sinônimo, a palavra educação. Com isso sugere-se que educação e processo de humanização estão imbricados. O processo de humanização pressupõe a tomada de consciência de si e da realidade. É um processo de tornar-se pessoa e perceber o que lhe falta e o que é necessário ser transformado na sociedade.

¹³ Disponível em <https://www.dicio.com.br/educacao/>. Acesso em 02 mar 2022

¹⁴ Disponível em <https://www.dicio.com.br/humanizacao/>

Já para a palavra escolarização, encontramos, no Dicionário online de português¹⁵, os seguintes significados:

Ação de escolarizar, de frequentar o ensino escolar, de ser alvo de algum tipo de aprendizagem: crianças em fase de escolarização; Ação de agir ativamente no processo escolar de outra pessoa, ensinando formalmente conteúdos escolares: o Estado providenciará escolarização aos que não conseguiram vagas [...].

Ao tratar sobre escolarização, sabe-se que não basta sancionar leis que visam garantir o acesso a escola, é necessário que os órgãos federais, estaduais e municipais garantam a permanência, além de educação com qualidade. Nesse ponto, reflete-se sobre a exclusão, uma vez que muitos indivíduos em idade escolar estão fora da escola. Não retirando os méritos e avanços que as políticas públicas implantadas no Brasil na área da educação produziram ao longo dos últimos anos, mas muito ainda há que caminhar.

6.5.1 – Educação de ontem e hoje, grandes mudanças!

Essa subcategoria compreende o significado “Educação: Comparação com o passado”.

Várias mudanças no processo de escolarização têm sido observadas que envolvem uma rediscussão da função social da escola e também no papel que o conhecimento passa a representar na escola e na sociedade, desde o surgimento da escola enquanto instituição de ensino. É necessário mencionar que a educação obteve inúmeros ganhos ao longo do tempo, porém, muito há a se fazer para garantir a democratização e universalização do ensino. Diversas são as leis que regem o sistema educacional brasileiro.

Como já fizemos referência anteriormente, o artigo 205, da Constituição Brasileira destaca, que a educação visa o pleno desenvolvimento da pessoa, além do seu preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. Deste modo, infere-se que a formação para a cidadania requer a formação da consciência dos direitos e deveres e da consciência da realidade brasileira em seus múltiplos desafios e contradições.

¹⁵ Disponível em <https://www.dicio.com.br/escolarizacao/>

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Além do artigo 205 da Constituição Brasileira, a LDB, em seu artigo 2º, também enfatiza a finalidade da educação: “o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” e o artigo 3º elenca os princípios que regem o ensino:

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
- IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- VII - valorização do profissional da educação escolar;
- VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
- IX - garantia de padrão de qualidade;
- X - valorização da experiência extra-escolar;
- XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.
- XII - consideração com a diversidade étnico-racial.
- XIII - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida.**
- XIV - respeito à diversidade humana, linguística, cultural e identitária das pessoas surdas, surdo-cegas e com deficiência auditiva. (BRASIL, 1996, não paginado).

Durante o período de pandemia, muitas leis e decretos foram criados na tentativa de abranger todos os estudantes matriculados na educação básica, assegurando-lhes ensino de qualidade em tempos de pandemia. No entanto, sabe-se que muitos estudantes não tiveram acesso a conteúdos escolares por diferentes motivos, já pontuados anteriormente. Uma das grandes dificuldades da pandemia foi a manutenção da qualidade da educação. É função do Estado e prefeituras providenciarem todas as condições para a garantia do direito a educação, porém esse direito foi negligenciado em muitas prefeituras e em alguns estados da federação.

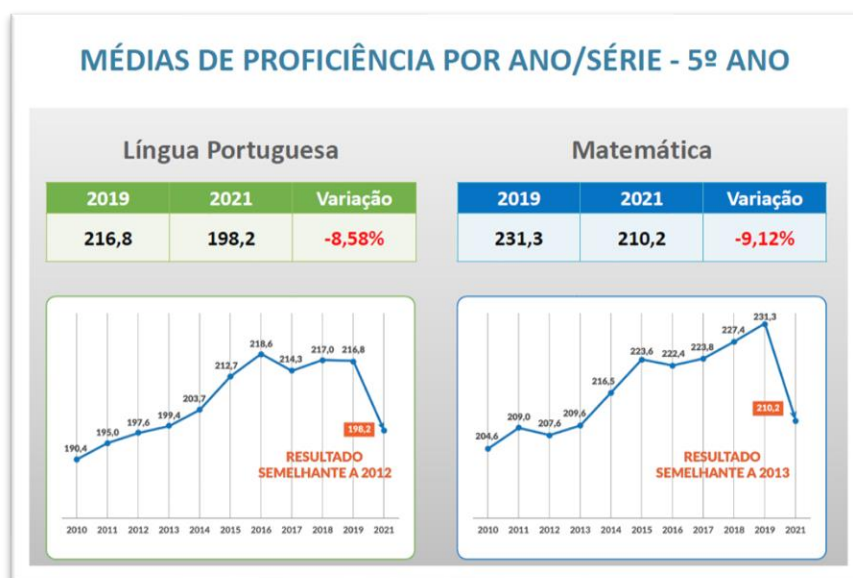
A prova do SARESP (Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo), tem sido aplicada em toda a rede estadual, particulares e municipais, dos estudantes do 5º e 9º do Ensino Fundamental e 3ª série do Ensino Médio, com a finalidade de:

[...] fornecer informações consistentes sobre a situação da escolaridade na rede pública de ensino do estado de São Paulo, capazes de orientar os gestores no monitoramento das políticas voltadas à melhoria da qualidade do ensino, o SARESP passou a vigorar em 1996 e, atualmente, envolve todos os alunos do 3º, 5º, 7º e 9º anos do Ensino Fundamental e da 3ª série do Ensino Médio, contemplando as áreas de Língua Portuguesa, com prova de Leitura e de Redação, Matemática, Ciências e Ciências da Natureza, caracterizadas por Biologia, Física e Química. (BASSETO, 2021, p.5).

Apresentamos seguir, comparativo dos resultados obtidos em 2019 e 2021. Conforme publicação realizada no site da Secretaria de Educação do Estado de SP¹⁶, em 02 de março de 2022:

No acumulado entre os componentes curriculares, o retrocesso de aprendizagem foi mais evidente no 5º ano do ensino fundamental, que apresentou recuo de 8,5% – 216,8 para 198,2 – em LP e 9,1% – 231,3 para 210,2 – em Matemática, resultados semelhantes a 2012 e 2013, respectivamente. Por outro lado, este grupo apresentou os dois maiores índices em conhecimento avançado, com 15,8% em LP e 9,9% em Matemática, em comparação a 2019 quando estavam no adequado.

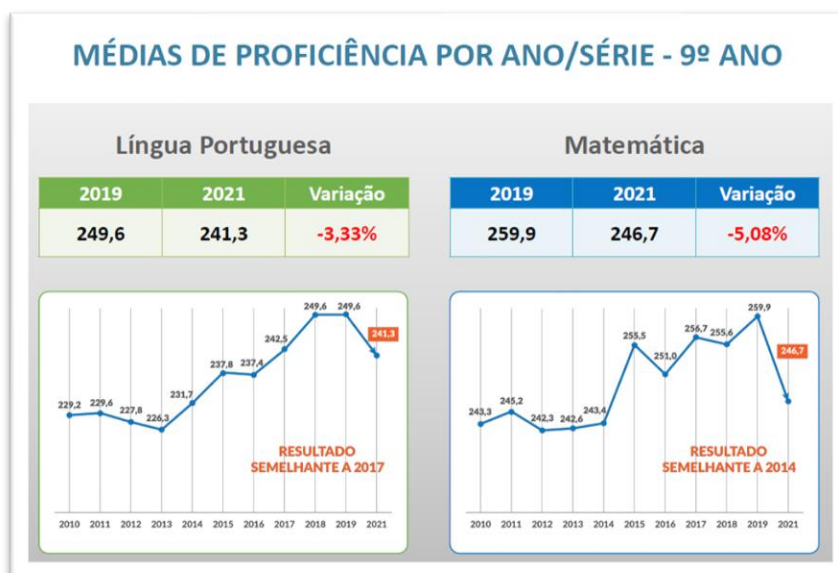
Figura 2 – Médias de Proficiência 5º ano



Fonte: <https://www.educacao.sp.gov.br/wp-content/uploads/2022/03/SARESP-2021.pdf>.

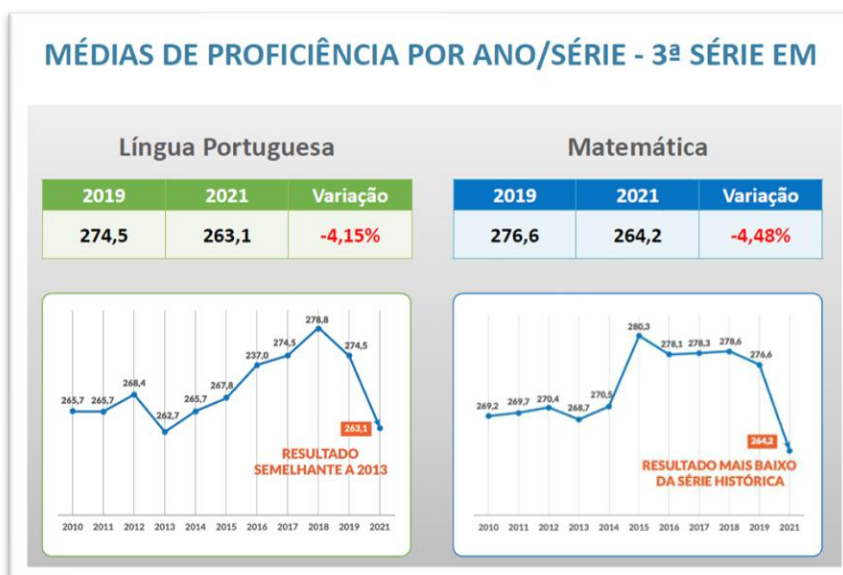
Figura 3 – Médias de Proficiência 9º ano

¹⁶ Disponível em <https://www.educacao.sp.gov.br/saresp-2021-em-matematica-estudantes-ensino-medio-tem-o-pior-desempenho-registrado-em-11-anos/>. Acesso em 13 mar 2022.



Fonte: <https://www.educacao.sp.gov.br/wp-content/uploads/2022/03/SARESP-2021.pdf>.

Figura 4 – Médias de Proficiência 3ª série do ensino médio



Fonte: <https://www.educacao.sp.gov.br/wp-content/uploads/2022/03/SARESP-2021.pdf>.

De acordo com dados obtidos do SARESP de 2021, é notória a defasagem que os estudantes apresentam, de acordo com a secretaria de Educação do Estado de São Paulo¹⁷:

¹⁷ Disponível em <https://www.educacao.sp.gov.br/wp-content/uploads/2022/03/SARESP-2021.pdf>. Acesso em 13 mar 2022.

Em língua portuguesa, o aluno que está no 5º ano está com a mesma proficiência de um estudante do 3º ano do Ensino Fundamental. Já o aluno da 3ª série do Ensino Médio saiu da escola com a proficiência adequada ao estudante do 8º ano do ensino fundamental.

Entretanto, não há afirmativa de que somente a pandemia foi a responsável por esses resultados desastrosos, pois observam-se problemas que se estendem há anos, como taxa de reprovação, evasão, abandono, distorção idade-série, defasagem ano/série, entre outros.

As alterações educacionais aqui elencadas se relacionam mais àquelas que aconteceram ao longo do tempo e espaço, a curto médio e/ou longo prazo, independentemente de modificações vinculadas à pandemia.

Assim como práticas pedagógicas evoluíram ao longo dos anos, a sociedade também e, como “os tempos são outros”, Ivone comenta que precisou se policiar quando estava orientando sua filha na realização das atividades, pois, em muitas vezes, se via tentando ensiná-la do mesmo modo em que aprendeu em sua época de estudante.

Eu às vezes cobrava estudante como se fosse eu, mas aí eu vi que o tempo é outro. [...] Os tempos são outros, a forma de ensinar é outra, e a forma da gente aprender também! (Ivone).

Partindo desta categoria, entende-se que o homem se constitui à medida que interage socialmente ao longo de sua vida, apropriando-se do conhecimento produzido e historicamente acumulado, sendo determinado pelo momento histórico no qual vive. Bock, Goncalves e Furtado (2001, pp.01-02) apontam que:

A referência básica de análise da psicologia sócio-histórica é a da historicidade das experiências humanas, bem como das ideias produzidas pelos homens como expressão mediada dessas experiências. Entende-se como experiências humanas toda a atividade realizada socialmente pelos homens, como forma de atender suas necessidades, produzindo, dessa forma, sua própria existência. As experiências concretas, de atividade dos homens, implicam, necessariamente na produção de ideias e representações sobre elas, as quais refletem sua vida real - ações e relações.

Assim infere-se que o homem constitui sua história a partir das relações, conforme Saviani (2005, p.7):

[...] O homem não se faz homem naturalmente; ele não nasce sabendo ser homem, vale dizer, ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir. Para saber pensar e agir; para saber querer, agir ou avaliar é preciso aprender, o que implica o trabalho educativo.

Entende-se que a escolarização realizada em casa, mediada por responsáveis, pode ter sido feita com diferenças de métodos, e, em alguns casos, inibindo o aprendizado da criança e, até mesmo, desestabilizando a relação familiar. Isso mostra o papel essencial da escola como transmissora do saber científico, tendo o papel de atualizar não só conteúdo, mas também métodos adotados, de acordo com a produção de conhecimento e formas de aprender dos estudantes.

6.5.2 – “Sem o estudo na vida, a gente não é nada!”

Essa subcategoria abrange os significados “Educação como fonte de aprendizagem e desenvolvimento” e “Consciência Cidadã”. A frase escolhida para nomear essa subcategoria foi dita por Caio, que em sua íntegra é:

Sem o estudo na vida a gente não é nada! Eu falo por conta própria, né? A gente sabe que se a gente não tiver hoje, no mínimo, uma escolaridade de ensino médio a gente não consegue nada. (Caio).

Caio vê na educação o alicerce para um futuro melhor, mais promissor: Na sequência, Caio fala sobre as crianças serem o futuro do Brasil e que a educação é a base de tudo, só por meio desta que se pode mudar o país.

As crianças são o futuro do Brasil e sem educação a gente não tem nada, a gente não luta por nada, a gente tem que saber... tudo pela educação, se a gente quer mudar o país tem que ser pela educação, para saber o que é certo, o que é errado e cumprir com as leis. (Caio).

Essas manifestações de Caio remetem à importantes citações de Paulo Freire (1979, p. 84), como por exemplo, “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

Corroborando as citações acima, é possível inferir que a educação é um dos alicerces para a transformação social. A educação transformadora exige ação e luta!

Ainda baseado em Paulo Freire, a “Transformação é possível porque a consciência não é um espelho da realidade, simples reflexo, mas é reflexiva e refletora

da realidade” (FREIRE, 1986, p. 17). Essa citação de Paulo Freire, possibilita uma reflexão ampla em torno da importância do pensamento crítico. Ivone revela tal importância em sua fala “Quando eu aprendi que eu tinha deveres e direitos [...] ... [entendi que] eu tenho direito de contestar.” Com essa fala, entende-se que os direitos e deveres devem servir na constituição de cidadão, que também atua na sociedade e não apenas é moldado.

Aproximando as colocações de Caio e Ivone, surgem algumas questões em torno da educação: Como o professor pode ajudar as pessoas a questionarem? A se situarem no mundo? Como favorecer que estas se percebam enquanto agentes transformadores da sociedade? Essas e muitas outras questões permeiam a educação enquanto sua função social, enquanto formadora de cidadãos críticos, agentes atuantes e transformadores da sociedade.

Não há fórmulas mágicas, tampouco moldes e fôrmas para responder as questões acima. A educação não pode ser bancária, não é possível abrir a cabeça das pessoas e colocar o conhecimento dentro, como se fosse um caixa de banco, onde só há depósitos, o qual, esses que “recebem”, não possam contribuir com seus saberes. O saber não está centralizado em uma única pessoa, Paulo Freire (1996, p. 21) postula que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

Estamos em constante transformação, não somos seres prontos e acabados. Precisamos intervir e transformar no mundo. Isso posto, subentende-se que educação e pensamento crítico estão intimamente ligados. Só existe educação se ela for capaz de desvelar a realidade e de nos formar e transformar cidadão críticos.

Retomando as falas de Caio, estas colocam a educação como alicerce para a ascensão social. Quem não tem acesso à educação fica à margem da sociedade. A modalidade remota desvelou e expandiu as diferentes desigualdades, inclusive a tecnológica, devido a necessidade de equipamentos e internet para acesso aos conteúdos, com isso uma parcela da população ficou marginalizada. A questão da tecnologia contribui para deixar os indivíduos a parte da sociedade. A educação tem papel fundamental para as pessoas poderem se situar no mundo cada vez mais tecnológico.

6.5.3 –Cada criança é um ser único! Respeitar suas particularidades é essencial!

Durante o ensino remoto, adotado por conta da pandemia, as famílias ocuparam um lugar extremamente importante no processo ensino-aprendizagem dos estudantes e a relação entre família e escola/professores favoreceu que a educação continuasse. De fato, para algumas crianças o processo de escolarização não foi interrompido. No entanto, não se pode deixar de mencionar e lamentar o número de estudantes que tiveram seu direito a educação violado, independente da causa (falta de acesso a escola, a recursos tecnológicos, a um parceiro mais experiente que lhe proporcionasse desenvolver sua zona de desenvolvimento proximal, falta de políticas públicas estruturantes e emergenciais...)

Nesse turbilhão de novidades, de incertezas, de informações imprecisas, inseguranças, estão os estudantes e suas famílias em um movimento novo no processo ensino-aprendizagem: realizar as atividades propostas pelos professores, mas, muitas vezes, sem a mediação síncrona destes.

Concordando com Dalben (2019, p.29):

Mudança nas práticas escolares, nas definições curriculares, nos formatos de salas de aula, nos desenhos normativos para as avaliações, certificações, formaturas, testes e outros rituais. Mudanças nas relações pais e mestres, nas relações família e escola. Se antes essa questão era um detalhe contratual, hoje é uma exigência para a realização do processo de ensino. Se antes estávamos cobertos por uma porta que dava autonomia total ao professor ou professora dentro de sala, hoje as salas estão escancaradas e precisamos negociar as possibilidades de ação prática do que delineamos como plano de ensino. [...] Com certeza, será no diálogo entre instituições que têm por missão cuidar e educar as gerações futuras que um novo caminho poderá ser descortinado.

Ivone confessa, que ficou insegura temendo não conseguir realizar as atividades com a estudante e compreendeu a importância de respeitar o tempo da criança.

*Eu fiquei com medo, eu pensei “eu não vou dar conta, não vou dar conta”... Calma! Cada criança tem seu tempo, então qual que é o tempo dela? Não vou lidar, vou surtar... e não, respira que dá certo! Vamos de pouquinho e pouquinho!
Foi um processo devagar, foi um processo lento, mas valeu muito a pena, foi enriquecedor. (Ivone).*

Insegurança genuína a apresentada por Ivone, que afirma o quanto foi enriquecedor passar por esse período de contato mais direto com sua filha o que possibilitou, além da aproximação entre mãe e filha e aproximação entre família e

escola, a continuação no processo ensino-aprendizagem. Ivone mostra uma transformação em sua ação e relação com a filha, mas que pode não ter sido a constante nas famílias brasileiras nesse período. A disposição dessa mãe em reconfigurar seu papel mostra algo que foi necessário no momento de pandemia: rever funções e modos de exercê-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia causada pela COVID-19 implicou diretamente no modo de vida das pessoas. A sociedade precisou se adaptar para conviver com o vírus e sobreviver a ele.

O mundo inteiro precisou adequar hábitos e costumes de forma rápida para evitar a disseminação do vírus e mais mortes. Muitas medidas foram adotadas no combate a pandemia. A vacina, por exemplo, foi criada em tempo recorde e hoje, graças a ela, o número de mortos diminuiu consideravelmente e já podemos pensar em um mundo sem o uso de máscaras. Para chegar a esse ponto, muitos passos foram percorridos, porém muitas lacunas ficaram, além das muitas vidas ceifadas. Inúmeras marcas foram deixadas pela pandemia, principalmente as evidentes desigualdades presentes em nosso país.

Com o tempo, a pandemia limitou as ações sociais e diversas ações foram sancionadas por órgãos públicos. Dentre estas, o fechamento das escolas e a adoção do ensino remoto em muitos municípios brasileiros.

A partir dessa conjuntura, foi fixado o seguinte objetivo para esta pesquisa: analisar as conquistas, os desafios e dificuldades enfrentados pelas famílias e estudantes durante a pandemia, para garantir o acesso, a participação e aprendizagem nas aulas remotas.

A presente pesquisa foi realizada com familiares de uma escola municipal da cidade Santo André, estado de São Paulo, especificamente, duas mães e um pai de três alunos matriculados no 2º ano do Ensino Fundamental, no ano de 2021, que vivenciaram a pandemia nos primeiros anos de alfabetização.

Respondendo aos objetivos propostos para esse estudo, a partir da Análise de Conteúdo, foi possível constatar que a pandemia foi um período de adaptações, aproximações das pessoas que vivem na mesma residência e adequações na relação entre aqueles que se encontravam distantes. A internet, redes sociais e aplicativos, isto é, a tecnologia, estabeleceu a mediação necessária entre sujeitos, no entanto, verificou-se que em muitas não tinham acesso, inclusive, a equipamentos eletrônicos ou a uma expertise necessária para o seu uso adequado. Isso impactou de maneira profunda o setor educacional. Recursos que deveriam ter sido ofertados pela ação conjunta de várias instâncias de governo, não o foram em tempo adequado, o que possibilita interpretar que os governos, no mínimo, se omitiram.

Durante as entrevistas, as famílias relataram algumas conquistas, desafios e dificuldades que encontraram durante o período de enfrentamento da pandemia para garantir o acesso, participação e aprendizagem de seus filhos.

Algumas conquistas foram identificadas, como contato direto e imediato com a professora, sendo estabelecido um estreitamento da relação; aproximação entre familiares e estudante; busca dos familiares por novos conhecimentos para que pudessem esclarecer possíveis dúvidas da criança em lições repassadas pela escola. As famílias, por precisaram pensar o “fazer pedagógico”, tiveram que rever o papel de seus membros, com o objetivo de proporcionar ganhos no processo ensino aprendizagem dos alunos.

Alguns desafios foram expostos como indícios de ansiedade por parte dos estudantes e de alguns familiares, dispersão e falta de vontade no momento de realização das lições, sugerindo a falta de atribuição de sentido à atividade proposta e, em função disso, considerável prejuízo no processo de assimilação do conteúdo proposto.

À princípio, para as famílias entrevistadas, organizar a rotina para atender as demandas escolares foi um grande desafio, porém, com o passar do tempo, o desafio transformou-se em condições de superação e conquistas, pois conseguiram se organizar da melhor maneira na tentativa de atender as necessidades dos estudantes. Não só necessidades de cunho pedagógico, mas também relacionadas à saúde física e mental, além da afetiva. Nesse sentido, as estratégias adotadas foram: a utilização de materiais concretos e de jogos em *sites* de internet; a adesão de redes de apoio; a realização de tarefas escolares intercaladas às tarefas domésticas. No entanto, uma das famílias entrevistadas, afirmou que o acesso à internet foi um dificultador nesse período, pois não possuía *wi-fi* em sua residência e a prefeitura municipal disponibilizou tardiamente o chip com dados móveis para suprir parcialmente essa necessidade. Parcialmente, pois a família não dispunha de equipamento compatível.

Assim como essa família, pesquisas mostraram que muitas outras no país não tiveram acesso a equipamentos tecnológicos e à internet, sendo privados da participação e acesso a conteúdos escolares e, conseqüentemente, afastados da aprendizagem escolar.

Todavia, se observado do ponto de vista da pesquisadora enquanto professora da rede municipal de Santo André, não foi unânime que todas as famílias tenham conseguido adaptar a rotina durante a pandemia, pois muitos alunos permaneceram

afastados do processo ensino aprendizagem, por negligência tanto da família quanto do Estado, uma vez que os mecanismos de busca ativa se mostraram ineficientes. Nesse momento, considera-se interessante perguntas, então: quais foram esses mecanismos de busca ativa, já que não efetivaram o acesso? Contato em telefones que não funcionavam? E-mail para quem não tem acesso à internet e/ou equipamento eletrônico para visualização? Falta de políticas públicas eficientes?

Nesse ponto, chegamos a algumas perguntas que precisam ser melhor esclarecidas por meio de pesquisas futuras, para compreender o fenômeno em sua essência e suas contradições: quais reais condições em que essas famílias se encontravam? Em que nível de escolarização? Como eram suas condições de moradia? E de alimentação? Como se estabelecia a convivência dentro de casa? Qual importância se dava à educação e ao conhecimento historicamente acumulado e cientificamente produzido? Como vivenciaram e sobreviveram à pandemia?

Nessa conjuntura, muitas pessoas perderam seus empregos, pois além das escolas, diferentes estabelecimentos comerciais precisaram fechar suas portas, resultando em mais uma preocupação diária na vida dos trabalhadores. Das três pessoas entrevistadas, uma se dedicava, e permaneceu, exercendo os serviços domésticos e as outras duas manifestaram alívio ao compartilhar que não perderam seus empregos durante a pandemia.

Algo comum compartilhado pelos três entrevistados foi a impaciência dos familiares para auxiliar nas tarefas escolares. Essa impaciência dos adultos frente as demandas pedagógicas, pode ter determinado na aprendizagem das crianças e se deu por inúmeros fatores. Dentre eles, falta de maior contato e interação com os professores e escola, importância da escola, uma participação mais efetiva na vida escolar das crianças, o distanciamento dos filhos por conta das demandas do dia a dia, constituição familiar, escolarização dos familiares, falta de rede de apoio. Expôs, inclusive, a dificuldade de uma participação mais efetiva das políticas públicas, além da importância da escola e de toda a comunidade escolar, num mundo tão complexo como o nosso.

Entretanto, essa impaciência não pode ser analisada como característica do indivíduo, do sujeito, em sua subjetividade. Isto quer dizer que se deve entender esse aspecto relacionando-o com a realidade objetiva, que foi sendo apropriada pelo sujeito de uma maneira única, mas condicionada a determinantes temporais, espaciais e históricos (tanto da história do sujeito quanto da história da humanidade).

As famílias demonstram preocupações e inseguranças com a escolarização pós pandemia, algo revelado não só nessa esfera, mas que exige debate de cunho nacional, pois com dados e estatísticas publicados recentemente, como a avaliação do SARESP realizada no final de 2021, no Estado de São Paulo, nota-se defasagem dos estudantes nas séries as quais a prova é aplicada (5º e 9º anos do Ensino Fundamental e 3ª série do Ensino Médio). Ressalta-se que as defasagens não são oriundas, exclusivamente, do cenário pandêmico, o Brasil já sofre com essa situação há anos, porém é inegável que a pandemia tenha acentuado essa e outras questões que necessitam de maior investimento do governo nas esferas federais, estaduais e municipais relacionadas a Educação Básica no país.

Ficou evidente a necessidade de investimento em políticas públicas estruturantes e emergenciais, uma vez que a pandemia escancarou desigualdades existentes, que não passaram a existir porque houve a pandemia, mas que se intensificaram a partir dessa. Diante dessas desigualdades, constata-se que estão enraizadas na sociedade e que a luta pela equidade deve ser constante. A impossibilidade de acesso a um mundo tecnológico ou a impossibilidade de acesso com qualidade a esse mundo cultiva barreiras. Diferenciar grupos por isso, acentua as desigualdades.

É inegável a quantidade de avanços que a educação foi construindo ao longo da história. No entanto, tem que ainda se desenvolver, investindo em políticas públicas estruturantes e focalizadas, criação de novas leis e da “fiscalização”, por parte dos órgãos competentes e da sociedade, das leis que já estão em vigor, com o objetivo de qualificar a educação, garantir acesso e permanência, entre tantos outros direitos presentes na legislação brasileira, assegurando a garantia dos direitos previstos na Constituição Federal Brasileira a todas e todos os cidadãos brasileiros.

Foram relatados e expostos problemas que, se analisados, estão presentes na Educação Básica há anos e se acentuaram com o cenário pandêmico, como taxa de reprovação, evasão, abandono, distorção idade-série, defasagem ano/série e, sobretudo, desigualdades sociais, no entanto, evidenciou-se a importância e a função social da escola e de toda a comunidade escolar no processo de aquisição de conhecimento e formação humana do sujeito.

A educação não pode estagnar, a realidade se dá em movimento, é preciso superar práticas, mudar formas de desenvolvê-las e entendê-las. É importante que diversas instâncias do governo implantem leis e políticas públicas que favoreçam o

acesso, a permanência, aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes em todos os níveis e modalidade de ensino. A busca por educação com qualidade deve ser constante!

Considera-se necessária, nesse contexto, a realização de mais pesquisas, que identifiquem as implicações da falta de acesso que a pandemia causou e as medidas adotadas por governos para saná-las.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, M. A. M. Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional** (ABRAPEE), São Paulo v. 12, n. 2, p. 469-475, jul./dez. 2008.

ASBAHR, F.S.F. Idade escolar e atividade de estudo: educação, ensino e apropriação dos sistemas conceituais”. In: MARTINS, L.M.; ABRANTES, A.A.; FACCI, M.G.D. (orgs). **Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento: do nascimento à velhice**. São Paulo: Editora Autores Associados, 2016. p.171-192.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BASSETTO, C. F. Análise regional dos resultados do Saresp: uma abordagem com modelos hierárquicos. **Ciência & Educação (Bauru)** [online], v. 27, 2021.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/WMyxJrMNHhVKWnJSxgXwMGN/abstract/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 27 dez. 2021.

BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (orgs). **Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília. Distrito Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 30 mai. 2020.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 30 mai. 2020.

BRASIL. Lei 12.796, de 04 de abril de 2013. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 05 abr. 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/L12796.htm Acesso em 30 mai. 2020.

BRASIL. Lei nº. 10.172, de 09 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 09 jan. 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm. Acesso em 15 maio 2020.

BRASIL. Emenda constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 nov. 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc59.htm#:~:text=E%20MENDA%20CONSTITUCIONAL%20N%C2%BA%2059%2C%20DE%2011%20DE%20NOVEMBRO%20DE%202009&text=208%2C%20de%20forma%20a%20prever.e%20ao%20caput%20do%20art. Acesso em: 15 maio 2020.

BRASIL. Lei nº 13.005/14, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 jun. 2014. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13005-25-junho-2014-778970-publicacaooriginal-144468-pl.html> Acesso em 15 mai. 2020.

BRASIL. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 17 mar. 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Portaria/PRT/Portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm. Acesso em: 05 abr. 2021.

COUTO, E. S.; COUTO, E. S.; CRUZ, I. M. P. #Fiqueemcasa: educação na pandemia da covid-19. **Interfaces científicas**, Sergipe, v.8, n.3. 2020. Disponível em <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8777> Acesso em 05 abr. 2021. DOI: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n3p200-217>.

DALBEN, A. I. L. F. Relação Família X escola em tempos de pandemia. **Paidéia: Revista do Curso de Pedagogia da Universidade FUMEC**, Belo Horizonte, v. 14, n. 22, p. 11-29 jul./dez. 2019. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/paideia/article/view/8326> Acesso em 08 dez. 2021.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2018.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P, **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUGA, V. P.; LOPES, J. C. B.; DIEGUES, U. C. C. Professor, vai ser ead? In: LIBERALI, F. C. *et al.* (org.). **Educação em tempos de pandemia: brincando com um mundo possível**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica 2021. Brasília: Inep, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/sinopses-estatisticas/educacao-basica> Acesso em 13 mar 2022.

KULNIG, R. C.M – **A dimensão subjetiva da desigualdade social no processo de escolarização das elites**. 2019. Tese. (Doutorado em Educação) - Programa de

Estudos Pós-Graduados em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2019.

MACEDO, R. M. Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 73, p.262-280, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/SGqJ6b5C4m44vh8R5hPV78m/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2021.

MATSUKUMA, L.; PLACCO, V. M. N. S. A escola e a formação continuada dos CPs e professores no contexto da pandemia. *In*: PLACCO, V. M. N. de S.; ALMEIDA, L. R. **O coordenador pedagógico e os desafios pós-pandemia**. São Paulo: Loyola, p. 87-100, 2021.

MCDONALD, F. J. **Educational Psychology**, Wadsworth P. Company, Calif. 1965.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos. On line. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/> Acesso em 20 set. 2020.

NÓVOA, A. A pandemia de Covid-19 e o futuro da Educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**. [S.l.], v.7, n. 3, p. 8-12, ago. 2020. Disponível em <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/905>. Acesso em 29 jun. 2021.

OLIVEIRA, A. As desigualdades educacionais no contexto da pandemia do COVID-19. **ANPOCS: Boletim Cientistas Sociais**, n. 85, 2020. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2417-boletim-cientistas-sociais-n-85>. Acesso em: 26 fev 2021.

PASCHOAL, A. E. Metodologia da pesquisa em educação: Analítica e dialética. **Revista Diálogo Educacional**, v. 2, n.3, p. 161-169, jan./jun. 2001. Disponível em <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/3538> Acesso em 01 abr. 2021 DOI: 10.7213/rde.v2i3.3538.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma pesquisa histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 2019.

REZENDE, J. M. Epidemia, endemia, pandemia. Epidemiologia. **Revista de Patologia Tropical**, v. 27, n. 1, p. 153-155, 1998. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/iptsp/article/view/17199> Acesso em 01 abr. 2021 DOI: 10.5216/rpt.v27i1.17199.

RONCA, A. C. C.; GONÇALVES, C. L. Coordenação pedagógica: desafios da pandemia. *In*: PLACCO, V. M. N. S.; RAMALHO, L. (org.). **O coordenador pedagógico e os desafios pós-pandemia**. São Paulo: Loyola, p. 43-64, 2021.

SÃO PAULO. Decreto (2020). Decreto nº 64.994, de 28 de maio de 2020. Dispõe sobre a medida de quarentena de que trata o Decreto nº 64.881, de 22 de março de

2020, institui o Plano São Paulo e dá providências complementares. **Secretaria de Governo**, São Paulo, SP, 28 maio 2020. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2020/decreto-64994-28.05.2020.html>. Acesso em: 01 abr. 2021.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico crítica**: primeiras aproximações. 9ª ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SAVIANI, D.; GALVÃO, A. C. Educação na pandemia: a falácia do “ensino remoto”. **Revista Universidade e Sociedade**, Brasília, ano XXXI, n. 67, pp.36-49, jan. 2021.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. **Projeto Político Pedagógico – Ano 2020**. EMEIEF Professora Célia Inês Domingues de Arruda Assis. Prefeitura de Santo André, 2020.

SILVA, M. R.; PIRES, G. L.; PEREIRA, R. S. Bolsonaro e a COVID-19: e daí? “o Brasil tá matando o Brasil”, “do Brasil, SOS ao Brasil”, “chora a nossa pátria, mãe gentil...” **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 62, p. 01-19, abr./jun. 2020. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2020e74507> Acesso em 31 mar. 2021 DOI: 10.5007/2175-8042.2020e74507.

SMOLKA, A. L. B.; MAGIOLINO, L. L. S. Modos de ensinar, modos de aprender. In: FREITAS, M. T. A. A perspectiva vigotskiana e as tecnologias. **Revista Educação**, n. 2, p. 30-39, ago., 2010.

SOUSA, C. A. M. *et al.* (Orgs.). **Cartas para Paulo Freire**: da leitura do mundo à leitura da palavra. Brasília: Cátedra Unesco de Juventude Educação e Sociedade/UCB & Teresina: Editora Pathos, 2021.

SZYMANSKI, H. (org.). **A entrevista na educação**: a prática reflexiva. Brasília: Liber Livro Editora, 2011.

THERBORN, G. Os campos de extermínio da desigualdade. **Novos estudos CEBRAP [online]**, n. 87 pp. 145-156, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002010000200009>. Acesso em: 04 out. 2010. DOI: 10.1590/S0101-33002010000200009.

VIGOTSKI, L.S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

APÊNDICE A – Quadro: breve trajetória da Educação Básica na legislação brasileira

LEIS	ARTIGOS
Decreto nº 19.850, de 11 de abril de 1931	Art. 1º Fica instituído o Conselho Nacional de Educação, que será o órgão consultivo do ministro da Educação e Saúde Pública nos assumptos relativos ao ensino.
Lei nº 4024, de 20 de dezembro de 1961 – LDB	Art. 23. A educação pré-primária destina-se aos menores até sete anos, e será ministrada em escolas maternas ou jardins-de-infância. Art. 27. O ensino primário é obrigatório a partir dos sete anos e só será ministrado na língua nacional. Para os que o iniciarem depois dessa idade poderão ser formadas classes especiais ou cursos supletivos correspondentes ao seu nível de desenvolvimento. Art. 34. O ensino médio será ministrado em dois ciclos, o ginasial e o colegial, e abrangerá, entre outros, os cursos secundários, técnicos e de formação de professores para o ensino primário e pré-primário. Art. 46. Nas duas primeiras séries do ciclo colegial, além das práticas educativas, serão ensinadas oito disciplinas, das quais uma ou duas optativas, de livre escolha pelo estabelecimento, sendo no mínimo cinco e no máximo sete em cada série. § 1º A terceira série do ciclo colegial será organizada com currículo aspectos linguísticos, históricos e literários. § 2º A terceira série do ciclo colegial será organizada com currículo diversificado, que vise ao preparo dos alunos para os cursos superiores e compreenderá, no mínimo, quatro e, no máximo, seis disciplinas, podendo ser ministrada em colégios universitários
LEI Nº 5692, de 11 de agosto de 1971- LDB	Art. 17. O ensino de 1º grau destina-se à formação da criança e do pré-adolescente, variando em conteúdo e métodos segundo as fases de desenvolvimento dos alunos. Art. 18. O ensino de 1º grau terá a duração de oito anos letivos e compreenderá, anualmente, pelo menos 720 horas de atividades. Art. 19. Para o ingresso no ensino de 1º grau, deverá o aluno ter a idade mínima de sete anos[...] Art. 21. O ensino de 2º grau destina-se à formação integral do adolescente.

7ª) Constituição de 1988 – Constituição Cidadã	Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola[...] Art. 208. O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de: I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria; II- progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio; III- atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino; IV - atendimento em creche e pré-escola às crianças de 0 a 6 anos de idade[...] § 1º O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo. § 2º O não-oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade da autoridade competente. § 3º Compete ao Poder Público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola. Art. 214. A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração plurianual, visando à articulação e ao desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e à integração das ações do Poder Público que conduzam à: I - erradicação do analfabetismo; II - universalização do atendimento escolar; III - melhoria da qualidade do ensino; IV - formação para o trabalho; V - promoção humanística, científica e tecnológica do País.
Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990	Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.
Emenda Constitucional nº 14, de 12	Art. 2º É dada nova redação aos incisos I e II do art. 208 da Constituição Federal:

de setembro de 1996	I - ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria; II - progressiva universalização do ensino médio gratuito.
Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB)	Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria; Art. 34. [...] § 2º O ensino fundamental será ministrado progressivamente em tempo integral, a critério dos sistemas de ensino. Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.
Lei nº 9.424, de 24 de dezembro de 1996.	Art. 1º É instituído, no âmbito de cada Estado e do Distrito Federal, o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério, o qual terá natureza contábil e será implantado, automaticamente, a partir de 1º de janeiro de 1998
Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001 – PNE	Art. 1º Fica aprovado o Plano Nacional de Educação, [...] com duração de dez anos. Art. 2º A partir da vigência desta Lei, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão, com base no Plano Nacional de Educação, elaborar planos decenais correspondentes. Art. 3º A União, em articulação com os Estados, o Distrito Federal, os municípios e a sociedade civil, procederá a avaliações periódicas da implementação do Plano Nacional de Educação.
Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006	Art. 3º O art. 32 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação: Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão[...] Art. 4º O § 2º e o inciso I do § 3º do art. 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passam a vigorar com a seguinte redação:

	Art. 87 - § 2º O poder público deverá recensear os educandos no ensino fundamental, com especial atenção para o grupo de 6 (seis) a 14 (quatorze) anos de idade e de 15 (quinze) a 16 (dezesseis) anos de idade. § 3º I – matricular todos os educandos a partir dos 6 (seis) anos de idade no ensino fundamental;
Lei nº 11.494, de 20 de junho de 2007.	Art. 1º É instituído, no âmbito de cada Estado e do Distrito Federal, um Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB, de natureza contábil, nos termos do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias – ADCT [...] Art. 212 da Constituição Federal [...] I - pelo menos 5% (cinco por cento) do montante dos impostos e transferências que compõem a cesta de recursos do Fundeb, a que se referem os incisos I a IX do caput e o § 1º do art. 3º desta Lei, de modo que os recursos previstos no art. 3º desta Lei somados aos referidos neste inciso garantam a aplicação do mínimo de 25% (vinte e cinco por cento) desses impostos e transferências em favor da manutenção e desenvolvimento do ensino; II - pelo menos 25% (vinte e cinco por cento) dos demais impostos e transferências. Art. 2º Os Fundos destinam-se à manutenção e ao desenvolvimento da educação básica pública e à valorização dos trabalhadores em educação, incluindo sua condigna remuneração, observado o disposto nesta Lei.
Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009	I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; Art. 4º O caput do art. 214 da Constituição Federal passa a vigorar com a seguinte redação, acrescido do inciso VI: Art. 214. A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração decenal, com o objetivo de articular o sistema nacional de educação em regime de colaboração e definir diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação para assegurar a manutenção e desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis, etapas e modalidades por meio de ações integradas dos poderes públicos das diferentes esferas federativas que conduzam a:

	VI - estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do produto interno bruto."
Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013	Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com as seguintes alterações: Art. 3º XII - consideração com a diversidade étnico-racial. Art. 4º I- educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma: a) pré-escola; b) ensino fundamental; c) ensino médio; II - educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade; III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino[...] Art. 5º O acesso à educação básica obrigatória é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída e, ainda, o Ministério Público, acionar o poder público para exigi-lo. Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.
Lei nº 13.005/14	Art. 1º É aprovado o Plano Nacional de Educação - PNE, com vigência por 10 (dez) anos, a contar da publicação desta Lei, na forma do Anexo, com vistas ao cumprimento do disposto no art. 214 da Constituição Federal. Art. 2º São diretrizes do PNE: I - erradicação do analfabetismo; II - universalização do atendimento escolar; III - superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação; IV - melhoria da qualidade da educação[...]
Emenda Constitucional nº 90, de 15 de setembro de 2015	Artigo único. O art. 6º da Constituição Federal de 1988 passa a vigorar com a seguinte redação: Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à

	infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.
Lei nº 13.632, de 6 de março de 2018.	Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), passa a vigorar com a seguinte redação: “Art. 3º - XIII - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida.” Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida.
Emenda Constitucional nº 108, de 26 de agosto de 2020 – “NOVO FUNDEB”	Art. 212 I - a distribuição dos recursos e de responsabilidades entre o Distrito Federal, os Estados e seus Municípios é assegurada mediante a instituição, no âmbito de cada Estado e do Distrito Federal, de um Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), de natureza contábil; [...] V - a complementação da União será equivalente a, no mínimo, 23% (vinte e três por cento) do total de recursos a que se refere o inciso II do caput deste artigo, distribuída da seguinte forma: a) 10 (dez) pontos percentuais no âmbito de cada Estado e do Distrito Federal, sempre que o valor anual por aluno (VAAF), nos termos do inciso III do caput deste artigo, não alcançar o mínimo definido nacionalmente; b) no mínimo, 10,5 (dez inteiros e cinco décimos) pontos percentuais em cada rede pública de ensino municipal, estadual ou distrital, sempre que o valor anual total por aluno (VAAT), referido no inciso VI do caput deste artigo, não alcançar o mínimo definido nacionalmente; c) 2,5 (dois inteiros e cinco décimos) pontos percentuais nas redes públicas que, cumpridas condicionalidades de melhoria de gestão previstas em lei, alcançarem evolução de indicadores a serem definidos, de atendimento e melhoria da aprendizagem com redução das desigualdades, nos termos do sistema nacional de avaliação da educação básica;

APÊNDICE B – Questionário**IDENTIFICAÇÃO PESSOAL:**

Nome: _____

Idade: _____ Estado civil: _____

Religião: _____ Cor/Raça: _____

Grau de parentesco com o aluno: _____

FAMÍLIA:

Com quem mora?

Tem filhos? Quantos? _____

RESIDÊNCIA:

Qual o tipo de residência?

- () própria
- () alugada
- () cedida
- () outros _____

Há quanto tempo mora nessa casa?

FORMAÇÃO (cursou até qual ano e em qual instituição?):

- () Ensino fundamental anos iniciais (Completo ou incompleto): _____
- () Ensino fundamental anos finais (Completo ou incompleto): _____
- () Ensino médio (Completo ou incompleto): _____
- () Ensino profissionalizante: _____
- () Ensino superior (Completo ou incompleto): _____

EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS:

Profissão: _____

Está empregado(a)? ☐ sim ☐ não

Local _____

Função _____ Há quanto tempo? _____

LAZER/CULTURA:

Tem acesso a:

- ☐ Livros
- ☐ Televisão
- ☐ Jornal impresso
- ☐ Jornal on-line
- ☐ Cinema
- ☐ Parque
- ☐ Shopping
- ☐ Celular
- ☐ Redes sociais

QUAL TIPO DE SERVIÇOS ATENDIMENTO DE SAÚDE FAZ USO?☐ Público ☐ Privado

PARTICIPA DE ALGUM PROGRAMA DO GOVERNO (Bolsa família, Vale gás, Auxílio aluguel, etc.)? Se sim, qual (is)?

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista

Eixo 1: PANDEMIA

- Como você está vivenciando a pandemia?
- O que você sentiu e está se sentindo?
- O que foi mais difícil durante a pandemia?
- Alguém da sua família pegou covid? E na vizinhança? Qual foi o desfecho?

Eixo 2: PANDEMIA E ESCOLARIZAÇÃO

- Para você, quais impactos a pandemia trouxe para a escolarização do seu filho?
- E para a escolarização no Brasil?
- Como tem sido a rotina do seu/sua filho(a) em casa? Ele sente falta da escola?
- Você acha que a pandemia causou algum problema para a escolarização do seu filho?

Eixo 3: PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

- Quem mais auxiliou a criança na realização das atividades em casa?
- Como foi a sua participação durante esse processo?
- Como foi o processo de aprendizagem do seu filho? Você percebeu avanços na aprendizagem do seu filho?

Eixo 4: ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA E DAS ATIVIDADES

- Retirou as atividades impressas?
- Sobre as atividades impressas entregues, elas são/estavam claras, organizadas e adequadas para a criança? Você considera que as atividades para o ensino remoto são/estavam sendo adequadas?
- As explicações realizadas pela professora, foram suficientes?
- A periodicidade em que as atividades foram entregues estava adequado? Explique.

Eixo 5: O ALUNO E A REALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES

- A criança demonstra interesse ao realizar as atividades?

- Está gostando de participar? Caso não esteja gostando, por qual motivo?
- Foram encontradas dificuldades para a realização das tarefas propostas? Se sim, quais?
- Devolveu as atividades prontas para verificação da professora? Como?
- Como foi a rotina semanal para a realização das atividades? Foram feitas diariamente ou houve acúmulo das tarefas?

Eixo 6: ESPAÇOS E RECURSOS

- Tem acesso à internet?
- Realizou as atividades? Onde? A casa tem um local adequado para isso?
- Quais instrumentos utiliza (celular...)? Este instrumento é utilizado somente pelo aluno ou outras pessoas também faz uso? Se sim, como é a organização para uso?
- Sobre o grupo no WhatsApp da turma, você tem acesso a este grupo? Este contato auxilia a criança a desenvolver as atividades propostas?
- Você recebeu o chip fornecido pela Secretaria de Educação? Se sim, faz uso deste? Funciona adequadamente? O pacote de dados disponibilizado é suficiente?
- Gostaria de falar algo mais? Tem algo que queira colocar de importante que ainda não falou?

APÊNDICE D – Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido

Gostaria de convidá-lo (a) a participar da pesquisa intitulada **A relação da família com o processo de escolarização durante a pandemia** a ser realizada pela pesquisadora **Maria Jozelma Barbosa Mainente**, discente do Mestrado no Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação, sob orientação do **Prof. Dr. Antônio Carlos Caruso Ronca**.

O objetivo deste estudo é **analisar os desafios e dificuldades enfrentados pelas famílias e estudantes durante a pandemia, para garantir o acesso, a participação e aprendizagem nas aulas remotas**. O mundo passa por um momento histórico, a pandemia causada pelo Coronavírus. Diante do cenário de pandemia, a pesquisa colaborará como fonte de dados e apoio teórico, enfatizando as ações da Secretaria de Educação na pandemia, além da análise dos desafios e dificuldades enfrentados pelas famílias e estudantes durante a pandemia.

Sua forma de participação consiste em preencher uma ficha de caracterização e participar de uma entrevista sobre o ensino remoto em uma EMEIEF (Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental), situada no município de Santo André, região do Grande ABC paulista, a qual será realizada online e será gravada, com a sua autorização, para posterior transcrição. Os possíveis riscos na pesquisa serão mínimos, pois os procedimentos não sujeitam o participante a riscos maiores do que os encontrados nas suas atividades cotidianas.

É assegurado total sigilo em relação à identificação dos participantes. Mesmo assim, caso você sinta algum tipo de desconforto, a conversa poderá ser interrompida a qualquer momento, sem prejuízos para você.

Gostaria de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo ao seu cuidado. Caso sejam necessários maiores esclarecimentos sobre o estudo ou haja o interesse em cancelar sua participação, você poderá entrar em contato pessoal com o pesquisador.

Por fim, informo que esta pesquisa foi submetida ao **Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC-SP**, o qual tem por objetivo avaliar e garantir o cumprimento dos aspectos éticos das pesquisas nacionais que envolvem seres humanos, de forma defender os interesses das (os) participantes das pesquisas, tendo em vista a garantia de sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Caso você tenha alguma consideração ou dúvida sobre a ética desta pesquisa, entre em contato

com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, localizado no andar térreo do *Edifício Reitor Bandeira de Mello (Prédio Novo)*, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes - São Paulo - SP - CEP: 05015-001 Tel./FAX: (11) 3670-8466 | e-mail: cometica@pucsp.br.

Desde já, agradeço sua atenção e participação e coloco-me à disposição para mais informações.

Esse termo terá suas páginas rubricadas pelo pesquisador principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o participante e a outra com o pesquisador principal.

Maria Jozelma Barbosa Mainente, Telefone: **(11) 98103-1125**, e-mail: maria.jozelma.barbosa@gmail.com

Eu _____ confirmo que a Sra. **Maria Jozelma Barbosa Mainente** explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. As alternativas para minha participação também foram discutidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário (a) desta pesquisa.

Local e data: Santo André, ____ de _____ de 2022.

(Assinatura do/a participante da pesquisa)

Eu, Maria Jozelma Barbosa Mainente, declaro que forneci todas as informações referentes ao estudo e obtive do (a) participante, de forma apropriada e voluntária, o Consentimento Livre e Esclarecido para a sua participação na pesquisa.

Maria Jozelma Barbosa Mainente

Pesquisador responsável

APÊNDICE E – Transcrição das entrevistas

TRANSCRIÇÃO - ENTREVISTA 01

PARTICIPANTES: PESQUISADORA: (P); IVONE: (S1)

(P): Eu vou projetar aqui o termo de livre esclarecido que a gente precisa explicar para quem está participando da pesquisa direitinho como funciona, qual é objetivo, tudo direitinho para você ter ciência daquilo que a gente vai conversar aqui. [Vou projetar o termo e deixar um pouquinho maior que dá para você ir acompanhando comigo tá?]

Leitura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido

(P): As perguntas, eu separei por alguns eixos. Então um eixo pra gente conversar um pouquinho sobre como está sendo essa pandemia? Como está sendo a pandemia e a escolarização, depois a pandemia e o processo de ensino aprendizagem, pra gente ir caminhando. Só que, por exemplo, se a gente tiver lá no finalzinho e você lembrar de alguma coisa do começo, pode retomar que a gente vai conversando, certo? Então, vamos lá?

Como você e a sua família estão vivenciando a pandemia? Teve algum caso de contaminação? [de covid-19]

(S1): No começo, antes de ter os exames, os resultados... a gente acredita que toda a família teve. Então, meu marido ficou com pneumonia, de finalzinho de fevereiro até abril, e a gente tentando tratar a pneumonia, que não regredia. Só que a gente ia fazer exame, não tinha o que fazer, porque não tinha como eles quantificar se houve realmente, o que eles tinham [pra fazer] era ver se teve algum tipo de infecção, mostrar caso não seja hospitalizado para tratar em casa. Então o meu marido ficou ruim, até mais ou menos abril.

Logo depois, a estudante teve uma crise muito forte também de pneumonia, que foi difícil da gente tratar.

Entre maio e junho, eu não lembro direito a data, eu fiquei muito doente. Então, quer dizer, todo mundo. E nisso, esporadicamente, as pessoas da família que a gente foi tendo contato, mais que eu estava evitando, tem minha mãe que mora próximo que veio cuidar da gente, porque não tinha outras pessoas para fazerem as coisas, Então ficou tudo muito complicado. Mas em perda, óbitos, a gente graças a Deus não teve ninguém assim né? Pelo menos não assim, diretamente... isso agradeço. Os

primeiros meses aí, de fevereiro a abril, com meu marido, foi bem difícil. A gente achou que não ia sair dessa crise e, depois disso, a gente percebeu que a gente ficou com algumas sequelas.

Então esse ano a gente já ficou doente de novo. Ele demorou para se recuperar, a estudante teve uma crise muito forte de asma, então era bombinha toda hora, inalação toda hora. E eu fiquei com sequelas da pneumonia que eu tive esse ano. No ano passado eu não tive, mas esse ano eu tive!

(P): Eu lembro que esse ano você ficou ruinzinha né?

(S1): Eu achei que eu ia ficar internada, o médico falou que se não recuasse a pneumonia dentro dos próximos 3 dias, eu ia ter que ficar internada, porque os meus pulmões estavam muito prejudicados. Então ele falou: a gente vai tentar tratar em casa ainda, para você não ter que vir [ao hospital], porque se você vir aqui, você vai ficar mais doente. Porque os hospitais, por mais que você tenha uma assepsia, você limpe, ainda tem muita proliferação de outras doenças. Então se você já está fraca é bem provável que você pegue uma outra coisa, e a gente [médico] não quer isso! Então, o quanto a gente conseguir te manter em casa a gente vai... e aí eu fiquei em casa, só que eu fiquei com sequelas da pneumonia. Tenho uma dificuldade para respirar, eu fiquei com dificuldade por causa da obesidade também [que já tinha] e devido à uma série de coisas anteriores, aí já ficou com mais dificuldade ainda para respirar fazer algumas tarefas. Então essa pandemia, ela prejudicou bastante a vida e a rotina aqui dentro de casa.

(P): O que você acha que foi mais difícil durante todo esse processo? Durante todo esse período de pandemia? A gente ainda está na pandemia, né? Embora muitas pessoas ainda pensem que já acabou e que com a vacina agora tá tudo liberado... Embora muita gente pense isso, a gente ainda tá em pandemia né? O que foi mais difícil, assim, para você durante todo esse tempo? Para você e para estudante?

(S1): Então o fato da gente ter que ficar muito tempo em casa né? Imagina, uma criança de 6, 7 anos, que tem uma rotina de ir pra escola, de ver os amiguinhos, né? Por mais dificuldades que se tenham, porque, por exemplo, eu moro longe da escola, então a gente ia de carro, mas na maioria das vezes a gente voltava a pé, era uma forma da gente se locomover, da gente vê as pessoas... E você pegar uma criança e tirar ela desse meio que ela tem convívio com outras crianças, que ela já está adaptada e simplesmente colocar dentro de casa... Aí ficou no começo eu, meu marido e ela dentro de casa, só nós três, nós ficamos, acho que uns 5 meses sem contato

com ninguém, aí conforme a gente foi melhorando, as pessoas começaram a ter que vir também, minha mãe vinha esporadicamente, mas a gente não tinha aquele contato direto, ela sentiu demais, né? E eu, pelo fato de já ser dona de casa, ter que ficar com todo mundo, então meu nível de estresse foi lá em cima, meu cabelo caiu... Eu falei: “meu Deus, uma criança me deixou assim, com o marido, imagina a professora com várias crianças dentro da sala? o quanto não cai o cabelo, o quanto a pessoa não fica ansiosa ou o quanto ela fala: eu quero café! [risos] Então, eu já tinha essa visão de professora, eu já tinha essa vivência porque eu trabalhei em escola, porque eu comecei na faculdade, eu via os professores né? eles falando das vivências, então eu fiquei me pondo no lugar, nessa questão, e tentar fazer com que ela tivesse uma adaptação melhor, mas tava complicado.

No começo é bem difícil, ela [a estudante] chorou, eu acredito que ela tenha ficado com início de ansiedade e depressão, como todo mundo, a grande maioria ficou, então foi bem intenso no começo! Não que não esteja agora, mas está menos do que antes né?

(P): É que a gente vai se acostumando né?

(S1): É uma coisa que a gente, é, foi obrigado a se acostumar, no caso dela, foi muita conversa “olha por enquanto é assim, por enquanto é assado” aos poucos a gente vai voltando a ver sua avó, que mora aqui perto, a ver minha irmã, que mora aqui com minha mãe, a ver algumas pessoas né? Mas no começo, foi bem “dose” mesmo.

(P): Foi uma ruptura muito grande, né? De repente, cada um no seu quadradinho, cada um fica lá na sua casa, não pode ir na casa de ninguém, tudo muito novo... E assim, a gente não sabia como era, né? E ficava com aquele medo de ir: e se eu for na casa do outro e eu tiver alguma coisa? e acontecer coisa pior né? A gente teve que lidar também com esses tipos de sentimentos, né?

(S1): Eu acredito que ela sentiu muito porque, justamente, foi o que você falou, foi uma ruptura muito rápida! Porque ela [a estudante] não podia ir, porque ele [o pai] já estava doente, e o nosso medo era levar ela pra escola e ela transmitir para outras crianças. Então ela [estudante] parou de ir na escola muito antes de começar realmente a pandemia como decreto. Aí eu vi que ela começou a ficar muito agitada, não dormia bem à noite, já não dormia muito bem, então ficou pior ainda! De manhã era difícil lidar com estresse, com a raiva, com o choro. Então, foi um choque! Foi uma coisa muito rápida! Assim, sem tempo de dar tchau, e ela chegou a chorar, a gente parou de ver noticiário porque ela [a estudante, perguntava] “E se um dos meus

amiguinhos morrer e eu não puder ver?, e se por exemplo eu perder meu pai, minha mãe, e se meus amiguinhos perderem o pai ou a mãe?”, então a gente via que ela começou a ficar muito mal, e eu falava para o meu marido, “não vamos assistir jornal perto dela porque isso está afetando muito a cabeça dela” e vamos conversando, porque se eventualmente chegar a acontecer, a gente tentar lidar com isso, e conversar com a criança que é uma forma totalmente diferente de lidar. Essa pandemia veio mesmo para mexer com a gente!

(P): E assim, o que você acha, ou, quais foram os impactos que a pandemia trouxe para a escolarização da Nicole? Foram impactos negativos? positivos? O que que você acha que foi negativo, o que que você acha que foi positivo?

(S1): De positivo, eu conseguia acompanhar melhor o desenvolvimento dela, saber até onde a gente podia ir, até onde não podia ir. Eu tive que pesquisar mais, ler mais, de uma certa forma também me ajudou né? Eu tive que conversar muito com meu marido sobre isso, falar “olha você vai ter que fazer desse jeito, fazer dessa forma”, que ele é muito exagerado, é pai totalmente protetor! então ele é muito exagerado... então vamos devagar nisso, vamos devagar naquilo, pesquisar mais, perguntar mais... Eu tenho uma prima que é pedagoga [e a gente ia perguntar] “o que você acha? tá legal? não tá legal?” aí o pessoal vendo [os trabalhos da filha] falavam “olha ela é inteligente, vai dessa forma”, eu conversei com você por que ela tá querendo fazer isso, e o meu medo é podar e depois ela não querer fazer mais... E o fato negativo foi justamente isso, porque ela tinha crianças que ela conseguia... a criança faz isso dá para tentar fazer, ela equilibrava isso né, só que com o adulto não, com o adulto ela não tinha esse equilíbrio, porque a gente acaba querendo ou não, no começo exigindo demais dela tem que ser assim tem que ser assado, ou porque eu fui criada dessa forma você também vai ser, e não é assim. os tempos são outros, a forma de ensinar é outra, e a forma da gente aprender também! Então ela me ensinou muito, tudo tem limite, tudo tem um “até onde eu consigo ir” e quando eu via que eu estava indo demais, eu [pensava] “o que que isso vai afetar a cabecinha dela?” Tá vamos lá, vamos lá Luciane volta, vamos lá pensar como criança! e aí foi indo devagarzinho até que eu vi que as 2 conseguiram chegar uma pertinho da outra, ali na escadinha mais próxima uma da outra!

(P): Mas foi muito bom o trabalho que você desenvolveu com a estudante, está de parabéns! Eu sempre falo que essa parceria foi o que a gente conseguiu ter resultados positivos, que ela conseguiu desenvolver bem né? mesmo diante de todo esse

contexto, Bom, se a gente for pensar na escolarização nível Brasil, o que você acha que vai acontecer, o que você acha que aconteceu, como que você vê essa pandemia pensando um a nível nacional? No geral, ou você pode pensar também por exemplo nos amiguinhos da estudante, porque você tem bastante contato, você vê bastante nosso grupo, vê que tem várias famílias que não acessam... Como que você vê isso?

(S1): Então, alguns pais conseguiram chegar nesse nível “bem, aonde meu filho tá, como que eu posso ajudar, como que eu como pai posso melhora”, porque uma hora a pandemia vai deixar de ser instituída como pandemia né? e aí como é que eu vou ter esse relacionamento com a escola, com um professor, com meu filho... E vendo que alguns pais não tiveram esse retorno com a escola, não tiveram as vezes cobrança ou elogio porque nem tudo é só “ tá errado” tem coisas que também deram certo, poderiam ser melhoradas talvez se nós como pais participássemos mais! Então assim eu vi que a nível macro da coisa, muita gente não conseguiu ter o acesso que eu tive, a oportunidade que eu tive de estar com ela, seja por falta de esforço, seja por falta de dinheiro, porque muita gente desempregada... você tem menos acesso à informação porque a internet hoje é o que liga as pessoas, querendo ou não, uma forma positiva ou negativa tá ligando, então você tem mais informações com a internet, muita gente, num geral não teve essa oportunidade, e alguns pais também foram uma falta de esforço, uma falta de “não vamos lá, vamos fazer a diferença, não tem de uma forma vamos de outra”, então realmente tá a pandemia meu filho vai passar... mas e o ensino né? e o secular? como é que tá? a educação a gente dá em casa, mas o ensino, a questão de aprendizagem e convívio? vem a escola também junto né! Então muita gente não se preocupou com isso, aí “quando eu voltar a escola se vira” não é bem assim “a escola se vira” né? é um trabalho mútuo né? A escola também deixou a desejar em algumas coisas, eu sou uma mãe muito reclamona, na escola eu fui uma aluna reclamona, e eu sou uma mãe reclamona mas é porque assim, da forma que eu tive professores em uma escola que estava disposta a me ajudar e eu ajudar a escola, eu quero esse mesmo tipo de ensino para minha filha, nesse grau né? e como eu disse, a escola mudou, o ensino mudou, mas algumas coisas permaneceram, que foram as melhorias, então vamos melhorar mais um pouquinho, e eu vi aqui essa comunicação pra escola tava um pouquinho, [S1 faz gesto com as mãos indicando confusão], não sei se eles pensavam de um jeito eu pensando de outro, ou as influências eram de um jeito e a minha de outro, eu ainda tenho essa “rusguinha” assim com a escola

(P): E quem que tá aí olha participando da entrevista com a gente? Beijo minha princesa, ai que saudade estudante, como é que é o nome dessa gatinha?

[Resposta da estudante] “Marie”

E a Marie vai participar com a gente? ai que linda, seja bem-vinda estudante bem-vinda Marie! Comeu tudinho estudante? almoçou tudinho?

(S1): mais ou menos [risos]

[Resposta da estudante] “algumas vezes eu como tudo né, algumas vezes eu como tudo, algumas vezes mais ou menos”

(P): Que bom que você está aqui participando com a gente, você e a Marie, tá bom sejam bem-vindas!

(S1): Essa questão da alimentação dela, uma coisa que também a gente descobriu na pandemia, que a gente passou no pediatra e a gente descobriu que ela está com colesterol alto. E assim, a médica falou que o fato dela ser magra é o que mais instiga, porque as crianças que adquiriram essas doenças, praticamente de adultos, foram crianças que têm um nível de obesidade muito grande, no caso dela era uma criança que não consome, a gente foi tirando também isso né, devido a questão de alimentação, meu marido com pressão alta, com um monte de problema, como foi como eu disse né, a pandemia veio trazendo aquela enxurrada de coisas, tudo seguido um do outro e a gente mudou a alimentação e mesmo assim o colesterol dela ficou alto, e a gente teve que começar um tratamento, e aí às vezes ela não quer comer porque a comida não tem o sabor, “aquela coisa né”, mas eu falo [para a estudante] “você tem que comer pra te ajudar nisso” Aí a pediatra falou, a escola ajudava nessa forma, porque ela se movimentava, ela brincava... e não estar se movimentando, tomando sol que seja, a vitamina D que é produzida, a serotonina todas as substâncias boas e ruins ela não tinha como processar. Aí foi mais uma questão, então além de toda a questão familiar educacional, veio a questão alimentar e por aí vai e vai continuar por um tempo.

(P): Falando sobre as atividades, essa relação no processo ensino aprendizagem, quem ajudou mais a estudante a fazer as atividades?

(S1): Eu.

(P): E como foi essa sua participação? Você já falou um pouquinho lá no começo, que você foi atrás de muitos conteúdos, que você procurou pessoas para ajudar também. Tem mais alguma coisa sobre a sua participação que você gostaria de falar? Algum sentimento? Ou o que você sentiu fazendo todo esse processo de auxílio a estudante?

(S1): É aquela questão né, a gente volta um pouquinho lá na infância, começa a pensar como que foi o meu processo de aprendizado, é, a minha mãe foi terminar a escola quando ela já estava trabalhando, já estava praticamente há mais de 20 anos na empresa e ela resolveu ir atrás dos estudos dela, terminar o estudo dela. Meu pai, ele é alfabetizado, é como é que se diz, esqueci o termo, ele sabe um pouco, ele fez mobral para você ter uma ideia. Só que meus pais são pessoas muito inteligentes, então assim, por não terem um estudo, eles focavam muito que eu e a minha irmã tivéssemos [estudo], e aí foi aquilo que eu falei, eu às vezes cobrava estudante como se fosse eu, mas aí eu vi que o tempo é outro, então assim, eu já tive mais estudo, eu já tive mais informação, eu tinha como dar isso para ela. Foi reviver algumas coisas lá da infância, tentando passar para ela, mas sem o peso que eu tinha. Aí eu tinha que pesquisar, tinha que se adaptar, eu tinha que às vezes pensar como um professor... é uma coisa assim, é uma classe que deveria ser muito mais é elogiada, recompensada e vista pelo merecimento, porque você tá ensinando, então eu tinha que falar que às vezes eu tinha que ser mãe, eu tinha que ser professora, aí eu tinha que pensar como uma professora, às vezes agir com uma professora, às vezes eu tinha que ser a professora boa às vezes professora má, sem ser aquela figura da mãe, e foi complicado nesse processo de adaptação, mas eu acho que foi indo bem, eu acho que um pouquinho foi dando certo.

(P): E tem gente aqui até que tá querendo fazer pedagogia né?

(S1): Vamos ver, [risos] é que como eu fiz um ano, comecei a fazer letras o meu foco era literatura né, e minha professora sempre falava “vai pedagogia, é tua cara” e eu falei olha eu não sei se eu me daria bem com muitas crianças, mas ela já falou “é a sua cara, pode fazer sua formação em letras e depois focar em pedagogia que você vai se dar super bem”, eu falei vamos ver... vamos ver... quem sabe!

(P): Uma coisa também que eu já te disse isso né, e Karin também né?

(Karin) Jo, a Luciene falou que é muito reclamona, que ela reclamava muito quando era aluna e aí agora continuou reclamando, aí eu fiquei curiosa assim, só para entender qual era o teor dessas reclamações?

(S1): Ah, por exemplo, quando eu estava com pneumonia, que me deixou muito frustrada, eu avisei para escola que eu estava com pneumonia e que eu não poderia ficar muito tempo, meu marido foi comigo porque eu não tinha com quem deixar a estudante. Ele falou assim “ não eu vou lá buscar o uniforme”, mas como meu nome já está lá eu vou porque sempre causa alguma coisa que não dá certo. E aí eu cheguei

lá para assinar a lista, o material da estudante, o uniforme não estava separado, eles, simplesmente, sumiram com a lista dos alunos, sumiram com a caixa da professora, e eu tive que ficar 20 minutos, o tempo já estava esfriando, eu estava de blusa mas eu não podia ficar no frio porque eu estava no processo, no meio do tratamento, e expliquei, eu não posso ficar aqui, aí meu marido ficou só estava dando 40 minutos e nada do material! Então assim, era uma coisa desse tipo, por exemplo, você chegar para pegar o material e o material não está lá. A história do livro de história também, estava separado para mim e o livro simplesmente desapareceu, foi dado para outra mãe, eu avisei que eu não poderia ir naquele dia por causa da danada da pneumonia e quando eu cheguei, meu marido chegou para buscar o livro não estava lá... então foram essas coisas que eu reclamava de organização... é... se tem uma pessoa que é responsável por isso ela tem que responder por isso! não jogar na mão de terceiros, quartos, quintos... a coisa vira uma bola de neve! e jogavam a responsabilidade para o professor, que já estava lidando com outras coisas, fora a montagem das aulas, fora o contato com os pais, procurar por pai, a escola estava lá para isso a coordenação estava pra isso. Então, quando aluna eu reclamava disso, faltava estrutura, faltava coordenação, faltava organização eu ia reclamar! Quando eu aprendi que eu tinha deveres e direitos, da mesma forma eu fiz com a escola, eu tenho direito de contestar o porquê que aquilo não está naquele lugar ou por quê que não estava disponível, se eu já havia avisado que eu só iria naquele momento, se eu havia avisado que eu não poderia ficar mais... e no final das contas da história do uniforme, voltando nele, cheguei lá, o uniforme não estava separado, a diretora teve que procurar, com muito custo achou a caixa [com o uniforme] e no final das contas eu não assinei o papel porque não tinha um papel para assinar... depois o meu marido chegou e ficaram falando que eu tinha que buscar o uniforme, e me ligaram para ir buscar o uniforme! Eu falei que minha filha já tem um, eu falei o que eu acho injusto é crianças que vão voltar a ter aula não terem uniforme! Enquanto eu falei que eu não poderia ir, que não precisava, que ela não voltaria, [inaudível 27:12] não ia ser essa bagunça toda, então a falta de organização (da escola), às vezes, não sei se de estrutura, ou é manejo, não sei, não sei dizer o que acontece, mas assim, é isso que me faltou talvez a organização da escola em determinados momentos, da coordenação da escola em determinados momentos e ainda queria dizer como se eu estivesse errada, tanto que o uniforme eu tive que provar que eu peguei um uniforme! para você ter uma noção! uma coisa que não tinha nem lógica!

(P): Obrigada, mas eu não sei se isso é ser reclamona né, por que eu acho que não é ser reclamona.

(Karin): É, eu usei esse termo porque ela usou, mas quando ela continuou a falar, falou “eu entendo meus deveres meus direitos” aí eu acho que se encaixa melhor é seu direito né?

(S1): Eu entendi que teve pessoas lá que não gostaram, e eu percebi que foi se tornando uma coisa um pouco pessoal, aí é que eu acho que entra o “reclamona” entendeu? porque as pessoas levaram pro lado de reclamação eu não estava nunca elogiando... teve pontos da escola que ela foi superior a várias outras escolas que são reconhecidas, mas teve coisas que deixaram a desejar, aí quando eu começava a cobrar eu me tornava a “reclamona” a “chata”... e eu via que me deixavam um pouco “no vácuo do espaço” até para me dar uma resposta. E tudo é para não ter contato com você! “eu vou mandar pra outra pessoa” ou seja a escola estava lá para aquilo e tinha uma terceira, quarta, quinta que não sabia e a coisa vira uma bagunça, ou ter que focar num professor que já tinha as outras tarefas e responsabilidades, fora as coisas do cotidiano, do dia a dia, porque professor do Estado, do Município, não trabalham só em um escola, e eu via que eles estavam fazendo isso, jogando para os professores.

(P): Sobre o processo de ensino aprendizagem da estudante, como você os avanços que a estudante teve em todo esse período que ela tá em casa? Por que ela tava na fase de alfabetização, então, quando a gente parou lá atrás, lá em março, no finalzinho de fevereiro, que foi quando seu marido ficou doente, quando a gente parou ela [a estudante] estava começando ainda né? Todo esse processo do reconhecimento das letras, de juntar as letrinhas... Como foi esse processo? Como você vê a aprendizagem da estudante?

(S1): Eu fiquei com medo, eu pensei “eu não vou dar conta, não vou dar conta”, é, devido aos problemas de fora né, de aprendizagem. Eu achava que eu não ia conseguir eu falava “eu não vou dar conta, eu não sei, como é que eu vou fazer isso?”... Por mais que eu leia, por mais que eu veja, tinha vez que eu ficava até às vezes sem dormir e eu tenho problema de insônia, então eu pegava a noite e ficava lendo falei e pensava que não vou dar conta, eu não sei como fazer, talvez sei lá procurar outra ajuda, procurar um apoio... e aí aos pouquinhos a gente vai tentando, com a cabeça no lugar, vai respirando, Calma! Cada criança tem seu tempo, então qual que é o tempo dela? onde ela se encaixa nesse tempo? e aí a gente vai pensando

né... que eu falei de retornar no passado, no meu tempo, nessa época eu fazia “assim, assim, assado” nesse caso, ela vai ter que ser diferente... que apoio que eu vou dar? então vamos ver uma forma, uma coisa que ela gosta, então se ela gosta de um determinado desenho vou colocar o desenho legendado: “olha as palavrinhas como é que ela se juntou, como é que ela faz”, ela gosta de um determinado livrinho: “olha aqui as palavrinhas, tenta ler um pouco sozinha, depois o que você não conseguir eu vou te ajudando”, e a gente vai montando, que material que eu posso dar? deixar de dar um presente caro e porque não comprar um brinquedo pedagógico? né? e assim a gente foi fazendo... eu comprei um brinquedo para ela que ela usou pouco, mas eu vejo que às vezes ela pega e o que ela não conseguia no começo quando ela ganhou, hoje ela senta sozinha e vai montando! Sabe? Então, **foi um processo devagar, foi um processo lento mas valeu muito a pena foi enriquecedor.**

(P): Agora ela tá toda bonitinha né?

(S1): Ela tá lendo super bem, e a gente tem que tomar cuidado com o que a gente vê, porque o que é para um adulto, uma criança de 10, 12 anos não é pra uma criança de 7, 8 anos, 6 anos... então a gente evita assistir determinadas coisas perto dela, mas permite que ela tenha acesso e assim, vamos por uma legenda, e ela já lê, ela pega o livro e já vai juntando as letrinhas... às vezes uma conta de matemática, até eu me perco ela não.

[Estudante chega no vídeo mostrando o livro da frozen]

(P): Depois vamos fazer uma chamada de vídeo para você ler uma história para prô? vamos combinar em olha lá!

Estudante: Tem isso aqui que pinta com água **[mostrando o livro]**

(P): A é? conforme você molha o pincel e vai passando no livrinho, ele vai pintando?

Estudante: **[mostrando o livro]**

(S1): Vai pintando!

(P): Gente é muito é muita novidade! **Estudante** eu não sou dessa época que tem esse desenho desses livros chiquérrimos [risos].

(S1): Já foi embora [risos] já encheu o pincel de água. mas foi isso, foi uma coisa de a gente achar que não ia conseguir... e aí eu comecei a cobrar também os membros da minha família, por exemplo, às vezes eu tinha que sair e não tinha com quem deixar [a estudante] aí tinha de ficar com a minha mãe, “mãe olha ó”, daí minha mãe baixou no celular, eu falei, procura colocar coisas pedagógicas para ela. A minha irmã também foi vendo que ela podia ajudar, então foi todo mundo da família com quem a

gente tinha contato embarcando nessa e ajudando de alguma forma ela nesse desenvolvimento, porque o foco era esse né, ajudar ela a se desenvolver melhor.

(P): E aí foi uma rede de apoio, né Luciene?

(S1): Foi. E aqui no quintal por exemplo, a minha cunhada ela alugou a casa dela e tem um casal de amigas nossas que uma das amigas delas estava dando aula de Ukulele, e isso ajudou ela a se desenvolver também na leitura, porque ela tinha que aprender a ler para ler as notas e para ler a música. Então era tudo focada nesse negócio de ajudar ela a desenvolver da melhor forma possível, musicalmente, socialmente, dentro do que a gente conseguisse fazer, e na forma também de escrita de fala. tem umas palavras que nem eu lembro que eu falei ou onde ela ouviu e ela solta e se encaixa no contexto da frase.

(P): A oralidade dela é muito boa. A estudante tem uma oralidade linda, linda, linda, né?

(S1): É, e eu fico assim: caramba, de onde ela tirou isso? E eu tenho que lembrar, será que eu falei? Ou será que ela ouviu em algum lugar? Ou será que ela leu?

(P): Mas é, essas crianças surpreendem a gente, e aí quando a gente imagina, estando todas elas juntas assim, a troca entre eles é muito bonita né? E é muito construtiva também porque eles vão se entendendo. Em relação às atividades, vocês conseguiram acessar tanto lá no comecinho quando a gente começou que postava lá no blog, depois a gente passou a mandar as atividades impressas, vocês conseguiram retirar todas as atividades impressas, devolveram tudo direitinho? Conseguiram fazer tudo? Como que estava esse conteúdo? Se estava muito além do que vocês esperavam, muito aquém? Como você avalia toda essa questão da nossa produção de atividades? Estava bom ou poderíamos ter aprofundado um pouquinho mais ou ter segurado um pouquinho mais a onda? Como foi?

(S1): Em questão do material, eu sempre achei o material muito rico né? por mais que a gente às vezes não conseguisse ter aquele acesso do impresso, que foi muito mais fácil, eu percebi que o impresso para ela [para a estudante] foi muito melhor. O físico né? Talvez porque para mim era mais fácil, então a convivência, fazia com que tornasse mais fácil para ela, porque você abriu o computador: “mãe eu quero jogar”, então foco já dispersa... e o impresso não, vamos tentar aqui, vamos fazer! Daí eu parava tudo o que eu tinha que fazer e vamos sentar, vamos fazer. A minha maior dificuldade era arranjar horário para isso, porque eu tinha uma rotina dentro de casa, porque eu ficava sozinha, eu tinha horário pra lavar roupa, lava-louça, arrumar a casa,

deixar tudo pronto no período que ela estava na aula. O marido saía, ela ia pra escola e eu ficava sozinha e organizava. Daí eu tive que mudar isso, fazer as coisas com ela o tempo todo e fazer o material, Então às vezes tinha que acessar o computador, abrir tudo, pra depois fazer e não conseguia. Então enquanto ela tava pintando, eu estava lavando uma louça, aí eu parava a louça, e agora vamos focar aqui, o que a gente vai aprender hoje? o que a gente vai fazer hoje? A qualidade do material também, por que faltava só os livros mesmo, mas, foi tudo tão rápido, que não tinha como né? Essa ajuda do livro, do material impresso, mas aí a quantidade do material a qualidade do material sempre foi muito boa! O que realmente me dificultou a entrega do material, somente de Educação Física, foram os horários. Então está frio, a gente tá dentro de casa, tem que botar a casa em ordem, e agora?, tem que parar tudo para fazer a atividade dela, só que a casa tinha que estar, pelo fato da casa ser um pouquinho mais apertada, alguns cômodos, então vamos ter que abrir espaço em um para você fazer a sua atividade, com cuidado para a gente não se machucar, né? Então, foi a minha maior dificuldade, acho que até hoje é a Educação Física, talvez também da gente não ter essa prática de física, essas coisas todas.

(P): É o professor de Educação Física coloca o pessoal para remexer né?

(S1): É, ele, os professores de Educação Física, tem um outro professor que eu não me recordo o nome, mas eles botam a gente! A gente fez uma atividade em especial foi bastante legal, mas assim eu fiquei um pouquinho com medo, que foi a de é lutas né, então, a gente tem pouco espaço em casa, às vezes o movimento, e a criança fazer um movimento, a gente tinha que ir junto, então a gente teve que... quem é né... participou viu que teve que movimentar bastante!

(P): Eles estão com mais propostas muito boas, né? Agora essa última fase das olimpíadas né? Nossa gente, muito legal, imagina essas crianças na escola, né? com professores, elas se acabam naquela quadra!

(S1): Mas o material didático de Português, História, Geografia, às vezes quando não tinha material a gente ia pesquisar, aí eu mostrava pra ela [para a estudante] “ó, existe tal lugar, é assim é assado”, “quando a mamãe era criança a gente foi nesse lugar, muito legal tinha esse espaço”, assim “no interior é assim”, então, tentava levar ela para esse mundo né? das letras, dos números... que pra mim é difícil, então eu pegava meu marido e falava “me ajuda aqui”, mas como ele não sabia como ensinar para uma criança ele falou, “não, eu vou te explicar e aí você ajuda ela”, e aí a gente tentava fazer dessa forma, ele me ajudava, e eu ajudava ela.

(P): É, é essa rede de apoio, né? Um vai apoiando outro, e aí a estudante que seu deu bem, nessa família boa, né? A estudante, falando dessas atividades, demonstrou interesse em fazer? Ela gosta de fazer as atividades? Como que ela se sentia assim fazendo as atividades?

(S1): No começo, pela falta de ter crianças, eu via que ela ficava bem dispersa, então eu via que ela não queria fazer, por mais fácil, o fato de ter que forçar a mente a aprender uma coisa que você não sabe que o outro já sabe, eu via que ela ficava frustrada e isso me deixava frustrada! Aí foi aquele negócio, vamos pensar como o professor, vamos pensar como criança, vamos misturar tudo isso daí e ver o que dá! E aí vamos tentar fazer de uma outra forma, e foi essa coisa no começo, bem difícil, ela não queria fazer, tinha dia que ela não queria, ela chorava “não quero, não vou” ela queria ficar só na televisão né?, aí aquela, se eu sempre impuser pra ela que ela sempre tem que fazer, como é que vai ser? Então, vamos tentar tirar essa imposição, vamos tentar fazer um negócio um pouco mais agradável! Hoje eu falo” vamos sentar e fazer a lição? Vamos primeiro pintar” que é a forma dela ficar presa ali na situação. Ela pinta e depois ela mesma já vai desenrolando, vai fazendo as coisas, vai escrevendo, vai pensando na frase né? Quando deram as letrinhas, as cruzadinhas, para procurar, que era só as palavras ela foi escrevendo, agora é a frase, então ela pinta e já vai pensando na frase, e aí agora, às vezes, eu ajudo ela a desenvolver frases e as vezes ela já está desenvolvendo sozinha né? Ela só não sabe, às vezes, como escrever determinadas palavras, por exemplo, nessas sílabas complexas, porque ela pede a minha ajuda, mas tem frase que ela já consegue montar. A questão da aula que a Joice (**outra professora**), estava dando né, que ela estava auxiliando a montar os textos, o lúdico dela já estava indo mais pra cima, ela já pensava em história sozinha, ela pega uma caixa de papelão que gente desmontou para ela e fez uma prancha de surfe, ela fez de transporte, de trailer, de vagão, de casinha. Ela já pintou, ela já foi imaginando histórias, ela sempre reclamava “mãe eu tô sozinha”, “mãe eu não consigo fazer isso”, e agora já não tem mais isso, porque ela está usando a imaginação para trabalhar um pouquinho, eu estou ocupada não dá pra fazer, então ela já vai, já faz sozinha, então menos mal.

(P): Então essa parte que a gente fez esse trabalho de agrupamentos, você acha que foi positivo? Da gente agrupar as crianças nas chamadas de vídeo?

(S1): Foi, na últimas ela não conseguiu participar porque meu marido estava de férias, ele saia e não dava tempo de a gente chegar, para resolver. Já que só tem nós 3,

então às vezes vai sair para resolver os 3 tudo de uma vez, então vai no médico, já vai os 3 de uma vez, vai ter que sair numa feira, no salão, vai todo mundo de uma vez, e assim acabava a gente não conseguir, mas é... ela ver outras crianças talvez no mesmo nível dela de aprendizagem, de aprendizado, ela conseguiu desenvolver melhorzinho, eu vi que ela ficou mais animada, se na última for todo mundo junto ela né... quer mais!

(P): Vocês estabeleceram alguma rotina para trabalho com ela? Por exemplo, olha estudante todos os dias a gente vai dedicar 1 hora para fazer essa atividade, ou, vamos fazer as atividades dia sim dia não. Como foi esse escalonamento de vocês em casa? Como vocês se organizaram? na semana?

(S1): No começo a gente estava fazendo um dia sim e um dia não. Aí eu vi que o resultado não era tão legal, aí a gente começou a fazer todos os dias. Antes de ter as datas para fazer a gente já pegava “tal dia vai ser feito essa lição, tal dia esta lição, todo dia essa lição”, até chegar talvez um dia antes da data de entrega, e aí eu vi que a rotina de ter um, não podia nem ser um horário específico, mas que fosse 1 hora, 2 horas, 3 horas, 4 horas, o tempo dela, ela conseguia desenvolver a lição! Então a gente, de tarde, seu pai saiu, eu fiz alguma coisa, terminamos de almoçar, dá um tempinho e vamos sentar, vamos fazer a lição. E aí eu vi que deu certo! Aí depois começaram a vir os dias com as datas, o que foi melhor ainda, porque você tem esse dia pra fazer, então vamos tentar fazer sempre no mesmo horário, para você ter essa coisa, tal horário tá com a mente boa, vou fazer a lição e assim foi dando certo! Ontem e hoje foi que a gente deixou acumular um pouquinho, eu não estava muito legal, mas aí ela [a estudante] chegou e disse: “vamos fazer lição hoje?” e vamos fazer a lição, já acordei melhorzinha já adiantei meu serviço e daqui a pouco a lição.

(P): Maravilha! Então aqui eu fiz um eixo sobre espaços e recursos, só que ao longo da nossa conversa você já foi respondendo [risos], por exemplo, tem acesso à internet?

(S1): Temos.

(P): Onde realizou as atividades, se foi em casa, se na casa tem algum espaço em específico para vocês fazerem, se vocês reservaram um cantinho?

(S1): É, a gente tem uma sala, a gente reservou espaço, mas a gente... é assim, a minha casa é um pouco diferente das outras, eu moro na parte de baixo e tem uma parte que é de cima, na parte de cima, a gente ia fazer uma lavanderia, mas a gente

acabou não fazendo e acabou fazendo uma cozinha, que é uma parte mais quente da casa, então a gente fica mais nessa parte, porque eu já estou próximo das coisas que eu faço durante o dia e durante a tarde, durante a noite, a gente já fica na parte de baixo que é mais fresquinha que é mais tranquilo. Mas às vezes a gente tem a sala que a gente faz as atividades ou na cozinha mesmo. A maior parte que uma mãe fica é na cozinha, então a gente fica lá todo mundo junto na cozinha.

(P): Então vamos trabalhar na cozinha! [risos] É, vocês utilizam o celular ou notebook, computador para fazer as pesquisas tablet?

(S1): O celular. É porque o celular é aquela peça que né? Praticamente uma extensão da gente, a gente tá sempre com ele do lado, então... vai fazer qualquer coisa eu já pego o celular. Mas aí a gente tem um notebook que dá pra fazer uma pesquisa, antigamente era só o tablet, mas aí o tablet vai perdendo as atualizações e você vai deixando ele mais de lado né, então o celular é a forma que a gente mais utiliza para pesquisar.

(P): A estudante é filha única, né?

(S1): É, Ainda bem! [risos]

(P): Porque assim, a gente tinha pensado nessa questão do uso do celular para a estudante, para você, que tem uma criança só, talvez não tenha sido difícil dispor do celular e dispor do tempo para ela poder fazer as pesquisas. A gente pensa numa família onde tem mais crianças e poucos equipamentos, quando tem mais fica um pouquinho mais difícil né? então perguntinha que a gente ia fazer aqui era mais ou menos isso, se o celular era utilizado só pelo aluno, ou se era dela, se é seu, se é do seu marido, como que é o uso desse celular, se ela utiliza sozinha, se ela já tem autonomia para utilizar sozinha para pesquisar?

(S1): Então a gente sempre procurou deixar porque assim, de 2000 para cá, criança é tecnologia! Então não tem como a gente falar “não vai pegar no celular”, o que a gente tentava ter era regras, então tal horário você fazer tal coisa então você vai usar o celular, caso contrário, seu celular é de joguinho, o celular da mamãe vai ser para pesquisa, você não pode usar além disso. Os outros membros da família a gente tenta manter esse controle, mas o do meu marido é para joguinho, ver vídeo, ter informação... o da minha mãe da mesma forma... é, o que eu tentava, sempre tento impor para ela são regras com relação à utilização. Então meu celular é meu, mas eu vou te dar ele pra você fazer suas chamadas de vídeo da escola e a gente pesquisar sobre coisas da escola. O seu celular é de joguinho, mas você vai ter hora pra você

usar esses joguinhos, vai ter hora para tudo, tudo a gente tem que ter um momento, até para a gente descansar. Então tudo que a gente procurou, eu tentei como a maior parte do tempo comigo, ter esses horários específicos para tudo.

(P): E sobre o grupo de WhatsApp da turma, você tem acesso ao grupo? Como que é ? esse grupo te ajuda? Como é esse seu contato com WhatsApp, tanto em grupos da turma e quando em contato com a professora, em contato comigo? Como se deu a ferramenta?

(S1): É às vezes no grupo eu percebi que faltou muita comunicação, porque a gente assim, eu tenho contato com uma das mães, eu conheço as mães eu conheço os alunos porque são crianças que já acompanham ela [a estudante] desde que ela foi pra escola, só que assim, o contato que eu tenho é com uma única mãe né? e a gente acabou se aproximando um pouco mais, mas assim eu via que o grupo, ele é... não em questão de orientação, mas... a gente como mãe, a gente não teve um vínculo, a gente não teve um contato. Tudo bem, cada um tem a sua vivência, cada um tem as suas coisas a fazer e talvez não por isso não desenvolveu né? Mas como um grupo mesmo, era uma coisa mais de ter informação da escola e passar a informação da criança. Eu vi que teve mãe que não ficou muito confortável, aparentemente parecia não estar confortável com essa situação, porque tava expondo a criança, porque de certa forma é uma exposição, então eu percebi que teve mães que não ficaram muito confortáveis com isso, e a gente, lógico como mãe, tem o seu receio, mas deu para de administrar. E como contato com a professora não tenho do que reclamar, tudo que eu me predispus a fazer, a professora também se predispôs a me ajudar e tudo certo, sem problema nenhum graças a Deus!

(P): É, e assim, o WhatsApp você vê então que foi uma ferramenta que auxiliou também nesse processo? que foi uma ferramenta a mais, além das atividades impressas?

(S1): Porque assim, é uma plataforma, é um aplicativo que tipo me permite ter quase que instantaneamente a informação. Então, eu estava na dúvida de uma coisa, tinha como salvar a informação, tinha como mandar a informação, tinha como receber a informação e de forma né, quase instantânea, independente da forma que... tempo que durasse, mas eu sabia que uma resposta surgiria ali. Se não por meio de uma mãe, por meio da professora ou da escola, então foi uma ferramenta legal, não vou dizer que é uma ferramenta ruim não.

(P): Ah que bom! E a escola forneceu, a prefeitura lá, forneceu um chip para as famílias você chegou a receber o chip? utiliza?

(S1): Eu recebi, mas eu não consegui utilizar, até porque tinha a questão da internet em casa né, que era muito mais viável de você tá ali com a internet conectada do que com o chip. Porque tinha cômodos da casa que o chip funcionava, tinha cômodos que ele não funcionava, então eu ficava toda hora mandando uma mensagem, uma mensagem e por mais que eu configurasse ele não ia, e eu falei “quer saber, deixa o chip quieto”, vamos continuar a internet de casa mesmo que é muito melhor.

(P): Velocidade mais rápida né?

(S1): E eu fiquei sabendo de casos assim, de alguns pais que não tinham né? Porque é muito complicado você não ter acesso a informação necessária para o seu filho. Aqueles que queriam ter né? e teve aqueles também que não quiseram, infelizmente, não sei como é que está, como estão as crianças né? mas...

(P): A gente agora já está caminhando para o final da nossa conversa, Luciene. Está passando muito rápido! [risos] Tem alguma coisa que você queira colocar que a gente não falou aqui, a respeito de todo esse movimento que a escola teve frente à pandemia? Tem algum sobre a pandemia que você queira falar? Sobre a estudante? Se você sentiu falta de alguma questão, de colocar algo nessa nossa conversa que é importante para estar pontuado, para ficar registrado na nossa pesquisa? Algum elemento sobre a pandemia, qualquer coisa que você tiver, pode colocar aqui que a gente anota tudo!

(S1): Então, eu acho que a pandemia realmente ela trouxe [ela veio] para aflorar os nossos instintos né, verificar as nossas habilidades, as nossas qualificações. Eu não sei dizer ao certo se isso se encaixa no contexto, mas ela trouxe também para ter essa aproximação né? pra gente ter esse contato verificar no que a gente pode estar melhorando como ser humano, melhorando como cidadão também né? Porque ela pôs em xeque tudo, tudo que a gente possa imaginar! Então como que você como filho vai se comportar diante de um pai que você não vai poder ter contato frequente ou seus pais aqui com você filho? Como vocês estão dentro de casa? Eu mesma tô há 7 anos agora, 7, 6 anos em casa, cuidando só de casa, então para mim foi um pouco... tá todo mundo em casa, estar nessa situação... porque eu podia pelo menos sair... agora eu não posso... como é que eu vou lidar com o estresse? E às vezes a gente chega, não vou não vou lidar, vou surtar... e não, respira que dá certo! Vamos de pouquinho e pouquinho... então ela [a pandemia] trouxe realmente para refinar, a

palavra certa é refinar o ser humano, em todos os sentidos, em todas as suas qualidades, em todas as suas é... vamos dizer defeitos, como é que a gente poderia melhorar, e eu como mãe né, eu me senti assim meio que... dá certo, é difícil, mas a gente consegue acompanhar um filho acompanhar a escola, cobrar, se dar o direito também de ser cobrado, de ser analisado, o que é muito difícil, a gente não gosta, o ser humano não gosta de ser analisado, não gosto de ser pontuado, não gosta de ser criticado, e às vezes a gente precisa desse chocalho, opa! tá errando nisso, tá melhorando naquilo... e tentar ir melhorando, acertando, é pegando as arestas e cortando ela, e tentando explicar melhor possível né

(P): Muito obrigada viu Luciene pela sua participação, Karin quer colocar alguma coisa? sentiu falta de alguma questão? Muito obrigada viu Luciene, olha agradeço muito, muito mesmo! Agora eu vou parar aqui a gravação, e depois eu vou disponibilizar para você!

Finalização da Gravação

TRANSCRIÇÃO - ENTREVISTA 02

PARTICIPANTES: PESQUISADORA: (P); CAIO: (S2); SUJEITO 3- MÃE DO ESTUDANTE: (S3)

(P): Vamos começar a gravar a chamada aqui, mas antes de começar, nós temos que ler um termo para vocês, para explicar tudo direitinho da pesquisa, como funciona e depois eu mando para vocês assinarem, tá bom? [Vou compartilhar aqui pra vocês pra fazer a leitura. Deixa eu ver se já tá aparecendo aí].

Então eu vou lendo e aí se vocês tiverem alguma dúvida podem pedir para parar que a gente vai conversando. É que toda pesquisa a gente precisa ter esse termo de consentimento esclarecido, tá bom?

(S2) e (S3): Tá bom!

Leitura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

(P): Então esse é o nosso termo que eu explico tudo direitinho, como que a gente vai fazer, que é uma pesquisa voluntária e que vai contribuir até para ações aqui do nosso município, porque como agora a gente viveu este um ano [de pandemia], nós ainda estamos na realidade vivendo, né? Essa pandemia ... eu queria encontrar as significações, o que vocês acharam de todo esse processo? Como que foi...[Ah! eu

não posso falar o nome da criança, mas aí a gente edita lá na gravação, né?] Como que o seu filho se sentiu durante todo esse processo? Porque a gente começa a verificar para tentar entender como as crianças ficaram, como que elas vivenciaram esse momento, como vocês, enquanto pais, enquanto famílias, vivenciaram. Se sentiram alguma dificuldade, faltou alguma proposta da Prefeitura, para tentar entender.

Então eu vou fazer entrevista com três famílias, só fiz com uma até agora, vocês serão minha segunda família e falta eu fazer com mais uma. Depois que eu fizer com todos, aí eu vou analisar para poder redigir o texto e colocar na minha dissertação. Assim que tiver tudo prontinho, eu passo pra vocês também. Então depois que terminar a nossa conversa a gente vai transcrever tudinho né? Eu ouço e transcrevo tudo, pois precisa estar lá na dissertação, então vai para o Comitê de ética, etc... é um trabalho bem zeloso e é bem gostoso também né? Esse universo da pesquisa eu tô gostando muito. Então é um desafio muito grande pra mim também quanto professora, porque eu estou vivenciando também isso enquanto professora, enquanto pessoa e enquanto estudante também e tenho as minhas dificuldades, né? Não foram só os nossos pequenos que encontraram dificuldades, acho que a pandemia chegou pra todos, né? Então, de uma certa forma ou de outra, cada um de nós sentimos um pouquinho. Eu vou fazer algumas perguntas pra vocês e aí eu não queria que ficasse aquele negócio de “pá pum” sabe? “pergunta e resposta, pergunta e resposta”, pra não ficar um negócio muito mecânico, tá bom? Então eu posso fazer uma pergunta e aí vocês podem falar à vontade e se vocês quiserem colocar algum outro assunto também pode colocar. É sigiloso, a identidade de vocês não vai aparecer, então podem falar a vontade tá bom?

(S2) e (S3): Tá.

(P): Então primeiro eu queria saber como vocês estão vivenciando a pandemia? Como está sendo, desde lá de março do ano passado, quando falaram “fique em casa”. Como foi todo esse processo para vocês?

(S2): De início a gente ficou muito assustado, porque é uma coisa fora do comum! Nos meus vinte e seis anos de vida nunca vi uma coisa igual, né? E além disso é muito complicado por que a gente fica com o psicológico muito abalado, porque qualquer coisa que acontece a gente já pensa que é [covid-19] e que a gente pode transmitir pros nossos filhos, nossos pais, avós, tios, parentes, amigos... qualquer coisa que seja, já começa por aí. Além de tudo isso a gente fica muito preocupado

com as crianças, porque nós que somos adultos, a gente consegue lidar né? A gente faz algumas coisas aqui outras coisas ali e acaba esquecendo dessa pandemia, com o trabalho, casa, filhos ou as tarefas, afazeres né? e fica muito complicado, é, não só isso aí, dentro de tudo isso a gente vê o papel fundamental do professor. Agora que a gente tá dando valor na situação, na importância que o professor tem para vida de todo mundo, principalmente dos pais, porque não é fácil você lidar com filho dos outros. Cada um tem um ego, cada um é de um jeito e um é mais quieto, o outro é mais arteiro, um tem mais facilidade, o outro não. Então a gente quer que a criança durma cedo porque a gente tem que dormir para poder trabalhar e a criança não dorme, ou porque ela precisa fazer uma lição e a gente não consegue ter tempo suficiente ou paciência suficiente para poder ajudar... Então essa pandemia deixou a gente muito confuso até hoje, né? Claro que agora a gente tá tendo mais cuidados, em relação a pandemia e com tudo, mas mesmo assim, ainda é meio complicado. A gente tem que tomar muito cuidado tanto quando for trabalhar ou chegando em casa, tem que tirar a roupa, evitar o contato nos olhos, na boca, nariz e principalmente com os pequenos. Então é uma coisa ainda meio complexa, ainda por mais que a gente... ao mesmo tempo que sabe de uma coisa a gente não sabe de muita coisa ainda, tem muita coisa acho que ainda está por vir e eu acho que ainda infelizmente vai demorar mais uns dois, três anos pra poder no mínimo se acentuar a situação e todo mundo tá cem por cento vacinado, com todas as doses, sem tá usando máscara, sem álcool gel. Então eu acho que ainda é uma coisa que ainda vai demorar, infelizmente ainda um pouco.

(P): E como que vocês e as crianças se sentiram? Alguém da família pegou covid? Alguém na vizinhança? Vocês conhecem alguém próximo que pegou covid infelizmente?

(S2): Bom é, de início as crianças meio que... vamos se dizer, numa parte gostou um pouco de ficar em casa de “ah não vou precisar mais ir pra escola”, aí fica todo alegre né? Ou que não precisa acordar cedo ou que não precisa acordar tarde, é, fica em casa e fica brincando de bola, jogando videogame, coisas de criança, né? Mas depois a gente começou a perceber que no caso do estudante ele começou a ficar meio depressivo, ele ficava pra baixo, tudo que a gente fazia por ele, ele não ficava bem, ele se sentia muito mal.

(S3): Passava mal...

(S2): Ficava com muita ansiedade, qualquer coisinha ele ficava com ansiedade, passava mal aí também ele não gosta de tomar remédio, então de início foi muito complicado. Porque nós morávamos em um lugar e nesse lugar a gente não tinha tanto recurso, né? E ficava meio complicado... mas depois ele começou a melhorar um pouquinho, aí ele começou ficar indo pra casa da minha sogra, aí ele já começou a melhorar a autoestima dele, ele já começou a ficar um pouco mais alegre, já não ficava depressivo, já não começava a ficar passando mal algumas vezes e conforme foi retomando as coisas, ele já começou a se sentir normal. Ele falava que tinha muita saudade da escola, dos amiguinhos, da professora, de querer aprender as coisas, a ler, escrever, desenhar, ir pra quadra, ter contato com outras pessoas, brincar, falar com a professora as dúvidas, fazer as lições, as atividades, né? Coisas da rotina que ele vinha fazendo antes da pandemia.

(P): E assim para educação em geral, o que que você acha, quais foram os impactos que a pandemia trouxe pra escolarização do estudante e para a escolarização em geral? Como vocês veem essa parte? Chegou a pandemia, como que ficou aí a escolarização, como vocês acham que vai ficar, né? Depois de todo esse tempo que a gente tá afastado presencialmente da escola, e embora a gente tenha enviado [atividades escolares] aconteceram vários fatores, né? Pessoais também, que às vezes impediram de fazer uma atividade aqui, impediram o contato. Como vocês acham, quais foram os impactos que a pandemia trouxe para escolarização do estudante e para escolarização do Brasil como um todo?

(S2): Olha, não só pro estudante, mas para muitas crianças, não só para crianças, adolescentes, principalmente, os adolescentes eu acredito que até dos quinze ou dezoito anos pra baixo, eu acho que vai ser uma geração não que perdida, mas vai ser difícil, porque se antes da pandemia já era difícil agora fica muito pior porque essa geração de hoje, eles não querem saber de estudar né? Trabalhar, se formar em alguma coisa, ter um estudo, porque sem o estudo na vida a gente não é nada! Eu falo por conta própria, né? Eu e a Maiara, a mãe do estudante, a gente sabe que se a gente não tiver hoje no mínimo uma escolaridade de ensino médio a gente não consegue nada. Então a gente tem que fazer uma faculdade, qualquer coisa que seja, um uma pós-graduação, um mestrado ou alguma coisa que seja do interesse da pessoa e ela corra atrás, e é difícil porque a gente fala que, por nós mesmos aqui em casa, a Maiara grávida do Bernardo, aí Bernardo nasceu e aí começou a pandemia. Bernardo nasceu em agosto de 2019...

(S3): 2020!

(S2): 2020. E aí quando foi em março do ano seguinte começou a pandemia, e a gente com uma criança recém-nascida em casa. O estudante sem começar a ir pra escola e essa tumultuação de coronavírus e a televisão também ela espalha de um jeito como se ela quisesse que a população ficasse aterrorizada porque a intenção deles é isso, é, eles querem alertar a população e deixar a população aterrorizada pra todo mundo ficar com medo e não sair de casa, não ir num trabalhar e fazer as coisas. Então a gente ficou bem assustado. O estudante, a gente aqui, é, a gente não tinha muita paciência de ensinar ele, a maioria das vezes quem fez as lições foi a mãe dele, eu alguma vez ou outra fazia porque eu ainda mesmo assim continuei trabalhando, graças a Deus não perdi o meu emprego, trabalhei firme e chega em casa a gente tem que descansar, criança pequena recém-nascida então foi muito complicado, foi muito complicado. Essa retomação de de aula foi muito importante para as crianças retomarem a vida normal, porque por mais que exista um vírus, uma pandemia, a gente não pode deixar se abalar, a gente tem que seguir a vida, claro com todos os cuidados e para que as crianças não percam a intuição né? De aprender a ler, escrever e seguir com a vida normalmente e ter as responsabilidades do mesmo jeito, né?

(P): E por falar nisso, a questão de escolarização, de ensino e aprendizado, quem auxilia mais o estudante foi a Maiara, né?

(S2): Maiara. E a minha cunhada Maísa,

(P): E como que foi?

(S2): Eu por minha parte eu não fiz muita coisa não, sinceramente eu não fiz muita coisa não.

(P): Mas é que tem outra jornada também né?

(S2): Sim.

(P): Maiara, como foi para você e o estudante? Como foi para sua irmã e o estudante? Como foi esse processo? Se ele aceitava bem as atividades, como que era?

(S3): Foi difícil, ele tinha bastante preguiça, inventava um monte de coisa, eu tinha que ficar gritando com ele... foi difícil. A minha irmã perdia a paciência com ele, aí ele vinha aqui pra minha casa, fazia, eu perdi a paciência com ele, ele subia, fazia, aí meu irmão vinha pra ajudar.

(P): Então foi uma rede de apoio, né? Que vocês tiveram?

(S3): Foi porque ele não tinha muita paciência, né? Acho que ele gosta de aprender mais com a professora, não com os pais.

(P): É, às vezes eles falam assim, “não, minha mãe não sabe ensinar não”, meu pai que sabe”. Aí a mãe se matou com a criança em casa... igual o meu sobrinho, minha irmã se matou com ele em casa, e ele voltou pra escola uma semana e falou, “nossa mãe, minha professora me ensinou a ler”.

(S3): Nossa, eu falava, “estudante, vamos ler”, aí eu fazia pesquisa com ele do algodão do feijão, sabe? Pra ver se ele abria mais a cabeça, mas foi difícil.

(P): Foi complicado nesse comecinho né? Como que ele fazia? Porque a pandemia começou bem no comecinho da alfabetização deles, né? Então, eu lembro lá do mês de março, quando começou a pandemia o estudante ele já estava reconhecendo as letrinhas do alfabeto e ele já estava começando a trazer o som né? Que é o que a gente chama de silábico com valor, que é quando a criança vai escrever cavalo por exemplo, aí coloca o “A”, “A” e o “O”, que aí cada letrinha vai simbolizar uma frase para eles. Como foi que você viu isso no estudante, esse processo da escrita dele? Não sei se estou me fazendo explicar direitinho, mas queria ver com você como que você sentiu isso, essas descobertas do estudante?

(S3): É por causa de gibi e livro, né? Que ajudou ele bastante né prô, por que ele ia lá e lia e falava, isso aqui é uma palavra só, e ele recortava sabe? E eu fazia com ele tipo tô mostrando... como que chama aquele papel grande assim [gesto com a mão]?

(P): Cartolina?

(S3): Isso, eu pegava a cartolina, mandava ele recortar e colocar, é assim que ele ia ... e celular também, né?

(P): Ah sim, os equipamentos tecnológicos foram ótimo pra ajudar a gente né? É, vocês conseguiram retirar todas as atividades que a escola mandava? as atividades impressas... vocês pegavam no *blog*?, vocês pegavam tudo? como que vocês pegavam as atividades?

(S3): Não conseguimos, tudo tudo não prô, só algumas.

(P): Isso, aí as que vocês conseguiram pegar, elas [as atividades] estavam claras? estavam objetivas? estavam de acordo com os conhecimentos do estudante, vocês acham que as atividades estavam proporcionando aprendizagem dele?

(S3): Sim.

(P): Quem retirava lá na escola? Porque a gente estava fazendo as entregas de 15 em 15 dias, né? Eram quinzenais, e a cada 15 dias a gente entregava uma apostila, e a gente tentou dar uma sequência, fazer uma sequência didática com essas apostilas pensando na alfabetização das crianças. Então a gente procurou ao máximo atender também essas dificuldades que os pais relatavam pra gente lá no grupo [de whatsapp], então aquele “prô, tal atividade tá um pouquinho difícil”, então a gente recuava um pouquinho quando a gente estava fazendo. Como foi essa comunicação com a escola? Ou como foi a comunicação da família com a escola durante esse processo? Alguma vez vocês precisaram de algo e a escola não conseguiu atender? Como é que foi essa relação de vocês com a escola, e com a professora também?

(S3): Não, dessa escola eu não tenho do que reclamar, ela foi muito boa, ela ajudou bastante na pandemia, as atividades eram algumas fáceis, outras eram bem chatas.

(P): Mas assim, e o estudante, ele gostava das atividades quando mandava ou ele falava “meu Deus já tá chegando mais atividade”? [risos]

(S3): Ele odiava prô, ele não deixava nem eu buscar na escola

(P): Ah, porque ele tava achando muito difícil?

(S3): Achava muito difícil, ele falava “o que? eu não tô entendendo nada”, “eu não vou fazer nada”, aí ficava chorando sabe? Aí foi difícil algumas atividades

(P): Mas assim, grosso modo, foi tranquilo essa relação de vocês, sempre que precisavam da escola, da professora, estavam sempre disponíveis...

(S3): Sim, não tem o que reclamar da professora, nem da escola, graças a Deus.

(P): Eu fiz aqui um monte de perguntas, né? Aí uma perguntinha só vocês já conseguiram responder um monte no meu roteiro [risos]. Então, aqui uma outra coisa, para a organização da rotina em casa com o estudante, para vocês fazerem as atividades com ele, vocês tinham um cronograma? como que era isso?

(S2): Normalmente nós... é, nós não, ela né? [referencia-se a esposa], algumas vezes eu, a gente fazia no final de semana, ou no sábado ou no domingo, não tinha um dia, um cronograma, tipo segunda-feira você vai fazer isso, terça-feira você vai fazer aquilo, era aleatório ou ela [a esposa] fazia alguma coisa durante a semana quando ela tinha algum tempo ou no final de semana eu sentava com ele e fazia algumas lições com ele é, eu li a lição explicava pra ele o que ele teria que fazer, aí por exemplo é “cavalo”, aí “o cavalo começa com que letra estudante?” Aí ele falava “A, B, C... C!”. Aí eu falava então, você tem que completar a seguinte palavra... e aí ele tentava

assimilar e escrevia, né? Algumas vezes ele errava, ele apagava, aí eu mostrava pra ele como é que se fazia, ensinava e ele refazia novamente e assim a gente ia levando.

(S3): Porque o Bernardo era pequeno né pro? Aí eu revezava com a minha irmã. Aí ela fazia de noite com ele, ou no sábado ou no domingo. Era assim, não tinha um dia certo.

(P): É, a gente pensa né? A família, já estava bem difícil assim. Imagina com um bebezinho, gente? Porque o bebezinho demanda muito, né? Da gente... e aí a gente já fica assustado com pandemia, aí tem um bebezinho, aí tem o maior [o estudante], que tem as tarefas da escola e aí fica um pouco difícil, né? Então, ainda bem que vocês tiveram uma rede de apoio bem bacana para favorecer o aprendizado do estudante. Eu fiz um eixo aqui de perguntinhas sobre espaços e recursos, porque a comunidade lá da escola tem algumas crianças que não tinham acesso à internet, que não tinham celulares, enfim, vocês têm acesso regular à internet, é por dados móveis, é wifi? Como funciona isso?

(S2): É de início, a gente não tinha, tanto que a gente pegou, que a escola cedeu o chip com com dados móveis e aí a gente ficou usando os dados móveis. Com esses dados móveis a gente conseguia fazer algumas atividades com ele, depois a gente conseguiu melhorar e colocamos pela rede de wifi.

(P): É, e aí foi melhor, né? Com wifi? mas os dados móveis então serviram pra vocês, né? Porque teve família que relatou que não estava funcionando o chip. Então também depende muito da localização, né? De onde que a pessoa mora, porque tem lugar que realmente não funciona mesmo, mas para vocês foi tranquilo?

(S2): É a localização. A maioria das redes de celular pega aqui.

(P): E os instrumentos que vocês utilizavam para ver os vídeos, era sempre celular ou era tablet como que é?

(S3): No começo era um tablet que eu tinha comprado pra ele, depois quebrou e aí ficou só o celular.

(P): E aí é só o estudante de criança né? Então se precisar utilizar esse celular pra fazer atividade é só ele né? Por que a gente tem caso de família que por exemplo era um celular e tem três quatro crianças, então dificultava o processo né?

(S3): É porque o estudante tem o dele né, desde o começo.

(P): Ah tá então era melhor né? Que aí o estudante com o celular já conseguia assistir vídeos, ver atividades.... muito bom, gente. E vocês têm acesso ao grupo de

WhatsApp da turma? Quando a professora fez o grupo de WhatsApp vocês já tiveram acesso de imediato ou como que foi isso?

(S3): Eu tive acesso de imediato no grupo.

(P): E os comunicados que eram postados lá, vocês ficaram sabendo de alguma coisa sem ser pela fonte da professora, sem ser por esse grupo? Porque tem gente que por exemplo não conseguiu acessar o grupo e aí não ficava sabendo de algumas informações, por exemplo data da entrega da cesta básica pensando nesse que perdia, porque a internet não funciona nada, então vocês conseguiram sempre, né? Ter todo esse acesso?

(S3): A primeira entrega da cesta a prô, eu perdi por causa que eu não tava em nenhum grupo nem tava sabendo de nada e tava a pandemia, né? Aí depois que a minha colega aqui da rua falou pra mim na escola pra eles colocar no grupo, aí foi depois disso que eles colocaram no grupo.

(S2): Na maioria das vezes depois que colocaram todo mundo nos grupos eles informava tanto pelo WhatsApp quanto por carta, bilhete na agenda das crianças.

(S3): Não, não tinha aula.

(S2): Não tinha?

(S3): Foi na pandemia.

(S2): Foi na pandemia?

(S3): Foi Renato

(S2): Ah então tá.

(P): [risos] Mas agora já voltou para a agenda de novo, agora tem agenda, tem whatsapp

(S3): Agora que voltou pra agenda né prô?

(P): Isso, agora a gente voltou pra agendinha e agora a gente já está começando aí um novo movimento, né? Que a gente movimenta as crianças retornarem presencialmente pra escola. Mas olha gente, olhando aqui as nossas perguntas nós fomos muito rápido [risos] acredito que a gente já tenha conversado sobre tudo isso, né? Sobre tudo que eu coloquei aqui, é, tem coisa que você gostariam de falar sobre todo esse processo de pandemia e a escolarização do estudante? tem algo que vocês queiram colocar que vocês sentiram falta aqui que eu perguntei que eu não tenho perguntado, o que vocês acham e cê já é importante constar no nosso estudo, constar na nossa pesquisa?

(S2): Não, a princípio não, é...

(S3): Só tem elogio mesmo!

(S2): É, não tem o que falar, vocês não foram omissos, sempre ajudou quando precisou, a gente sabe do papel de vocês e eu espero que por mais que essa pandemia continue, é, que não deixem de dar essa assistência ou de mandar atividade se eventualmente acontecer alguma coisa pior, que a gente espera que não né? Tem um número no aumento de casos e que continue trabalhando firme e forte né? Porque as crianças são o futuro do Brasil e sem educação a gente não tem nada, a gente não luta por nada, a gente tem que saber... tudo pela educação, se a gente quer mudar o país tem que ser pela educação, para saber o que é certo, o que é errado e cumprir com as leis. Então, eu acho que a princípio seria isso mesmo.

(P): Ah, então tá certo, se vocês lembrarem de alguma coisa e depois quiserem mandar alguma mensagem, aí vocês podem ir mandando umas mensagens pra mim que a gente vai anexando ao nosso documento, a nossa dissertação, tá bom? Quero agradecer a participação de vocês, a disponibilidade em um sábado à tarde, depois de uma semana inteira de trabalho. Eu vou encerrar aqui a gravação.

Finalização da Gravação

TRANSCRIÇÃO - ENTREVISTA 03

PARTICIPANTES: PESQUISADORA: (P); ROSA: (S3)

(P): Eu vou mostrar para você aqui que eu fiz um termo que a gente precisa apresentar para vocês, né? Que é o termo que a gente fala, é um termo que a gente fala como que vai funcionar [a pesquisa] por quê? A nossa pesquisa vai para o comitê de ética da PUC e aí preciso cadastrar na plataforma Brasil, tudo direitinho. Então eu preciso ler pra você direitinho como que está o termo para você entender direitinho como que é a pesquisa, quem é o meu orientador, qual é o objetivo, está bem? Aí depois eu levo lá na escola para você assinar (mais pra frente, está bom?

Leitura do termo de consentimento livre e esclarecido na íntegra

(P): Eu fiz aqui algumas perguntinhas, é mais pra gente conversar mesmo. Para ver como que vocês se sentiram? Como que a família sentiu? Como que o estudante e seu irmão gêmeo vivenciaram essa pandemia? Porque foi bastante tempo em casa, bastante tempo! Agora que a gente está começando retomar a nossa rotina semanal,

diária, indo pra escola, tudo certinho. A gente está tentando voltar um pouquinho, mas ainda assim essa volta tá bem complicado, né?

Então eu fiz aqui algumas perguntinhas, que não é assim: eu pergunto e você responde, eu pergunto você responde... a gente pode ir conversando está bom? Separei em alguns eixos: a gente vai falar sobre a pandemia, sobre a pandemia e a escolarização, sobre a pandemia e a realização das atividades. Vamos falar também sobre a organização da escola, se vocês acham que a gente fez um trabalho organizado, se vocês conseguiram ter acesso a todas as atividades, se faltou alguma coisa na nossa escola... [Exemplo]: olha, prô, eu acho que vocês se vocês tivessem feito tal e tal coisa teria conseguido atingir mais alunos! [Enfim] Se tem sugestões também a gente está aceitando está bom? Então vamos lá!

Como que você e sua família estão vivenciando a pandemia? Como que vocês vivenciaram isso? Assim saiu lá notícia: tudo fechado! Como que foi isso?

(S3): Então, prô, é aqui em casa a gente ficou, assim no começo, foi difícil porque eu trabalho, meu esposo trabalha e não tinha como parar a vida. Infelizmente onde eu trabalho não parou.

(P): Nossa trabalhou na pandemia direto?

(S3): Trabalhei na pandemia normal, normal, não parou. A empresa onde eu trabalhava não parou, a gente trabalhou o tempo inteiro. Assim, é, apesar que lá a gente trabalhava um pouco distante, né, porque o pessoal, como era uma firma, então cada um trabalhava há 1 m de distância um do outro. Mas graças a Deus, lá também, acho que se pegou, acho que umas 3 pessoas só, que pegou [covid-19] graças a Deus.

Mas a gente também sempre com cuidado, chegava aqui em casa, e eu acho que fiquei neurótica no começo, não vou mentir, que a gente fica, né? Eu chegava, não deixava os meninos me abraçar, [falava] não rela em mim. Primeiro, eu tomava banho tudo, para depois não ficava toda [preocupada].

(P): No comecinho, é que a gente também não sabia como que era [o vírus] e o medo de sair e trazer para dentro de casa, né?

(S3): É que o pessoal começou a falar que pega no sapato, que não sei o quê... Assim eu moro com a minha tia que me criou, então minha mãe né, minha mãe de criação e ela já é idade, então a gente não tinha muito medo. Em relação às crianças, assim, eu sei que o vírus, para eles não tinha tanto risco, né? Mas minha preocupação maior

era ela mesmo, né? Porque eu achava que já é de idade, ela está com 83 anos, então, a nossa preocupação mais era com ela.

(P): E é assim que que foi mais difícil durante a pandemia para vocês? Assim o que você achou que foi mais difícil de tudo? [Exemplo] de falar: olha, prô, de tudo que aconteceu, o que eu achei mais difícil foi tal coisa! O que você acha?

(S3): De não sair, de não poder frequentar lugares, sabe? Assim eu acho que foi difícil, você, às vezes, querer frequentar a casa de uma pessoa que você gosta e você não poder ir até lá. Acho que foi uma coisa bem [difícil], assim, exemplo, você quer ir para o parque com as crianças, não pode ir no parque! Não pode ir no shopping porque está tudo fechado! Foi bem tenso, assim de não poder comprar as coisas. Comecei comprar muita coisa pela internet, muita coisa!

(P): Internet ajudou a gente bastante nisso e ainda mais [quando] chegava na porta de casa, a gente já com borrifador né de álcool, não passava nada da porta para dentro sem a gente colocar álcool, meu Deus do céu [risos].

(S3): No começo, eu não levava nem os meninos no mercado. Não deixava eles irem, eles ficavam bravos, ficavam nervosos, que eles queriam estar lá também, né? Mas também não entendiam direito o que estava acontecendo, então foi bem difícil no começo, foi tenso!

(P): Mas ainda bem que, assim, foi passando o tempo, a gente foi se adaptando. Não digo se acostumando né, porque muita gente morreu né? Teve, assim, muitos e muitos e muitos casos [de falecimentos] de pessoas próximas, de pessoas da família, e aí a gente vai se adaptando, né, a gente vai se ajustando. Teve alguém da sua família que pegou covid, na vizinhança... você conhece muita gente que teve covid?

(S3): Pegou, na minha família, pegou acho que umas 3, umas 4 pessoas [pegaram covid], foi meu cunhado, minha cunhada, quem mais? É, acho que foi umas 3 pessoas, 3 ou 4! Mas aqui em casa, graças a Deus, aqui de casa ninguém pegou! Assim nem eu, meu marido. A minha filha também é nova, né, tem 15 anos, então também o vírus para eles não era tão perigoso como se fosse assim para a gente ou para a pessoa mais idosa, não é? Porque nos últimos tempos, atacou com todo mundo, né? Antes o risco maior era com os idosos, né, mas depois veio na faixa etária dos 20 até os 30 [anos], já começavam pegar,

(P): Daqui a pouco não tinha mais idade, era aquele vírus que assim não tem idade, não tem classe social, qualquer dia pegar! Só que a gente sabe, né, que é muito diferente entre quem está se tratando em hospital pequenininho de quem está se

tratando naqueles hospitais glamourosos, não é? Mas é complicado! Mas vocês não chegaram a perder ninguém pertinho de vocês não, né?

(S3): Não, graças a Deus! Assim da minha família não, mas conheço alguns conhecidos que faleceram com a doença. Mas aqui, assim, da minha família, graças a Deus ninguém! Graças a Deus!

(P): Graças a Deus! E em relação, por exemplo, a pandemia e a escolarização dos meninos? O que você acha? Quais foram os impactos, assim, que a pandemia trouxe para a escolarização dos seus filhos?

(S3): Ah, professora, eu achei que foi bastante porque eles tinham acabado de entrar no período de alfabetização, no primeiro ano. Então, quer dizer, ali é o período que eles iam começar a se alfabetizar melhor, né? Eles já entraram na primeira série, assim, é conhecendo algumas coisas, mas ainda não estavam com alfabetizados, né? Então eu acho que isso prejudicou muito, muito, muito, muito mesmo!

(P): Eles entraram, a gente ficou um mês e aí parou tudo!

(S3): Foi em abril, né?

(P): Foi no finalzinho de março, por volta do dia 22 por aí de março. A gente ficou um mês, a gente não chegou a ficar nem 2 meses juntos [presencialmente], né? Nesse tempinho que a gente ficou lá na escola [presencialmente], como a gente vê essas crianças avançando na aprendizagem, porque são tão espertos. Né!

E assim, para a escolarização do Brasil, como um todo, você acha que essa pandemia vai ter alguns impactos? Vai dar um atraso aí geral?

(S3): Vai, vai, ter muito *nego* aí sim saber muita coisa, por exemplo, a minha filha de 15 anos, foi para o primeiro ano sem saber, eu falo pra ela que ela não sabe nada! Porque, assim, prô, em casa, você sabe, né? Adolescente!

(P): É mais difícil, né? [risos]

(S3): Então eu acho, assim, eu acho um absurdo eles terem passado as crianças, porque eu acho que deveria voltar. Eu sei que vai prejudicar um pouco lá na frente, mas pelo menos eu acho que os conteúdos... os conteúdos do primeiro ano não são os mesmos do segundo.

(P): A gente ia trabalhando mais ou menos com contínuo de aprendizagem, né? Assim vamos pegar o que a criança não conseguiu aprender no primeiro para a gente retomar no segundo [ano]. Mas isso vai protelando né? Isso vai levando meio que arrastando! É igual a sua menina, agora no primeiro [ano], ela só tem o primeiro, segundo e terceiro.

(S3): Então e volta às aulas um mês antes de finalizar o ano, não entendi nada! Está bem complicado! Esses dois anos vai causar um impacto muito grande! Eu não sei, o governo poderia fazer algum projeto para depois que pelo menos finalizasse o terceiro ano. Fizesse alguma coisa para aprender o que eles perderam no ano passado, não sei!

(P): Alguma coisa assim para ir recuperando, né? E como que foi rotina...

[Interação com a filha mais velha da entrevistada, pois esta disse que já teve aula com a pesquisadora há alguns anos.]

(P): [Sobre] A rotina dos meninos em casa com os estudos, eles sentiram falta de ir para a escola? Como que foi?

Estudante: Não, nada! [risos]

(S3): Eles não sentiram falta de ir para a escola.

(P): Ah adoraram ficar em casa para não fazer as lições, ne? Hum.

(S3): Eles gostaram porque acordavam tarde, porque eu trabalho, saia de casa às 5:30 da manhã. Tinha que pegar duas conduções para chegar no serviço, era meio *longinho*. Agora já estou em outro, graças a Deus! Mas era meio *longinho*, era bem fora de mão, na verdade, o trabalho, então eu chegava tarde aqui em casa. Eu chegava era 19h, 19h30, então minha tia, de idade, [a filha] adolescente, então para ela também [era ruim para ensinar]. O pai deles também trabalha. Então ficou bem... eles ficaram bem largados dessa parte de escola, vou falar a verdade!

[Interação com o estudante, que falou sobre as atividades escolares que ele já sabe fazer]

(S3): Eles ficavam em casa, mas eu ficava conversando muito com eles em relação a várias coisas, porque eles são muito espertos. Eu falo que eles são preguiçosos, são preguiçosos, são preguiçosos! Tudo tira concentração deles entendeu?

(P): Mas ele voltou no presencial, ele estava muito focado! Eu gostei de ver.

(S3): Um exemplo, quando eu ia fazer uma atividade com o Samuel, o Lucas estava presente, aí os dois juntos não dá certo! Porque eu tinha que ensinar uma atividade pra ele e uma atividade pro Samuel, então dava muito trabalho. E outra, como se fala, eu não tenho os meios. Como é que se fala?

(P): Pedagógicos!

(S3): É, pedagógicos para ensinar. Então já imagina, mãe não tem ... é assim, já chega do trabalho cansado, com um monte de coisas na cabeça, eles também já passaram o dia todo bagunçando, pulando. Então, quer dizer, a mente deles já não estão, nossa,

naquele foco ali. Então, nossa, foi tenso! Meu Deus, dava [vontade] de apertar os dois pelo pescoço, porque eles davam trabalho! [risos]

(P): Ele [estudante] falava para mim assim: prô, não dá para ficar junto com meu irmão. No dia que eu vou no serviço da minha mãe com ela, ele fica em casa e, no dia que ele ia, eu ficava em casa, porque nós 2 juntos não dá certo, né?

(S3): Não, não! Às vezes eu levava eles para a loja (porque eu trabalho na loja, né, aí eu fico sozinha na loja) aí levava um de cada vez para fazer alguma coisa porque os 2 juntos não dava.

(P): E nas atividades de casa, vocês conseguiram fazer tudo? Como que foi? Porque a escola disponibilizou os combos de atividades, né, as apostilinhas, vocês conseguiram pegar todas? As crianças fizeram todas as atividades?

(S3): Não! Faziam só quando queriam. Dava uma briga porque todo dia eu falava: “faz um pouquinho de cada, né?” Algumas coisinhas, eu falei, pergunta para a sua avó, que a avó dele sabe, né? Mas, olha, ele dava trabalho.

(P): Vocês não conseguiram devolver na escola todas as apostilas [feitas]?

(S3): Não! Eles não fizeram todas, não, prô!

(P): E vocês conseguiram retirar todas [apostilas de atividade] lá na escola?

(S3): Retirou. A gente deixava em casa falava: façam isso aqui, faz a atividade! [*Sinal de “não” com a cabeça*] Eu falei, eles são preguiçosos, mas eles sabiam fazer. E quando você sentava [eles falavam] “mas eu já sei fazer isso” e [eu dizia] “então porque você não fez?” Ele é assim, aliás os 2!

Fala da pesquisadora sobre a participação do aluno nas aulas presenciais

(P): Você acha que durante a pandemia eles avançaram na aprendizagem ou ficaram como estavam?

(S3): Durante a pandemia, aí eu acho que eles estagnaram bastante.

(P): É porque eles não estavam fazendo, né?

Internet da pesquisadora oscilou e falaram sobre a queda de energia que teve no bairro pouco tempo antes da entrevista iniciar

(P): A gente foi conversando e aí a gente já foi explicando, já foi respondendo um monte de perguntinhas que estavam aqui ó: por exemplo, se retirou as atividades impressas? A gente já conversou.

E o que que você achava das atividades que a gente mandava? Elas estavam muito fáceis, muito difíceis, estava numa linguagem boa, não estavam?

(S3): Estavam fáceis! Eram fáceis, por isso eu brigava muito com eles para eles fazerem, porque eram coisas muito fáceis, assim, não era uma coisa que [tinha] dificuldade, essas coisas assim. É uma coisa que eles mesmos sozinho conseguiam fazer, mas a preguiça não deixava! Mas quando eles pegavam, igual eu falei para você, quando ele pegava, ele conseguia fazer. Ele [falava] “era tal coisa, tal coisa,” ele mesmo fazia.

(P): Quando a gente estava planejando, a gente pensava muito nessas situações, né, da criança conseguir fazer sozinha. Por exemplo, as famílias estão trabalhando, não consegue auxiliar a criança naquele momento. A gente pensou muito nisso, né? O que a criança consegue fazer sem intervenção do outro, né? Então por isso que a gente mandava algumas atividades, assim, que eles conseguissem fazer sozinhos. E aí depois, a gente mandava algumas que precisariam um pouquinho mais de intervenções.

Deixa eu ver aqui, o que mais que a gente tem [de perguntas]. Oh, igual aqui: a criança demonstrou interesse em realizar as atividades? Não, né estudante? **(S3):** Pior que nenhum dos dois. Nenhum! Eles gostavam de fazer na escola,

(P): Eles chegam na escola todos animados!

(S3): Eles gostam de fazer na escola! Eles falavam “não vejo a hora de fazer a lição com a prô, porque você, mãe, não tem paciência, você é muito estressada e não sei o quê!”. Ai eu falei, então... É que tem hora que você está ali falando, falando. Foi o que eu te falei: eles não prestam atenção! Ai você está falando uma coisa, aí ele está rindo do irmão, está apontando o lápis, ele está olhando pro cachorro... dão um trabalho!

Estudante interage com a pesquisadora falando que está aprendendo bastante, a pesquisadora falou sobre atividades pedagógicas do presencial

(P): Ó agora a gente já está caminhando para o último bloquinho das perguntas, que é em relação aos espaços e aos recursos, né, porque a gente sabe que lá na nossa escola, não só na nossa escola, mas no Brasil em geral, uma média muito grande de pessoas não têm acesso à internet, né, então muita gente não conseguiu acessar as atividades por não terem internet. Aí vocês têm acesso à internet, né? Tem *wi-fi*, tudo certinho, né?

(S3): Tem.

(P): Quando os meninos realizaram a atividade foi em casa, né? Na sua casa tem algum espaço que você falou: “olha crianças é aqui que vocês vão fazer lição” ou não?

Ou “vem cá, vamos fazer a lição aqui com a mãe, onde a mãe tá”. Porque tem uma mãe falou: “oh, prô, eu fazendo a comida aqui e ela ali com caderno do meu lado fazendo, a gente não tinha um lugar específico para fazer lição não, era onde a gente conseguia.” Como que é aí na sua casa, tem um lugarzinho que você falou é aqui que vão estudar?

(S3): Não, geralmente a gente faz na cozinha mesmo! Senta na mesa lá, que na mesa é mais confortável, porque no quarto é ruim porque não tem mesa e o quarto deles não é muito grande. O quarto dele só cabe a cama deles, o guarda-roupas e eles [risos]. O quarto deles não é muito grande.

Estudante interage com a pesquisadora falando que o quarto da mãe é maior que o deles.

(P): Você participou do grupo do WhatsApp, tudo direitinho?

(S3): Participei.

(P): As informações lá estavam eram claras? Eu mandava sempre os recadinhos quando ia pegar atividade, recado da merenda, essas coisas. Você deixou de receber alguma coisa da escola por falta de comunicação lá no grupo?

(S3): Não. Recebi tudo certinho!

(P): Está ótimo! A prefeitura também deu um chip. Vocês pegaram o chip? Chegaram a utilizar? Funcionou?

(S3): [Pegamos] Funcionou, funcionou! Mas também, só pegou mesmo, porque como aqui em casa já tem *wi-fi* e tudo, então nem chegaram a usar, assim, na verdade.

Estudante: Mas eu uso!

(P): Ainda tá caindo recarga, gente?

Estudante: Tá sim, é só você colocar lá [no celular] que recarrega!

(S3): Nem eu sei mexer, nunca nem mexi. Só instalei no celular para eles. Como aqui já tem *wi-fi* e tudo, então [nem uso], uso o *wi-fi* de casa que é melhor.

(P): E o celular, tem um para cada um ou divide celular, tablet? Como que é?

(S3): Eles têm um celular um pra cada um, mas o celular, igual ao do Lucas mesmo, tem pouca memória, então, eu acho que sou tem instalado o WhatsApp né? [pergunta ao estudante]

Estudante: E não quero mais esse celular na minha vida, ele trava!

(S3): É que esse celular era meu, aí eu dei pra ele, já estava com problema [o celular]. Mas era mis mesmo pra ele jogar, alguma coisinha assim, mas não dava pra fazer

“nossa” [muitas coisas]. O irmão gêmeo do estudante também tem um que não estava novo. Mas não compensa dar um novo, não, porque eles não têm cuidado!

(P): E qualquer vacilo, quebra, trinca a tela, você vai trocar é quase o valor do celular novo, né?

Estudante: Eu sou cuidadoso, né, com celular? Mas meu irmão...

(S3): O irmão do estudante é mais relaxadinho nessas partes de celular.

Estudante interage contando sobre o cuidado que tem com o celular e seu irmão não

(P): A gente já tá terminando, já estamos no finalzinho. Você gostaria de falar mais alguma coisa? Sentiu falta de alguma perguntinha? Gostou da nossa conversa, do nosso bate-papo?

(S3): Gostei!

Pesquisadora pergunta ao estudante se ele gostou também. Interação entre os dois

Interação da pesquisadora com entrevistada a respeito de assuntos pontuais que não são pertinentes à pesquisa

(P): Gostei muito da nossa conversa, foi muito gostosa! Muito obrigada mesmo por participar. Aí depois que a minha pesquisa tiver toda pronta, aí eu mando pra você, né? Você é uma peça muito importante no meu trabalho!

Finalizou a gravação.

APÊNDICE F – Categorias de análise

Categoria	Subcategoria	Significado	Discurso
Pandemia afetou a saúde física e mental dos estudantes e seus familiares	A saúde da família na pandemia	A pandemia afetou a saúde de toda a família	Eu fiquei muito doente. Então, quer dizer, todo mundo!
			Os primeiros meses aí, de fevereiro a abril, com meu marido, foi bem difícil. Ele demorou para se recuperar [...]. E eu fiquei com sequelas da pneumonia.
			Ter que ficar com todo mundo, então meu nível de estresse foi lá em cima, meu cabelo caiu.
			Nos meus vinte e seis anos de vida nunca vi uma coisa igual, né? E além disso é muito complicado por que a gente fica com o psicológico muito abalado, porque qualquer coisa que acontece a gente já pensa que é [covid-19] e que a gente pode transmitir pros nossos filhos, nossos pais, avós, tios, parentes, amigos...
			E eu acho que fiquei neurótica no começo, não vou mentir, que a gente fica, né? Eu chegava, não deixava os meninos me abraçar, [falava] não rela em mim. Primeiro, eu tomava banho tudo, para depois não ficava toda [preocupada].
	A saúde da criança na pandemia	A saúde mental da criança	ela [a estudante] chorou, eu acredito que ela tenha ficado com início de ansiedade e depressão
			ela [estudante] parou de ir na escola muito antes de começar realmente a pandemia como decreto. Aí eu vi que ela começou a ficar muito agitada, não dormia bem à noite
			“E se um dos meus amiguinhos morrer e eu não puder ver?”
			De manhã era difícil lidar com estresse, com a raiva, com o choro.
			a gente começou a perceber que no caso do estudante, ele começou a ficar meio depressivo, ele ficava pra baixo, tudo que a gente fazia por ele, ele não ficava bem, ele se sentia muito mal.
			Ficava com muita ansiedade, qualquer coisinha ele ficava com ansiedade, passava mal aí também ele não gosta de tomar remédio, então de início foi muito complicado.

			Nós morávamos em um lugar e nesse lugar a gente não tinha tanto recurso, né? E ficava meio complicado... mas depois ele começou a melhorar um pouquinho, aí ele começou ficar indo pra casa da minha sogra, aí ele já começou a melhorar a autoestima dele, ele já começou a ficar um pouco mais alegre, já não ficava depressivo, já não começava a ficar passando mal algumas vezes e conforme foi retomando as coisas, ele já começou a se sentir normal.
		A saúde física da criança	Essa questão da alimentação dela, uma coisa que também a gente descobriu na pandemia, que a gente passou no pediatra e a gente descobriu que ela está com colesterol alto. [...] Aí a pediatra falou, a escola ajudava nessa forma, porque ela se movimentava, ela brincava

Isolamento social: prevenção necessária e impactos (im)previstos	A socialização das crianças ficou restrita e comprometida devido fechamento das escolas e isolamento social	A socialização da criança	Imagina, uma criança de 6, 7 anos, que tem uma rotina de ir pra escola, de ver os amiguinhos [...]E você pegar uma criança e tirar ela desse meio que ela tem convívio com outras crianças, que ela já está adaptada e simplesmente colocar dentro de casa.
			Ele falava que tinha muita saudade da escola, dos amiguinhos, da professora, de querer aprender as coisas, a ler, escrever, desenhar, ir pra quadra, ter contato com outras pessoas, brincar, falar com a professora as dúvidas, fazer as lições, as atividades, né? Coisas da rotina que ele vinha fazendo antes da pandemia.
		A pandemia trouxe muitas incertezas e uma ruptura social	Eles não sentiram falta de ir para a escola Ao mesmo tempo que sabe de uma coisa a gente não sabe de muita coisa ainda, tem muita coisa acho que ainda está por vir e eu acho que ainda infelizmente vai demorar mais uns dois, três anos pra poder no mínimo se acentuar a situação e todo mundo tá cem por cento vacinado, com todas as doses, sem tá usando máscara, sem álcool gel. Então eu acho que ainda é uma coisa que ainda vai demorar, infelizmente ainda um pouco.

			É que o pessoal começou a falar que pega no sapato, que não sei o quê... Assim eu moro com a minha tia que me criou, então minha mãe né, minha mãe de criação e ela já é idade, então a gente não tinha muito medo. [...]Eu acho que foi difícil, você, às vezes, querer frequentar a casa de uma pessoa que você gosta e você não poder ir até lá. Acho que foi uma coisa bem [difícil], assim, exemplo, você quer ir para o parque com as crianças, não pode ir no parque! Não pode ir no shopping porque está tudo fechado!
	Uma nova rotina familiar foi imposta pelo isolamento social	Mudanças na rotina familiar	Então essa pandemia, ela prejudicou bastante a vida e a rotina aqui dentro de casa
			A minha maior dificuldade era arranjar horário para isso [atividade com a criança], porque eu tinha uma rotina dentro de casa... Então enquanto ela tava pintando, eu estava lavando uma louça, aí eu parava a louça, e agora vamos focar aqui, o que a gente vai aprender hoje? o que a gente vai fazer hoje?
			No começo eu, meu marido e ela dentro de casa, só nós três, nós ficamos, acho que uns 5 meses sem contato com ninguém.
			De início as crianças meio que... vamos se dizer, numa parte gostou um pouco de ficar em casa de “ah não vou precisar mais ir pra escola”, aí fica todo alegre né? Ou que não precisa acordar cedo ou que não precisa acordar tarde, é, fica em casa e fica brincando de bola, jogando videogame, coisas de criança, né?
			Começou a pandemia, e a gente com uma criança recém-nascida em casa. O estudante sem começar a ir pra escola e essa tumultuação de coronavírus...
			Ficava com muita ansiedade, qualquer coisinha ele ficava com ansiedade, passava mal aí também ele não gosta de tomar remédio, então de início foi muito complicado.
			Eles gostaram [de ficar em casa] porque acordavam tarde, porque eu trabalho, saía de casa às 5:30 da manhã. Tinha que pegar duas

		conduções para chegar no serviço, era meio <i>longinho</i> . Agora já estou em outro, graças a Deus! Mas era meio <i>longinho</i> , era bem fora de mão, na verdade, o trabalho, então eu chegava tarde aqui em casa.
	Soluções encontradas diante da nova rotina	Já que só tem nós 3, então às vezes vai sair para resolver os 3 tudo de uma vez, então vai no médico, já vai os 3 de uma vez.
		nós morávamos em um lugar e nesse lugar a gente não tinha tanto recurso, né? E ficava meio complicado... mas depois ele começou a melhorar um pouquinho, aí ele começou ficar indo pra casa da minha sogra, aí ele já começou a melhorar a autoestima dele, ele já começou a ficar um pouco mais alegre, já não ficava depressivo, já não começava a ficar passando mal algumas vezes e conforme foi retomando as coisas, ele já começou a se sentir normal.
	Primeiros impactos na rotina pandêmica	Foi complicado nesse processo de adaptação, mas eu acho que foi indo bem.
		A gente, é, foi obrigado a se acostumar... No começo, foi bem “dose” mesmo.
		Foi uma ruptura muito rápida!
		Então, foi um choque! Foi uma coisa muito rápida!
		Essa pandemia veio mesmo para mexer com a gente!
		A pandemia veio trazendo aquela enxurrada de coisas
		De início a gente ficou muito assustado, porque é uma coisa fora do comum!
		Então essa pandemia deixou a gente muito confuso até hoje, né? Claro que agora a gente tá tendo mais cuidados, em relação a pandemia e com tudo, mas mesmo assim, ainda é meio complicado!
		Foi bem tenso, assim de não poder comprar as coisas. Comecei comprar muita coisa pela internet, muita coisa!

A pandemia e a possibilidade de se pensar o pós-pandemia:	As famílias precisaram se reinventar durante a pandemia para	Métodos de ensino adotados pela família frente	No começo, pela falta de ter crianças, eu via que ela ficava bem dispersa, então eu via que ela não queria fazer [...]eu via que ela ficava frustrada e isso me deixava frustrada! Aí foi
--	---	---	---

o que esperar? O que esperar?	realizar as atividades escolares com seus filhos	às atividades propostas	aquele negócio, “vamos pensar como o professor, vamos pensar como criança, vamos misturar tudo isso daí e ver o que dá! E aí vamos tentar fazer de uma outra forma, e foi essa coisa no começo, bem difícil, ela não queria fazer Tinha dia que ela não queria, ela chorava “não quero, não vou” ela queria ficar só na televisão né?, aí aquela, se eu sempre impuser pra ela que ela sempre tem que fazer, como é que vai ser? Então, vamos tentar tirar essa imposição, vamos tentar fazer um negócio um pouco mais agradável! Hoje eu falo” vamos sentar e fazer a lição? Vamos primeiro pintar” que é a forma dela ficar presa ali na situação. Ela pinta e depois ela mesma já vai desenrolando, vai fazendo as coisas, vai escrevendo De positivo, eu conseguia acompanhar melhor o desenvolvimento dela, saber até onde a gente podia... Eu tive que pesquisar mais, ler mais, de uma certa forma também me ajudou né?... O fato negativo... a gente acaba, querendo ou não, no começo exigindo demais dela [filha] a gente não tinha muita paciência de ensinar ele, a maioria das vezes quem fez as lições foi a mãe dele, eu alguma vez ou outra fazia porque eu ainda mesmo assim continuei trabalhando, graças a Deus não perdi o meu emprego... Eu pegava a cartolina, mandava ele recortar e colocar, é assim que ele ia ... e celular também, né? A gente fazia no final de semana, ou no sábado ou no domingo, não tinha um dia, um cronograma, tipo segunda-feira você vai fazer isso, terça-feira você vai fazer aquilo, era aleatório ou ela [mãe] fazia alguma coisa durante a semana quando ela tinha algum tempo ou no final de semana eu sentava com ele e fazia algumas lições com ele eu lia a lição explicava pra ele o que ele teria que fazer.
-------------------------------	--	-------------------------	--

			Eles gostam de fazer na escola! Eles falavam “não vejo a hora de fazer a lição com a prô, porque você, mãe, não tem paciência, você é muito estressada e não sei o quê!”. Ai eu falei, então... É que tem hora que você está ali falando, falando. Foi o que eu te falei: eles não prestam atenção! Ai você está falando uma coisa, aí ele está rindo do irmão, está apontando o lápis, ele está olhando pro cachorro... dão um trabalho!
		Relação interfamiliar e a mediação da educação	No grupo eu percebi que faltou muita comunicação. A gente como mãe, a gente não teve um vínculo, a gente não teve um contato era uma coisa mais de ter informação da escola e passar a informação da criança.
			Nem tudo é só “ tá errado” tem coisas que também deram certo, poderiam ser melhoradas talvez se nós como pais participássemos mais.
		Relação da família-aluno-escola	A educação a gente dá em casa, mas o ensino, a questão de aprendizagem e convívio? vem a escola também junto né! Então muita gente não se preocupou com isso, aí “quando eu voltar a escola se vira” não é bem assim “a escola se vira” né? é um trabalho mútuo né?
			Uma hora a pandemia vai deixar de ser instituída como pandemia, né? E aí como é que eu vou ter esse relacionamento com a escola, com um professor, com meu filho?...
		Importância da rede de apoio para a aprendizagem.	Foi uma coisa de a gente achar que não ia conseguir... e aí eu comecei a cobrar também os membros da minha família... então foi todo mundo da família com quem a gente tinha contato embarcando nessa e ajudando de alguma forma ela.
			O que pra mim é difícil, meu marido me ajudava, e eu ajudava ela. Foi difícil, ele tinha bastante preguiça, inventava um monte de coisa, eu tinha que ficar gritando com ele... foi difícil. A minha irmã perdia a paciência com ele, aí ele vinha aqui pra minha casa, fazia, eu perdi a paciência com ele, ele subia, fazia, aí meu irmão vinha pra ajudar.

			[Eu] saia de casa às 5:30 da manhã. Tinha que pegar duas conduções para chegar no serviço, era meio <i>longinho</i> [...] eu chegava era 19h, 19h30, então minha tia, de idade, [a filha] adolescente, então para ela também [era ruim para ensinar]. O pai deles também trabalha. Então ficou bem... eles ficaram bem largados dessa parte de escola, vou falar a verdade!
	Escola em tempos de pandemia: adequações necessárias	A organização da escola durante a pandemia	Teve pontos da escola que ela foi superior a várias outras escolas que são reconhecidas, mas teve coisas que deixaram a desejar, aí quando eu começava a cobrar eu me tornava a “reclamona” a “chata”...
			A escola também deixou a desejar em algumas coisas [...] eu reclamava de organização.
			Dessa escola eu não tenho do que reclamar, ela foi muito boa, ela ajudou bastante na pandemia, as atividades eram algumas fáceis, outras eram bem chatas. [...] Eu tive acesso de imediato no grupo [de whatsapp da turma].
		Relação com a professora	E como contato com a professora não tenho do que reclamar, tudo que eu me predispus a fazer, a professora também se predispôs a me ajudar e tudo certo.
			Não tem o que reclamar da professora, nem da escola, graças a Deus.
		Valorização do professor	É, não tem o que falar, vocês não foram omissos, sempre ajudou quando precisou, a gente sabe do papel de vocês e eu espero que por mais que essa pandemia continue, é, que não deixem de dar essa assistência ou de mandar atividade se eventualmente acontecer alguma coisa pior, que a gente espera que não né?
			Eu falei: “meu Deus, uma criança me deixou assim, com o marido, imagina a professora com várias crianças dentro da sala? o quanto não cai o cabelo... mas tava complicado
			Agora que a gente tá dando valor na situação, na importância que o professor tem para vida de todo mundo, principalmente dos pais, porque não é fácil você lidar com filho dos outros. Cada um tem um ego, cada um é de um jeito

			Acho que ele gosta de aprender mais com a professora, não com os pais.
		Escolarização pós pandemia	Para muitas crianças, não só para crianças, adolescentes, principalmente, os adolescentes eu acredito que até dos quinze ou dezoito anos pra baixo, eu acho que vai ser uma geração não que perdida, mas vai ser difícil, porque se antes da pandemia já era difícil, agora fica muito pior porque essa geração de hoje, eles não querem saber de estudar né?
			Vai ter muito <i>nego</i> aí sim saber muita coisa, por exemplo, a minha filha de 15 anos, foi para o primeiro ano sem saber, eu falo pra ela que ela não sabe nada! Porque, assim, prô, em casa, você sabe, né? Adolescente!

Escola em tempos de pandemia: adequações necessárias	Atividades impressas e online: desafios e caminhos para a aprendizagem significativa	A relação dos estudantes e famílias com as atividades impressas e online	Eu sempre achei o material muito rico... o impresso para ela foi muito melhor... Por que você abriu o computador: "mãe eu quero jogar", então foco já dispersa... e o impresso não, vamos tentar aqui, vamos fazer!
			Essa ajuda do livro, do material impresso, mas aí a quantidade do material a qualidade do material sempre foi muito boa! O que realmente me dificultou a entrega do material, somente de Educação Física, foram os horários.
			Ele odiava prô, ele não deixava nem eu buscar na escola. [...]Achava muito difícil, ele falava "o que? eu não tô entendendo nada", "eu não vou fazer nada", aí ficava chorando sabe? Aí foi difícil algumas atividades.
	Ferramentas e locais para estudo	Espaços para os estudos	Eles gostam de fazer na escola! Eles falavam "não vejo a hora de fazer a lição com a prô, porque você, mãe, não tem paciência, você é muito estressada e não sei o quê!".
			É, a gente tem uma sala, a gente reservou espaço, mas a gente... é assim, a minha casa é um pouco diferente das outras, eu moro na parte de baixo e tem uma parte que é de cima, na parte de cima, a gente ia fazer uma lavanderia, mas a gente acabou não fazendo e acabou fazendo uma cozinha, que é uma parte mais quente da casa, então a gente fica mais nessa

		parte, porque eu já estou próximo das coisas que eu faço durante o dia e durante a tarde, durante a noite, a gente já fica na parte de baixo que é mais fresquinha que é mais tranquilo. Mas às vezes a gente tem a sala que a gente faz as atividades ou na cozinha mesmo. Não, geralmente a gente faz na cozinha mesmo! Senta na mesa lá, que na mesa é mais confortável, porque no quarto é ruim porque não tem mesa e o quarto deles não é muito grande. O quarto dele só cabe a cama deles, o guarda-roupas e eles [risos]. O quarto deles não é muito grande.	
		Celular: até que ponto é um forte aliado para a comunicação? Então o celular é a forma que a gente mais utiliza para pesquisar. Sempre tento impor para ela regras com relação à utilização do celular. Vai ter hora para tudo, tudo a gente tem que ter um momento, até para a gente descansar. WhatsApp é um aplicativo que tipo me permite ter quase que instantaneamente a informação. Foi uma ferramenta legal, não vou dizer que é uma ferramenta ruim não. No começo era [acessava as atividades por meio de] um tablet que eu tinha comprado pra ele, depois quebrou e aí ficou só o celular. [...] O celular do estudante, tem pouca memória, então, eu acho que sou tem instalado o WhatsApp né? [...]É que esse celular era meu, aí eu dei pra ele, já estava com problema [o celular]. Mas era mais mesmo pra ele jogar, alguma coisinha assim, mas não dava pra fazer “nossa” [muitas coisas].	
	Conectividade e tecnologia: rompem ou cultivam barreiras?	Conectividade e tecnologia	O celular... Praticamente uma extensão da gente, a gente tá sempre com ele do lado De 2000 para cá, criança é tecnologia! A pandemia realmente ela trouxe [ela veio] para aflorar os nossos instintos né, verificar as nossas habilidades, as nossas qualificações. ela pôs em xeque tudo, tudo que a gente possa imaginar! Muita gente não conseguiu ter o acesso que eu tive, a oportunidade que eu tive de estar com ela, seja por falta de

			esforço, seja por falta de dinheiro, porque muita gente desempregada...
			A internet hoje é o que liga as pessoas, querendo ou não, uma forma positiva ou negativa tá ligando, então você tem mais informações com a internet, muita gente, num geral não teve essa oportunidade
			É de início, a gente não tinha [wi-fi, nem dados móveis], tanto que a gente pegou, que a escola cedeu o chip com dados móveis e aí a gente ficou usando os dados móveis. Com esses dados móveis a gente conseguia fazer algumas atividades com ele, depois a gente conseguiu melhorar e colocamos pela rede de wifi.
			[o chip fornecido pela Secretaria de Educação] Funcionou! Mas também, só pegou mesmo, porque como aqui em casa já tem <i>wi-fi</i> e tudo, então nem chegaram a usar, assim, na verdade.
			Eles têm um celular um pra cada um, [...] É que esse celular era meu, aí eu dei pra ele, já estava com problema [o celular]. Mas era mis mesmo pra ele jogar, alguma coisinha assim, mas não dava pra fazer “nossa” [muitas coisas]. O irmão gêmeo do estudante também tem um que não estava novo. Mas não compensa dar um novo, não, porque eles não têm cuidado!
	A televisão como veículo de informação e desinformação	Pandemia e Televisão	A televisão também ela espalha de um jeito como se ela quisesse que a população ficasse aterrorizada porque a intenção deles é isso, é, eles querem alertar a população e deixar a população aterrorizada pra todo mundo ficar com medo e não sair de casa, não ir trabalhar e fazer as coisas. Então a gente ficou bem assustado.

Educação, escolarização e o processo de humanização	Educação de ontem e hoje, grandes mudanças!	Comparação com o passado	Eu às vezes cobrava estudante como se fosse eu, mas aí eu vi que o tempo é outro.
	“Sem o estudo na vida, a gente não é nada!”	Educação como fonte de aprendizagem e	Os tempos são outros, a forma de ensinar é outra, e a forma da gente aprender também! Sem o estudo na vida a gente não é nada! Eu falo por conta própria, né? A gente sabe que se a gente não tiver hoje, no mínimo, uma escolaridade de

		desenvolvimento	ensino médio a gente não consegue nada.
			As crianças são o futuro do Brasil e sem educação a gente não tem nada, a gente não luta por nada, a gente tem que saber... tudo pela educação, se a gente quer mudar o país tem que ser pela educação, para saber o que é certo, o que é errado e cumprir com as leis.
		Consciência Cidadã	Quando eu aprendi que eu tinha deveres e direitos [...] ...[entendi que] eu tenho direito de contestar.
	Cada criança é um ser único! Respeitar suas particularidades é essencial!	Respeito ao ritmo da criança	Eu fiquei com medo, eu pensei “eu não vou dar conta, não vou dar conta”... Calma! Cada criança tem seu tempo, então qual que é o tempo dela?
			Foi um processo devagar, foi um processo lento, mas valeu muito a pena, foi enriquecedor. Não vou lidar, vou surtar... e não, respira que dá certo! Vamos de pouquinho e pouquinho!